



RAÍZES

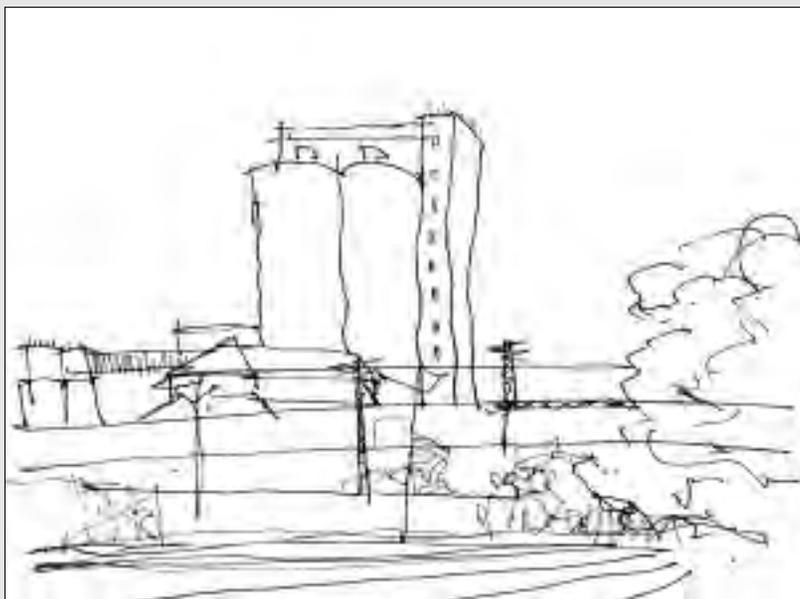
Ano XVII - Nº 31

São Caetano do Sul

JULHO de 2005



Nossa Capa



O desenho da capa, realizado por Artur Cole, expõe um dos marcos referenciais de São Caetano do Sul: os silos do Moinho Santa Clara, marco da história da cidade, marco na sua paisagem, na memória de cada um.

Este desenho faz parte de um conjunto de 350 desenhos que foram realizados por quatro artistas plásticos: Artur Cole, Edson Baeça, Flávio Camargo e José Romero, nos seus deslocamentos pela paisagem urbana de São Caetano do Sul, em 1999 e 2000. Este acervo de desenhos será exposto na Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul.

O desenho, quando ativa a memória e a imaginação, pode produzir novas experiências, que se somam às vivências de cada um, fundando identidade. O desenho entendido como desígnio, de designar, dar nome às coisas, identificar o que permanece, pôr à luz.

O desenho como registro de vivências e de investigações poéticas, que revela na sua construção a intenção de quem trabalha a cidade como suporte de um projeto poético.

Desenhando São Caetano do Sul, percebendo o tempo, a configuração do espaço, seus habitantes, sua arquitetura, suas coisas.

O desenho da cidade.

Artur Cole

RAÍZES

ISSN 1415-3173

Ano XVII - Número 31- Julho de 2005

A Revista RAÍZES é uma publicação semestral com distribuição gratuita.

■ Editada e Publicada pela **Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul**

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 - Sta. Paula
CEP 09541-520 | São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420

www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br
raizes@fpm.org.br

■ COORDENAÇÃO GERAL

Sônia Maria Franco Xavier

■ REDAÇÃO

Jornalista responsável: Alexandre Toler Russo
(MTb 33212)

Digitalização de Imagens: Fabíola Fioravante

Pesquisa: José Roberto Gianello

Secretaria e Coordenação: Maria Ap. M. Fedatto

Assessoria: Paula Ferreira Fiorotti

Conselho Editorial: Alexandre Toler Russo, Celso de Almeida Cini, Domingo Glenir Santamecchi, Humberto Pastore, José Roberto Gianello, Maria Aparecida M. Fedatto, Mário Del Rey, Mário Porfírio Rodrigues, Paula Fiorotti, Sônia Maria Franco Xavier (presidente), Valdenizio Petrolli, Yolanda Ascêncio.

■ IMAGENS

Fotografia: Antônio Reginaldo Canhoni

Capa: Artur Cole

■ PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

INTEGRAÇÃO - Ponto a Ponto, Bairro a Bairro, Notícias e Variedades / Antonio Devanir Leite Júnior - MTb 19.866

■ FOTOLITOS E IMPRESSÃO

Gráfica Provo

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Editorial

É sempre com renovada satisfação que lançamos um novo número de *Raízes*, um mergulho profundo nas águas do passado.

A revista *Raízes*, no seu 31º exemplar de publicação ininterrupta, tem muito a comemorar na medida em que conseguiu se firmar numa política bastante clara em relação ao resgate da História de São Caetano do Sul. Algumas inovações têm sido feitas em sua forma e em seu conteúdo, ao longo destes 16 anos de circulação, para torná-la cada vez mais atraente ao seu público - aqueles que vêm no passado uma rica fonte de conhecimentos.

A amplitude, profundidade e diversidade dos temas abordados variam conforme o percurso histórico analisado e os depoimentos apresentados em diversas sessões como cultura, esporte e memória.

Neste número, compõem a sessão dossiê diferentes trabalhos sob a denominação de "Poeticidade", uma aproximação entre arte e cidade onde alguns pesquisadores interpretam São Caetano do Sul pelos traçados de suas construções, por sua paisagem natural e edificada. Trata-se de uma análise instigante e poética da realidade pelo olhar de arquitetos e fotógrafos sob diferentes ângulos. Dissecta-se e desvenda-se a cidade em nuances muitas vezes despercebidas em consequência de processos evolutivos desordenados na sua proposta arquitetônica.

Regressando a um passado mais distante, com interessantes trabalhos, índios e jesuítas são lembrados, bem como a Freguesia de São Bernardo e os antecedentes das igrejas católicas são minuciosamente analisados.

Aprofundando o tema religioso, a história do jubileu de ouro de três paróquias é apresentada de modo elucidativo e abrangente. Enfim, de forma bastante ampla e profunda, vários temas como Rádio Cacique, Clube Pan-Americano e História das Estatísticas completam este número.

Esperamos que este exemplar de *Raízes*, fruto de pesquisas de muitas pessoas que se dedicam à nossa história, constitua-se, à maneira dos números anteriores, em um legado profícuo à nossa memória.

Sônia Maria Franco Xavier

presidente da

Fundação Pró-Memória de São Caetano Sul

Palavra do Prefeito



*José Auricchio Júnior,
médico e atual prefeito de
São Caetano do Sul*

Memória: o alicerce do futuro

Construir a São Caetano do Sul do futuro é a razão de ser de minha administração à frente da Prefeitura Municipal. Dia e noite, eu e minha equipe estamos trabalhando para oferecer à população uma cidade moderna, estruturada e que tenha no humanismo sua veia mestra. Sempre conscientes: dos problemas que necessitam ser sanados (já se foi o tempo de negá-los) e da necessidade de ampliar as inúmeras qualidades que São Caetano ostenta.

Esse olhar para o futuro, entretanto, jamais deixa de contemplar o passado. Sem as lições de outrora seria impossível erguer a São Caetano de amanhã. Afinal, foi com o suor dos imigrantes, nossos antepassados que só dobravam seus joelhos para rezar, e com a coragem dos autonomistas, que a tudo desafiaram em nome da liberdade, que se edificou essa grande cidade onde vivemos.

Planejar e trabalhar para construir a São Caetano do Sul do futuro sobre alicerces tão nobres é, mais que um desafio, uma honra. Motivo pelo qual sou um entusiasta de primeira hora dos projetos de preservação da memória.

Entretanto, o imediatismo da vida moderna trata a preservação do patrimônio cultural como assunto menos sério. Apesar dos conceitos que reforçam a importância do resgate histórico e da certeza que muito aprendemos com os erros e acertos do passado, esta prática ainda não é rotina nas cidades brasileiras.

Felizmente, isso não acontece em São Caetano do Sul. Prova disso são os projetos da Fundação Pró-Memória, como a Revista *Raízes*, que com este número inaugura sua série 2005. E muito mais faremos, pois a preservação da memória é o alicerce para a construção do futuro.

Viva a memória de São Caetano do Sul!

Índice



Dossiê / Poéticidade

6 - Uma aproximação entre arte e cidade

Artur COLE

16 - Percepção de um município em transição

Enio MORO JÚNIOR

22 - Reminiscências ufanistas de um passado coletivo: São Caetano do Sul e sua paisagem

Rogério ALVARENGA

25 - A fotografia e a cidade

Neusa Schilaro SCALÉA

Regionais e Artigos

28 - Índios, paulistas e jesuítas, na São Paulo de fins do século XVII

Juarez Donizete AMBIRES

32 - A antiga Freguesia de São Bernardo: antecedentes, criação e paróquia

Cristina Toledo de CARVALHO

40 - As comemorações do jubileu de ouro de templos católicos no município em 2005

Celso de Almeida CINI

59 - História oral e estatísticas antigas

Alexandre Toler RUSSO

62 - O Bairro Prosperidade e sua identidade

Rosemeire Bento SIMÕES

Cultura

68 - No ar, pela Rádio Cacique, o programa Entre Estudantes

Humberto Domingos PASTORE

72 - Clube Pan-Americano

Mário Porfírio RODRIGUES

Memória

74 - Contrariando os dados

76 - A participação portuguesa na cidade

Personagem

78 - Lauro Garcia (1916-2004): 88 anos dedicados à comunidade

José Roberto GIANELLO

Depoimentos

81 - Quadros de Vida

Sônia Maria Franco XAVIER

86 - Lauro Barbeirof: amor à profissão, ao Clube Atlético Monte Alegre, às raízes

89 - Agueda Braidó Molinari, 90 anos de memória

Yolanda ASCENCIO

Esportes

92 - José Bonesso, espelho para uma vida longa e bem-vivida

João BRESCIANI

95 - Valentino Chias, um craque do passado

Narciso FERRARI

Registro

98

Memória Fotográfica

103

Luiz Olinto Tortorello

(15/04/1937 - 17/12/2004)



Em 24 das 31 edições da revista *Raízes*, publicação semestral que desde julho de 1989 tem mostrado ao público a História de São Caetano do Sul, a figura do ex-prefeito Luiz Olinto Tortorello foi estampada na primeira página, sempre acompanhada de uma mensagem dirigida a todos os leitores desta revista hoje produzida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. (*Raízes* nasceu em 1989, durante a primeira passagem de Luiz Olinto Tortorello pela Prefeitura. De início, era produzida pela Assessoria de Comunicação da Prefeitura, e somente em 1997, no segundo mandato do ex-prefeito, foi transferida para a Fundação Pró-Memória, instituição criada pelo próprio Luiz Olinto Tortorello em 1992, último ano de sua primeira experiência no comando do Executivo local.)

Em *Raízes* nº 1, de julho de 1989, o prefeito justificou a criação da revista através de mensagem em que frisou a necessidade da conservação da Memória: *São Caetano do Sul tem uma grande história, secular que é, e mostra raízes espalhadas desde a colonização do Brasil. Muito se conhece, os escritos aí estão, mas escapam dos letristas, contistas, historiadores, poetas e escritores, muitas passagens, que pelo seu folclore constituem arcaísmo raro que deve ficar anotado, conhecido e formar acervo histórico.*

Mesmo quando, em julho de 1997, Luiz Olinto Tortorello, no início de seu segundo mandato, fez com que a revista *Raízes* passasse da Assessoria de Comunicação da Prefeitura para a Fundação Pró-Memória, instituição que ele mesmo havia criado no final de seu primeiro mandato como prefeito (1992), o objetivo da publicação não se alterou: a conservação da Memória através da palavra escrita continuou a ser a meta do Conselho Editorial e dos articulistas de *Raízes*. Em realidade, a transferência dos trabalhos para a Fundação Pró-Memória, onde havia muito mais

recursos materiais para a elaboração de textos históricos, facilitou o alcance do propósito defendido pelo ex-prefeito no primeiro número da revista e melhorou a qualidade dos textos através dos quais esse propósito devia ser atingido.

De 1997 até 2004, isto é, desde o início de seu segundo mandato como prefeito até o final de sua terceira gestão à frente do Executivo em São Caetano do Sul, Luiz Olinto Tortorello nunca deixou de prestigiar a revista e sempre fez questão de acompanhar de perto o andamento das atividades. Preocupado em manter a qualidade dos artigos, no intuito de que a Memória da cidade não se perdesse, o ex-prefeito sempre fez questão de elogiar as coisas bem-feitas e sugerir constantes melhorias. Confiante nessa qualidade que jamais perdeu de vista, Luiz Olinto Tortorello, seguramente um dos homens que mais contribuíram para a criação e a manutenção da revista *Raízes*, no último texto que escreveu para ela, texto esse publicado na edição de número 30, lançada em nove de dezembro de 2004, poucos dias antes de sua morte, se expressou do seguinte modo: *[Raízes] É um documento obrigatório para todos que nos queiram entender e conhecer, desvendar os segredos de uma pequena cidade que sempre se supera, que é sempre notícia boa. É a nossa História.*

O ex-prefeito Luiz Olinto Tortorello passa agora a fazer parte dessa História que tanto ajudou a preservar. (*Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*).

Luiz Olinto Tortorello, nascido em Matão, São Paulo, no dia 15 de abril de 1937, era filho de José Tortorello e Antônia Capovilla Tortorello. Foi casado com Avelina S. Romanelli Tortorello, com quem teve quatro filhos: Luiz Olinto Capovilla Tortorello (casado com Verence de Jesus Romão Tortorello), Marco Antônio Capovilla Tortorello (casado com Márcia Barros Minhava Tortorello), Marta Cristina Capovilla Castro (casada com Luiz Alberto Castro) e Maria Angélica Capovilla Tortorello.

CARREIRA - Iniciou carreira política como vereador em Matão e em São Joaquim da Barra. Posteriormente, entre os anos de 1987 e 1988, foi deputado estadual pelo PTB - Partido Trabalhista do Brasil. Dois anos depois, em 1989, assumiu pela primeira vez a Prefeitura de São Caetano do Sul, cumprindo mandato até 1992. Em 1997 tornou-se novamente prefeito de São Caetano do Sul, e esse segundo mandato durou até o

ano 2000. No ano seguinte, 2001, deu início à sua terceira e última experiência à testa do poder Executivo do Município de São Caetano do Sul, pois, em 17 de dezembro de 2004, no final do mandato, acabou falecendo.

Além de uma longa trajetória o político, Luiz Olinto Tortorello também trilhou os caminhos da educação. Juiz de Direito do tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, o ex-prefeito de São Caetano do Sul chegou a ser professor e pró-reitor da Uniabc e docente da Universidade de São Francisco e das Faculdades Associadas do Ipiranga. O professor Luiz Olinto Tortorello sempre fez questão de exaltar a importância da educação na esfera pública, e em todas as suas passagens pela Prefeitura de São Caetano do Sul o ensino foi priorizado.

Uma aproximação entre arte e cidade

Pesquisa:
Contribuições
à percepção
da paisagem
urbana

Esta pesquisa, desenvolvida de 1999 a 2000 junto ao Núcleo de Pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Grande ABC, realizou com quatro artistas plásticos mais de 350 desenhos na cidade de São Caetano do Sul, trazendo à luz espaços singulares, imagens únicas percebidas pelos corpos, na ação cognitiva dos deslocamentos pelo espaço urbano e na produção sensível dos registros, na construção de um conhecimento artístico, no seu poetar.

Para o presente artigo importa observar, por um lado, a metodologia adotada, que procura aproximar arte e cidade a partir da questão da identidade, seja do habitante, seja do lugar, tomando-se como contexto o espaço urbano de São Caetano do Sul, que apresenta imagens únicas e possibilita vivências singulares, aproximando a obra de arte e os desenhos aos fatos urbanos, ao acontecimento da cidade, ao grande artefato (feito com arte) humano, coletivo, social e estético. Por outro lado, a equipe de artistas, que se auto-denominou Poéticidade, composta por artistas plásticos que se reúnem desde 1997 no ateliê de Artur Cole, discutindo e fazendo arte, direcionando suas investigações intimamente ligadas à cidade, trabalhando a cidade como suporte de um projeto de suas ações poéticas.

Os fundamentos da metodologia adotada estão desenvolvidos no capítulo O Desenho da Metodologia: Lugar / Identidade / Orien-

tação, onde trazemos, sob a ótica da arquitetura, autores como Giulio Carlo Argan, Aldo Rossi, Kevin Lynch, Gordon Cullen, Vera Pallamin e Maria Elaine Kohlsdorf, que discutem conceitos de identidade, obra de arte, forma e percepção do espaço, *locus/fato* urbano/lugar. Os fundamentos teóricos do grupo Poéticidade são desenvolvidos no capítulo O Desenho da Ação: O Projeto Poético e a Cidade, no qual apresentamos, sob a ótica da filosofia, autores como Maurice Merleau-Ponty, Maria Cecília Almeida Salles e Nelson Brissac Peixoto, que discutem conceitos como a experiência e a memória, a composição

plástica e o signo, documentos de processo, percepção e criação, desenhos/obra de arte.

Os desenhos realizados, entendidos como documentos primários, são os principais produtos dessa pesquisa. Contudo, é necessário destacar que esses desenhos apontam os resultados da identificação dos espaços significativos e dos marcos referenciais de São Caetano do Sul, apresentados em dois capítulos do texto completo do arcabouço da pesquisa, que poderão ser conteúdo de outro artigo dadas a extensão e a complexidade do texto original. Esses capítulos são intitulados O Desenho da História e da Topografia e O Desenho do Cenário e dos Marcos Referenciais de São Caetano do Sul.

DESENHO

Este trabalho de desenhar São Caetano do Sul, realizado por quatro artistas plásticos, não só revelou percepções diferenciadas e belezas inusitadas, mas também procurou identificar espaços significativos e marcos referenciais do município, ou seja, lugares densos de identidade que servem como orientação aos seus habitantes ou aos de passagem. Orientação no deslocamento pelo espaço urbano mas também no sentido afetivo de quem mora e participa da construção da paisagem de São Caetano do Sul.

É preciso observar que esse trabalho é fruto de uma reunião entre as percepções artísticas de seus autores e de uma metodologia de abordagem do espaço urbano da cida-

de. Essa metodologia é fundamentada no entendimento da cidade como a grande obra de arte humana, coletiva e social, com um sentido estético, realizado sobretudo pelos grupos que detêm os meios de produção e a gerência dos lugares, mas também pelos seres que vivem e constroem suas existências, contribuindo na construção desse espaço.

Ao aproximarmos arte e cidade, estudando autores como Giulio Carlo Argan (1995) e Aldo Rossi (1995), percebemos que é a partir da identidade que se concebe essa aproximação, tanto da obra de arte quanto do fato urbano, identidade essa pensada no movimento desde o lugar até os seres que habitam o lugar. Na necessidade que este homem (enquanto ser humano) sente de representar para si uma forma da situação espacial onde vive e opera.

É na percepção da natureza do lugar e sua relação com a arquitetura que podemos compreender essa identidade. Quando compreendemos que os lugares apresentam imagens únicas ao ser habitante, que consegue realizar vivências singulares, percebemos a identidade em formação, a sua influência recíproca na constituição desse cenário do acontecimento do ser. A cidade.

Para Walter Benjamin (1985), a memória e a experiência vivida são fundamentos dessa identidade de ser. Só tem memória aquele que realiza sua experiência de modo próprio, construindo sua identidade individualmente e socialmente.

Estes autores entendem, por um lado, que o espaço urbano é repleto de objetos, de artefatos criados pelo homem, e, por outro lado, que a experiência da percepção e os processos da imaginação são de extrema importância para a identificação e orientação dos seres, nos deslocamentos por entre os objetos. Para eles, a *problematização* da paisagem urbana é entendida na compreensão da cidade como acontecimento histórico em desenvolvimento, constatando que a arte é um acontecimento da cultura urbana, uma estética apontando um urbanismo.

Rossi estabelece uma relação entre fato urbano e obra de arte, quando observa que na natureza de ambos há algo que os torna muito semelhantes, pois eles são uma construção na matéria, únicos, condicionados e condicionantes, apresentando um caráter

artístico à sua qualidade, ou seja, ao acontecimento do único e singular. A própria definição de obra de arte.

A questão da identidade aparece como dependente da relação de sua forma e matéria organizada no espaço e no tempo, apresentando o fato urbano como obra de arte, sempre ligado a um lugar, a um acontecimento e a uma forma, cujo caráter advém da imaginação e da memória coletiva. Para Rossi a cidade é um imenso depósito de fadigas, obra das nossas mãos, testemunhos de valores, permanência e memória. Fruto da relação entre o lugar e os homens e a obra de arte, que é o fato último e decisivo, que conforma e orienta a evolução segundo uma finalidade estética. (Rossi, op.cit. pg.22.)

É em Maurice Merleau-Ponty, a partir dos estudos de Vera Pallamin (1966), que busco o entendimento da noção de forma e de percepção do espaço, em que o autor considera esses fenômenos enquanto estrutura, como sistema que abarca simultaneamente o sujeito e o objeto, numa relação mútua, na sua interação no âmbito da construção da *espacialidade*, justamente entre quem faz e o que é feito. Quando seus elementos e suas identidades dependem das relações que estes estabelecem entre si.

A configuração do campo da percepção, a partir da interação entre sujeito e objeto na produção do espaço, constrói o lugar da experiência e da memória como vivência perceptiva, revelando-nos uma configuração visível da experiência. O sujeito sofre a ação do mundo, mas também o pensa, um pensar que produz o mundo. O sujeito está envolvido no fenômeno, vivenciando-o. O mundo não é entendido como idéia, como conceito, mas sim o que ele é para cada um de nós. Na imagem mental que cada um de nós faz do fenômeno. Assim considerada, a forma é um conjunto com múltiplas significações, revelando uma rede de significações, umas relativas às outras. Seu vir-a-ser é um equilíbrio em movimento, dinâmico. Esta noção de estrutura, de sistema em movimento, insere definitivamente o observador no movimento do contexto investigado.

A percepção assim entendida nos revela uma enorme variação de perspectivas, de pontos de vista, onde tudo é móvel, onde um mesmo objeto é visto sob diferentes aspectos,

diferentes perspectivas, apresentando-nos múltiplas possibilidades. Merleau-Ponty diz que essas relações todas são polarizadas pelo nosso corpo, compreendido o corpo enquanto unidade de conduta e núcleo de significações, produtor de ações. Na sua interação com os objetos, que têm qualidades expressivas e são dotadas de sentido, Merleau-Ponty afirma que o comportamento de ambos é a significação, fundamentando seu pensamento na observação da característica *reflexionante* presente em ambos. Trata-se de uma reflexão que ocorre primordialmente no corpo, propagando-se nos objetos e instaurando uma relação expressiva, inaugurando o conhecimento perceptivo.

Ao realizarmos os nossos deslocamentos pelo espaço urbano de São Caetano do Sul, no nosso fazer/desenhar, incorporamos essa compreensão fenomenológica de corpo, entendendo que o conhecimento perceptivo engendrado nesse fazer gera ações do corpo, conhecimento esse compreendido como a capacidade desse corpo de orientar-se com relação aos objetos, quando estes se configuram como metas de nossos movimentos. O corpo leva consigo esse poder de trocar de nível espacial e perceber/compreender o espaço. Ancora-se nele.

O estabelecimento de direções no espaço é um fenômeno de nível espacial, assim como o movimento também o é, vinculando-se este a uma ancoragem do sujeito em seu meio. O mundo está em torno de nós, como um conjunto aberto de coisas em direção às quais nós nos projetamos. Nessa situação o movimento do nosso corpo é gerador de espaço e não um movimento no espaço. A intencionalidade presente em nossa percepção e ação qualifica o espaço e o objeto, envolvendo todo nosso modo de habitar o mundo.

Vera Pallamin cita Merleau-Ponty: *A constância das formas e a magnitude na percepção não é, pois, uma função intelectual, senão uma função existencial, isto é, deve referir-se ao ato pré-lógico pelo qual o sujeito se instala no mundo...* (Pallamin, 1996, op.cit.pág.45.)

Fenomenologicamente, a noção de lugar é compreendida como o lugar do próprio corpo, referindo-se à sua situacionalidade diante das coisas do mundo. Os lugares do

espaço não se definem como posições objetivas com respeito à posição objetiva de nosso corpo, mas inscrevem ao redor de nós o alcance variável de nossa visão ou de nossos gestos. *Este corpo é espaço, tempo, lugar e movimento. Quando olhamos este corpo humano, vemos nele uma temporalidade: é espaço porque sou meu corpo no espaço e gero espaço; um espaço que não é fixo porque sou também movimento. É lugar enquanto este corpo reflexionante percebe-se instalado num espaço qualitativo, tornando-se um espaço de conquista, no qual ele transcende o dado, o imediato, em direção ao possível, num movimento de negação e superação, movimento este que é o da própria existência. O lugar é estruturado de acordo com minha presença nele, no modo como nele me ancoro e instalo, e todos os parâmetros são fixados no espaço de acordo com minha existência. Ela é seu referencial. Sendo qualitativo o lugar é um espaço de abertura e ambigüidade, não sendo passível de plena determinação.* Merleau-Ponty compreende o espaço para além da distinção forma/conteúdo. O espaço está assentado em nossa *facticidade*: ele não é nem um objeto nem um ato de vinculação do sujeito. Espaço englobante. (Pallamin, 1996,op.cit.pág.49 e 50.)

Ao desenvolver o desenho da metodologia, retomo Rossi, que cita Lewis Mumford: *O pensamento toma forma na cidade e, por sua vez, as formas urbanas condicionam o pensamento. A cidade é, ao mesmo tempo, um instrumento material de vida coletiva e um símbolo daquela comunidade de objetivos e de consensos que nasce em circunstâncias tão favoráveis. Juntamente com a linguagem, ela é a maior obra de arte do homem.* (Rossi, op.cit.pág.258.)

Para esse trabalho é importante destacar o conceito de Rossi, *locus*, como a permanência mais significativa, aquela relação singular mas universal que existe entre certa situação local e as construções que se encontram naquele lugar. O *locus* como fato singular determinado pelo espaço e pelo tempo, por sua dimensão topográfica e por sua forma, por ser sede de acontecimentos antigos e novos, por sua memória. O arquiteto destaca a importância da memória coletiva (e também individual) para o conhecimento da estrutura mais profunda dos fatos urbanos

com relação à sua forma. Ele cita Maurice Halbwachs, que via nas características da imaginação e da memória coletiva o caráter típico dos fatos urbanos. *Quando um grupo é inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, mas, ao mesmo tempo, dobra-se e adapta-se a coisas materiais que resistem a ele. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que este mantém com aquele passa para o primeiro plano da idéia que o meio faz de si mesmo.* (Rossi, op.cit.pág.198.)

A própria cidade é a memória coletiva dos povos; e, como a memória está ligada a fatos e a lugares, a cidade é o *locus* da memória coletiva. Essa relação entre o *locus* e os cidadãos torna-se a imagem predominante, a arquitetura, a paisagem e, como os fatos fazem parte da memória, novos fatos crescem juntos na cidade. Nesse sentido as grandes idéias e ações percorrem a história da cidade e a conformam. Pensando a arquitetura da cidade, nos referimos ao *locus* como sendo o princípio característico dos fatos urbanos: o *locus*, a arquitetura, as permanências e a história nos ajudam a esclarecer a complexidade dos fatos urbanos. A memória coletiva se torna a própria transformação do espaço, a carga da coletividade. Cidadão e sociedade.

É provável que esse valor de história, como memória coletiva, entendida pois como relação da coletividade com o lugar e com a idéia dele, permita-nos ou nos ajude a compreender o significado da estrutura urbana, da sua individualidade, da arquitetura da cidade, que é a forma dessa individualidade... Assim, a união entre o passado e o futuro está na própria cidade, que percorre tal como a memória percorre a vida de uma pessoa e que, para concretizar-se, deve conformar a realidade, mas também conformar-se nela. E essa conformação permanece em seus fatos únicos, em seus monumentos, na idéia que temos deles. (Rossi, op.cit.pág.199 e 200.)

Trago novamente Argan quando ele aponta que a problemática do objeto de arte se estendeu à cidade. A cidade está para a sociedade assim como o objeto está para o indiví-

duo. A sociedade se reconhece na cidade como o indivíduo no objeto; a cidade como objeto coletivo. Argan afirma que a cidade também é identificável com a arte porquanto resulta objetivamente da convergência de todas as técnicas artísticas na formação de um ambiente tanto mais vital quanto mais rico em valores estéticos. (Argan, op.cit.pág.255.)

Hoje, não podemos mais conceber a distinção entre um espaço apenas meu e um espaço de todos. Hoje, é componente do espaço urbanístico qualquer coisa que, na contínua mutação da realidade ambiental, retém por um instante nossa atenção, obrigamos a reconhecer-nos em um objeto ou em



algo que, não sendo objeto no sentido tradicional do termo, ainda é algo que não conhecemos e cuja chave, cujo código de interpretação devemos encontrar. Todas as pesquisas visuais deveriam ser organizadas como pesquisa urbanística. Faz urbanismo o escultor, faz urbanismo o pintor, faz urbanismo quem quer que realize alguma coisa que se coloca como valor. (Argan, op.cit.pág.224.)

Para uma abordagem que tem na percepção sua *anima* e regente de todo o processo de leitura da paisagem urbana, trago como interlocutora Maria Elaine Kohlsdorf (1996), que define lugar como a porção territorial onde se desenvolvem práticas sociais, com uma gama de possibilidades bastante diversificadas, onde se incluem as contemplativas, de fruição estética ou incursões cognitivas. Para a autora, o espaço é um aspecto estrutural da cidade, revelando as íntimas *inter-relações* entre espaço urbano e sociedade, quando esse espaço é capaz de oferecer possibilidades e restrições à realização de práticas. Sua natureza social implica que o espaço da

cidade seja necessariamente histórico, no sentido de posicionado em marcos temporais, geográficos e culturais. Entende o objeto da arquitetura como espaço físico.

Como fenômeno real, a cidade é um espaço arquitetônico de tamanho generoso, tecido em várias dimensões físicas e que se mostra como uma totalidade formada de outras totalidades, em articulações cambiantes, fazendo com que sua lei de organização não seja nem única, nem perene, mas um conjunto onde cada edifício, árvore, praça, rua ou acidente geográfico é uma parte definida em suas características e relacionadas às demais e ao todo. O papel da forma física nesse espaço é fundamental, porque é por meio dela que se concretiza o desempenho do espaço quanto a expectativas colocadas pelos que o freqüentam.

Kohlsdorf também discute o conceito de identidade e reflete que há duas alternativas de interpretação do conceito de identidade que conduzem a duas abordagens possíveis dos lugares como fenômenos: na primeira, espaços diferenciam-se a partir de características distintas e sua identidade constrói-se sobre as diferenças entre seus atributos; na segunda, espaços assemelham-se a partir de características idênticas, e a identidade seria igualdade entre ambos. (Kohlsdorf, 1996, op.cit.pág.207.)

A autora explica que os lugares possuem uma capacidade de transmitir mensagens que serão interpretadas como revelação de certos sinais codificados. A arquitetura urbana comunica-nos informações de várias naturezas, expressando suas diversas características por meio de signos perceptíveis pelo nosso sistema dos sentidos.

É aceito que nossa capacidade de percepção do meio circundante é considerada, a partir do conjunto dos nossos sentidos, uma rede de sentidos variada que abrange visão/audição/tato/olfato/gosto, e que esses estímulos ambientais nos são transmitidos pelo espaço físico e pela estrutura da imagem, revelando-nos significações e semânticas, no deslocamento do corpo por esse espaço.

A esse respeito Kohlsdorf afirma: *As sensações cumprem uma função específica junto às expectativas sociais de orientar-se no espaço e de identificar os lugares. Esse papel se articula ao sujeito dos processos de*

apreensão segundo as condições de seu sistema sensorial e as características do meio ambiente, a partir das propriedades apresentadas quanto à emissão de estímulos visuais e táteis. Assim como varia a qualidade receptora dos indivíduos, é também distinta a oferta de sinais, pelo espaço que nos abriga. As sensações são a matéria-prima da percepção. (Kohlsdorf, 1996, op.cit.pág.56.)

Ela entende que a capacidade de aprendizado das pessoas se desenvolve através das possibilidades de se moverem, vivendo-se em um mundo em que tudo está em movimento. A condição cinética dos seres humanos transmite um estado dinâmico a tudo que os cerca, e o meio ambiente em que se encontram é percebido a partir de sua própria mobilidade. *O processo contínuo de aprendizado dos lugares dá-se dentro de um quadro de práticas sociais constituído por ações móveis como andar, parar, dirigir, sentar, correr e, também, olhar. Sabe-se que dois terços dos habitantes percebem a cidade como uma experiência cinética, sendo nossos movimentos e os dos veículos que utilizamos não apenas instrumentos para deslocar pessoas, mas também uma forma de mover a cidade para elas. Assim o espaço urbano apresenta-se à percepção dos que nele se deslocam como uma sucessão de cenas articuladas em certo intervalo de tempo, compondo um fenômeno de movimento.* (Kohlsdorf, 1996, op.cit.pág.80.)

Para Kohlsdorf, os processos de apreensão do espaço se dão pela sua natureza estética, emocional e informativa. O aprendizado dos lugares por meio de sua forma, ou seja, pelas suas estruturas plásticas, revela uma possibilidade simultânea dos processos sociais e dos mecanismos mentais. São destacadas as características das configurações como a noção de composição e a vinculação às dimensões socioculturais, nos seus aspectos simbólicos. A autora discorre sobre as sensações como responsáveis por nosso primeiro contacto com os lugares, constituindo-se na ligação mais próxima da consciência com a realidade objetiva, introduzindo a discussão sobre as funções de significado e orientação por meio de experiências vividas, quando o vínculo de significação dos organismos com o meio ambiente depende de ações motoras, de deslocamentos, fruto de nossa existência em

um mundo de objetos, que tem um papel de orientação do ser no ambiente.

O nível sensorial-empírico define-se por atividades cognitivas responsáveis pela formação de noções – que ao contrário dos conceitos não são fruto de intensa atividade teórica sobre as informações. As atividades integrantes desse nível são de natureza cognitiva primária, como a sensação, a percepção, a imaginação e a intuição. Apesar de demonstrações consistentes, o potencial das funções sensoriais-empíricas tem sido desprezado por posturas que negam a sensibilidade como categoria da inteligência humana. O desenvolvimento cognitivo de cada pessoa vincula-se a capacidades humanas como captar, codificar, decodificar, simbolizar, evocar, operar e transformar. (Kohlsdorf, 1996, op.cit.pág.48.)

Percebe-se a importância da formação da imagem mental, entendida como atividade composta pela coordenação de todas as imagens mentais e que só aparece quando o indivíduo adquire certo desenvolvimento cognitivo que lhe permite simbolizar. A formação da noção de espaço define-se por relações topológicas, ou seja, de localização do corpo no espaço. A autora centra sua abordagem nas questões da apreensão da forma do espaço urbano como leitura que indique onde são identificados os lugares significativos e atendidas as expectativas sociais *topoceptivas*. A configuração do espaço nesse desempenho cognitivo específico implica relacionar características morfológicas de lugares a expectativas sociais por orientação neles e sua identificação. A configuração do espaço possui qualidades que permitem informar com maior ou menor facilidade, àqueles que o frequentam, onde estão e como se deslocar com objetivos conscientes para outros lugares, seguindo certos trajetos.

O papel dos aspectos topoceptivos é básico para a realização de quaisquer outras aspirações, porque é sempre sobre o fundamento da orientação e da identificação no espaço que os indivíduos entram em contacto com o mundo a que pertencem, numa relação de aprendizado permanente. Por lhes oferecer

coordenadas de situação a leitura dos lugares permite o desenvolvimento de suas demais utilizações e a realização das diversas práticas sociais. As atividades cognitivas têm funções de socialização, o que as tornam responsáveis diretas pelas necessidades de nos orientarmos no espaço e de identificarmos os lugares. (Kohlsdorf, 1996, op.cit.pág.70.)

Lembremos que foi a partir de Lynch (1997) e Cullen (1996), aliada à fenomenologia existencialista de Heidegger (1987), que a própria idéia de espaço foi ligada a uma questão de lugar e identidade (origem), na tensão entre ser e existência (tempo), e de modo primário entre corpo e lugar (ser).

De acordo com Cullen, que nos traz uma imagem de dentro da cidade na sua dimensão micro, a ação do nosso olhar se dirige a uma relação inter-imagem e ambientação em que ótica, caracteres, vínculos visuais, limites espaciais e interpretação nos dão referências de lugar/posição/situação/estar/escala/espacial/visual/significativa, levando-nos a um entendimento de conteúdo desse espaço, das funções do lugar, das significações múltiplas, dos comportamentos de uso e relações no sentido dinâmico de reformulações.

De acordo com Lynch, sob a perspectiva de uma dimensão macro da cidade, atenta ao percurso perceptivo como revelador da imagem da cidade, percebemos a relação entre legibilidade e identidade quando a nossa elaboração dessa imagem é fruto de uma percepção de estrutura e identidade física, de significação e *imagibilidade*. A partir de elementos que Lynch define e que se inter-relacionam na constituição dos bairros, como os caminhos/vias, limites, nós, fluxos e marcos referenciais, criando um desenho que contri-



bua para compreensão da forma urbana, na direção de sua imagem.

Concluindo, trazemos Brissac Peixoto (1996), para quem a imagem da cidade, hoje, interage com todas as linguagens que tratam da imagem, relacionando-a com a arquitetura. É interessante, sobretudo, sua visão e ação no sentido de entender a cidade como suporte de uma ação poética. Perceber o espaço como uma constelação de forças que se articulam como expressão do nosso tempo. Fragmentos, passagens, entrelaçamentos inusitados, espaços intersticiais, um solo arcaico, juncado de vestígios e lembranças, horizonte saturado de inscrições, depósitos que acumulam vestígios de origem, traços de memória entre o imaginário e a arte contemporânea.

Neste nosso processo de construir imagens da cidade que sejam novas e que passem a fazer parte da própria paisagem urbana, vamos redescobrir São Caetano do Sul, reinventar a localização e permanência. Na direção da percepção da semântica e da sintaxe da linguagem da cidade, nos seus espaços significativos, marcos de sua arquitetura, nos seus ambientes construídos e inter-ambientes, nas imagens que tudo revelam.

PROJETO POÉTICO

O grupo que desenvolveu a pesquisa, sob minha orientação, tem como fundamento principal a sua própria composição, ou seja, quatro artistas plásticos - Artur Cole, Edson Baeça, Flávio Camargo e José Romero - que, desde 1997, vêm desenvolvendo trabalhos práticos, estudos teóricos e discussões, produzindo um convívio profícuo que constituiu uma tessitura sólida, bastante favorável à realização deste projeto.

Esse grupo, chamado *Poéticidade*, entende que seus instrumentos de análise, interpretação e representação do acontecimento da imagem em São Caetano do Sul derivam de uma percepção que compreende o espaço como existência do ser habitante, ou passante, cidadão com memória, de sua origem, lugar e identidade, trazendo significado a esse espaço que habita, onde as coisas e os seres estão numa interação que o nosso pensar, visual e teórico, a partir do ser-existir, do conhecer e do próprio pensar, entendendo as

poéticas visuais como formas de pensamento e conhecimento.

A primeira parte da pesquisa, intitulada *Contribuições à percepção da Paisagem: uma aproximação entre arte e cidade*, foi composta de um levantamento dos marcos referenciais e espaços significativos, assim como de um levantamento bibliográfico e iconográfico. A segunda parte da pesquisa foi composta de 350 desenhos realizados nesses espaços pelo grupo *Poéticidade*, bem como de fotografias e vídeos que registraram as imagens dessa paisagem. Um levantamento perceptivo.

O fato de o grupo *Poéticidade* ser formado por artistas plásticos é significativo, uma vez que o trabalho é de percepção do espaço e de seus habitantes, uma vez que qualquer deslocamento do nosso corpo, individual e coletivo, nesse espaço, já se constitui como ação, uma vez que o entendimento dessa ação se baseia nas sensações, uma vez que vivenciando o acontecimento do lugar está presente o ato criativo, uma vez que ação, criação e intenção apontam um projeto poético, uma vez que memória e imaginação acompanham a experiência, uma vez que nesse deslocamento/ação são produzidos documentos de processo, (como entende Cecília Almeida Salles -1988), uma vez que toda produção já contenha ação poética, entendendo qualquer registro/produto/documento de processo como ação poética sob o ponto de vista de um fazer artístico, dentro de um contexto da história, da sociedade e da arte. Gestos e movimentos feitos de sensações, pensamentos e ações, que são afetados pelas intervenções do consciente e do inconsciente individual e coletivo. Ações poéticas, certamente complexas, que iniciam sua concretização por meio de uma operação poética registrada em todos os documentos do processo que realizamos. De cada um e do grupo.

Revelando o desenho da ação de um grupo de artistas plásticos que trabalha a cidade como suporte de um projeto poético que, por necessidade, inclui o ser-cidadão-habitante-desta-cidade, instituindo ações na direção de identificar, revelar e produzir identidade e orientação. Procurando nessa investigação da percepção da forma da paisagem urbana e de seus elementos plásticos, indícios, rastros, vestígios daquilo que permanece, aberto e *reflexionante*, em movi-

mento, fundando identidade e orientação, para os seres, suas coisas, seu ambiente e sua cultura. Percebendo a unidade e singularidade dessa paisagem, vivenciando-a enquanto fenômeno e acontecimento. Percebendo o indeterminado, o inacabado, descortinando-se como paisagem. Percebendo o tempo, a configuração do espaço e seus habitantes. Percepção.

Trago alguns dos interlocutores que nos acompanharam neste trabalho para introduzir a discussão sobre percepção e criação, quando Argan chama a atenção para a sensação que é estar-na-cidade, vivenciando um incrível conjunto de pequenos mitos, ritos, tabus, complexos positivos e negativos. A possibilidade de captar a imagem do espaço urbano levantando o mapa do espaço-cidade, registrando o ritmo do tempo urbano que cada um de nós traz dentro de si e que constitui o sedimento inconsciente das nossas noções de espaço e tempo. Diz Argan que a cidade é a fonte de nove décimos das imagens sedimentadas em diversos níveis da nossa memória. (Argan, 1995, op.cit.pág.232.)

Há uma cidade de grandes estruturas que tem uma duração de anos ou de séculos. E há uma cidade de um dia, a cidade que dá a imediata impressão de ser feita de imagens, de sensações, de impulsos mentais. (Argan, 1995, op.cit.pág.223.)

Merleau-Ponty entende que a forma se dá na percepção e que o conhecimento perceptivo é o fundamento de todo o conhecimento realizado por um sujeito que habita o mundo. No prólogo de *Fenomenologia da Percepção*, ele descreve a consciência perceptiva como estando na base da consciência representativa, dirigindo sua reflexão ao corpo cognoscente, à intercorporeidade e ao mundo percebido. *A percepção, em suas implicações vitais e com anterioridade a todo pensamento teórico, se dá como a percepção de um ser. No campo fenomenal reconhece-se a forma como sendo originária.* (Pallamin, 1996, op.cit.pág.33.)

Nesse exercício de movimentação o meu ponto de vista e o ponto de vista do outro estão estruturados numa complementaridade. Existir é ser-no-mundo de modo próprio. Ao compreendermos essa complementaridade com o outro, vamos em direção à possibilida-



de de uma perspectiva pessoal. *O outro, para mim, é inexoravelmente transcendência, abertura para além do que posso ver. Implica sempre o além do atual, sendo seu sentido temporalmente constituído por minha relação com ele. Este sentido intersubjetivo é sempre nascente, motivo pelo qual a relação com o outro é primária para a nossa própria identidade.* (Pallamin, 1996, op.cit.pág.52.)

Esta intersubjetividade faz parte da estrutura do ser-no-mundo, sendo alicerce de toda construção da espacialidade. Esta não é uma construção de si para si, mas sim revelação de relações com a alteridade. Ela se dá como modulação de um poder de expressão que temos em comum. Cada fenômeno espacial é diferenciação de um movimento mais global de manifestação da intercorporeidade humana. (Pallamin, 1996, op.cit.pág.52.)

É na investigação que Cecília Almeida Salles (1998) empreende com relação ao processo de criação artística, dividindo-o em estética do movimento criador e abordagens para o movimento criador, que ela percebe que a mera constatação da influência do contexto não nos leva ao processo propriamente dito. O que se está buscando é como esse tempo e esse espaço, em que o artista está imerso, passam a pertencer à obra. Ela entende o ato criador como um contínuo processo de formalizar a matéria, com um determinado significado e de uma determinada maneira, no âmbito de um projeto estético e ético. Uma ação sensível e intelectual. Salles afirma que diferentes ângulos de observação do movimento criador nos oferecem uma ampliação de sua compreensão e uma aproximação maior de sua complexidade, propondo a discussão do processo criador sob diferentes perspectivas: ação transformadora, movimento tradutor, processo de conhecimento, construção de verdades artísticas e percurso de experimentação. Criação como composição.



A percepção artística, como atividade criadora da mente humana, é um dos momentos em que se percebem ações transformadoras. A lógica criativa consiste na formação de um sistema, que gera significado, a partir de características que o artista lhe concede. O processo de apreensão dos fenômenos envolve recorte, enquadramento e angulação singulares. O artista visto como um explorador da existência. O objeto que está sendo criado carrega um modo sensível de mediação da realidade que lhe é externa; é a percepção artística que age nessa escuta por meio de todos os sentidos. A percepção é um dos campos de "testagem" do ato criador: uma forma de exploração do mundo. (Salles, 1998, op.cit.pág.90 e 91.)

Esta intersubjetividade faz parte da estrutura do ser-no-mundo, sendo alicerce de toda construção da espacialidade. Esta não é uma construção de si para si, mas sim revelação de relações com a alteridade. Ela se dá como modulação de um poder de expressão que temos em comum. Cada fenômeno espacial é diferenciação de um movimento mais global de manifestação da intercorporeidade humana. (Pallamin, 1996, op.cit.pág.52.)

A poesia não está nos objetos observados mas no processo de transfiguração desses objetos. É enfatizado o papel transformador desempenhado pela percepção nessa ação do olhar sobre a realidade externa à obra. A obra de arte surge como uma reorganização criativa da realidade e não apenas como seu produto ou derivado, onde a criação se dá como seleção de determinados elementos que são recombinados, correlacionados, associados e, assim, transformados de modo inovador. O ato criador estabelece novas conexões entre os elementos apreendidos e a realidade em construção.

A percepção é a ação do olhar responsá-

vel pela construção das imagens geradoras de descobertas ou de transformações poéticas. Em seu processo de apreensão do mundo, o artista estabelece conexões novas e originais, relacionadas a seu grande projeto poético. Encontramos, no entanto, a unicidade de cada obra e a singularidade de cada artista, não só na natureza dessas combinações perceptivas, como também no modo como são concretizadas. (Salles, 1998, op.cit.pág.104.)

É preciso atentar, na concretização da obra, aos recursos e procedimentos criativos que o artista usa, quando adentramos na intimidade da relação entre forma e conteúdo, pois são esses recursos que os reúnem, trazendo as características do modo de ação de cada artista. Esses recursos são os mediadores responsáveis pelas modificações que as anotações sofrem ao entrar no universo em criação. É por meio dos recursos criativos que o projeto poético se concretiza e se manifesta. Quando defino recurso, estou enfatizando como aquele artista específico faz a concretização de sua ação manipuladora da matéria chegar o mais perto possível de seu projeto poético. (Salles, 1998, op.cit.pág.107.)

Esta intersubjetividade faz parte da estrutura do ser-no-mundo, sendo alicerce de toda construção da espacialidade. Esta não é uma construção de si para si, mas sim revelação de relações com a alteridade. Ela se dá como modulação de um poder de expressão que temos em comum. Cada fenômeno espacial é diferenciação de um movimento mais global de manifestação da intercorporeidade humana. (Pallamin, 1996, op.cit.pág.52.)

O artista estabelece um relacionamento íntimo e tenso com a matéria, por meio do qual seu projeto se realiza. No processo de manipulação e transformação da matéria há

mútua incitação. Nessa troca recíproca de influência, artista e matéria vão se conhecendo, sendo reinventados com seus significados ampliados. Essa forma de conhecimento que o artista adquire no processo é plasticamente expressa no percurso de experimentação. O ato criador como uma permanente apreensão de conhecimento é processo de experimentação no tempo. *O processo de criação contém, para Evandro Carlos Jardim, uma intenção ampla que é a busca de conhecimento para dar sentido à obra, no esforço de produzir algo que se justifique por si mesmo. Pois só assim a obra acontece plenamente. A obra de arte desenvolve-se à medida que informações ganham organização, o que significa obtenção de conhecimento. O artista munido de suas necessidades e a matéria com suas propriedades trocam informações, limites e potencialidades.* (Salles, 1998, op.cit.pág.130.)

Podemos dizer que esse processo de conhecimento das leis da matéria é alvo de muita experimentação, assim como essa experimentação mostra-se como momento de exploração na concretização do projeto poético. Ao produzir documentos de processo numa possível concretização de seu projeto poético, o artista vai explicitando para ele próprio o que espera da obra em constante movimento de avaliação e julgamento. A intrincada trama de motivos que envolvem a experimentação se transforma

em uma rede de relações.

O processo de criação, como processo de experimentação no tempo e no espaço, revela-se como uma permanente e vasta apreensão e produção de conhecimento, compreendendo que uma possível morfologia do gesto criador precisa falar da beleza da precariedade das formas inacabadas e da complexidade de sua metamorfose.

Concluimos com as reflexões de Nelson Brissac Peixoto (1996), que entende que o trabalho do artista plástico tramita no âmbito da unidade equilibrada do domínio do visível e do domínio do invisível. Percebe que é preciso resgatar nos rostos e nas cidades as paisagens essenciais constituídas pelas marcas da existência. Imagens com tempo. Procurar o sublime, o silêncio, sentir a vida pulsando. Percebe que o trabalho com imagens é o trabalho de fazer falar o que não tem palavra. Imagens do impensável, o indiscernível, o inenarrável, o inapreensível. Procurar olhar o mundo como paisagem, deixar as coisas nos olharem. Paisagens que apresentam nos seus traços, na sua geografia, na sua história, a marca da existência. Pôr à luz. Poetar!

(*) Prof. Dr. Artur Cole, mestre em Filosofia pela PUC-SP e doutor em Artes pela ECA-USP, é professor de pós-graduação na Fundação Santo André e artista plástico

(**) Edson Baeça, Flávio Camargo e José Romero, artistas plásticos, também contribuíram para a realização deste artigo

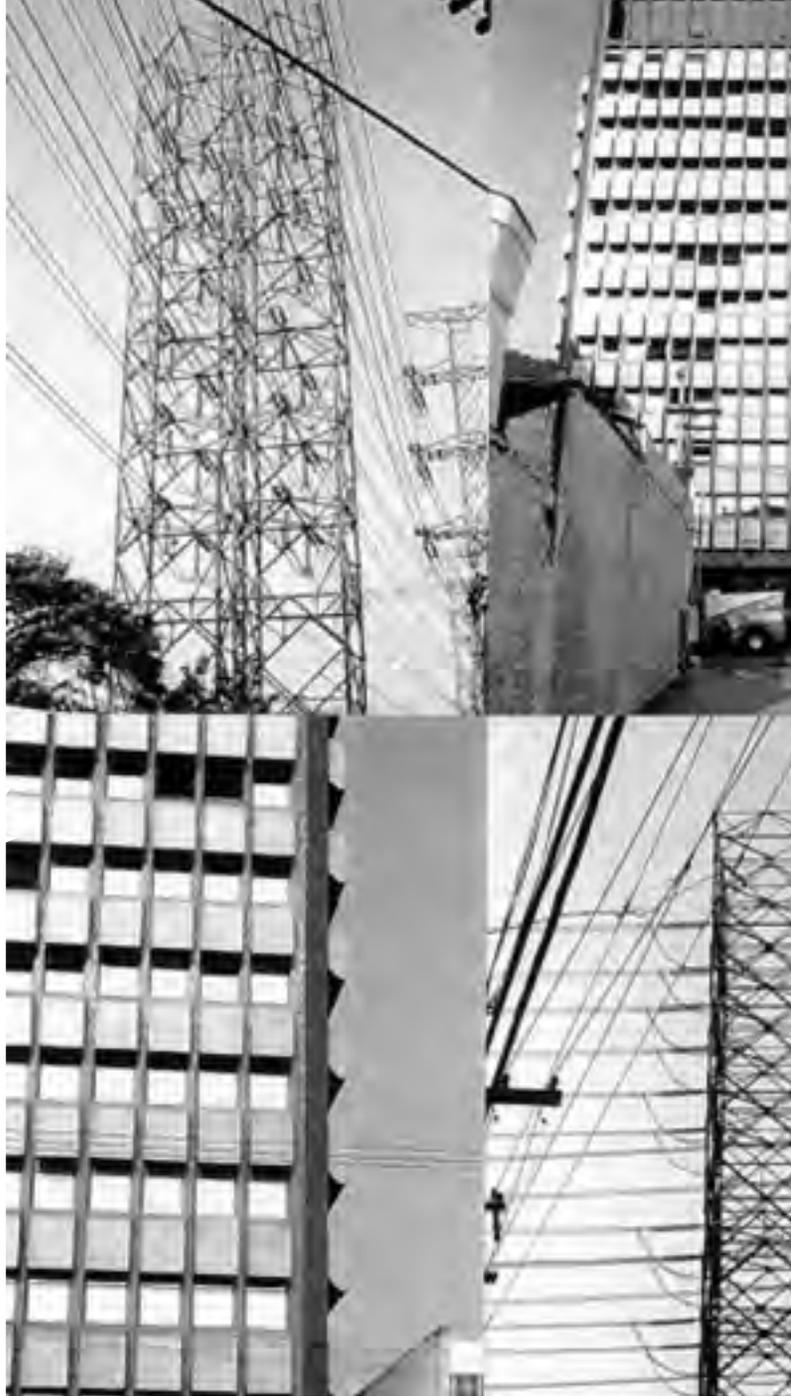
BIBLIOGRAFIA -

- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. Tradução de Pier Luigi Cabra: Martins Fontes, São Paulo, 1995.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi: Martins Fontes, São Paulo 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Brasiliense, São Paulo, 1985.
- COLE, Artur. *A obra de arte e o fazer-dizer do artista*. Dissertação de mestrado em Filosofia. PUC/ São Paulo, 1996.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Tradução de Isabel Correa e Carlos de Macedo: Edições 70, Lisboa, 1996.
- FEATHERSTONE, Mike O. *Desmanche da Cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura: Sesc/Studio nobel, São Paulo, 1997.
- FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*: SESC/Annablume, São Paulo, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão: Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1987.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo: Martins Fontes, São Paulo, 1997.

- KOLSDORF, Maria Elaine. *A apreensão da forma da cidade*: Editora UNB, Brasília, 1996.
- KRAUSS, Rosalind E. *Caminhos da Escultura Moderna*. Tradução de Júlio Fischer: Martins Fontes, São Paulo, 1998.
- PALLAMIN, Vera Maria. *Forma e percepção: considerações a partir de Merleau-Ponty*: FAU/USP, São Paulo, 1996.
- PEIXOTO, Nelson B. *Paisagens Urbanas*: Senac/ Marca D'água, São Paulo, 1996.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo e outras cidades*: Hucitec, São Paulo, 1994.
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. Tradução de Eduardo Brandão: Martins Fontes, São Paulo, 1995.
- SACRAMENTO, Enock. *Sacilotto*: Editora Sacramento, São Paulo, 2001.
- SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado – Processo de criação artística*: Fapesp/ Annablume, São Paulo, 1998.
- SANTAELLA, Lúcia. *Arte e Cultura - Equívocos do Elitismo*: Cortez, São Paulo, 1990.
- SCHULZ-DORNBURG, Julia. *Arte y Arquitectura: nuevas afinidades*: Gusavo Gili, Barcelona, 2000.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século: Duas Cidades*, São Paulo, 1983.
- _____ *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*: Empresa das Artes, São Paulo, 1996.

Rua Santa
Catarina

Percepção de um município em transição



Este artigo, produto da dissertação de mestrado *A percepção de um urbano em transição: o caso de São Caetano do Sul*, apresentada em 1999 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, discutiu a inserção da percepção ambiental urbana como subsídio objetivo para a formulação de políticas públicas. O enfoque adotado articulou duas linhas de reflexão: as experiências acadêmicas européias e norte-americanas sobre percepção ambiental

urbana da década de 60 do século XX e as *metodologias tradicionais urbanísticas* de análise da cidade.

Como aproximação referencial, o livro *Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, conduziu-nos a uma singela e poética estruturação imagética e perceptiva de cidades fantásticas, estabelecendo um fascinante estímulo à formação de imagens mentais que descreveram com clareza, simplicidade e ambigüidade um significativo e intrigante painel de cidades inexistentes. Paradoxalmente, a mesma densidade de imagem cidadina que este texto propôs é muito próxima dos con-



Rogério Cordeiro

culturais. Os processos perceptivos da paisagem urbana formulam imagens que geram diversos discursos, que por mais ricos que sejam, jamais se confundem com a própria cidade.

Dois conceitos são colocados como constitutivos da compreensão da percepção: o conhecimento e os sentidos. O conhecimento, sinteticamente, está relacionado ao aprofundamento da relação consciente entre o sujeito e o objeto; a percepção é sua condição prévia. Assim, o processo percepção/conhecimento é indissolúvel, pois o contato sujeito-objeto dá-se pela conscientização dos sentidos, que por sua vez é a fonte das imagens mentais.

O processo de aproximação do sujeito ao objeto interliga e revela o perceber e o conhecer. Para conhecer passa-se pelo perceber e o inverso também pode ocorrer por meio de associações e relações. Enfim, o conjunto de variáveis discutidas amplia a visão do conceito percepção, não o reduzindo a simples interligação do sujeito ao objeto por meio dos sentidos.

Como aproximação ao nosso objeto, discutimos a percepção visual como um conceito que ultrapassa uma simples impressão *retiniana*, mesclando repertórios individuais básicos, culturais e vivenciais que interligam a impressão *retiniana* aos processos mentais.

O transporte desses conceitos para a observação de um organismo complexo, como uma cidade, justifica o fato de que não basta uma observação desinteressada para a apreensão dos conteúdos imagéticos. É sempre conveniente a procura de surpresas, seja por meio da novidade em si, seja por meio da identificação de estruturas não observadas de um mesmo objeto, o que enriquecerá nossos processos de leitura visual.

O ambiente urbano é uma entidade rica em estímulos de toda ordem e seu processo de compreensão ocorre por mecanismos perceptivos específicos. A impressão visual, como sentido humano mais desenvolvido, será nossa orientadora, mas não podemos distanciar-nos de outros estímulos sensoriais como audição, olfato, tato.

Esta impressão é apenas uma das possibilidades para a percepção ambiental urba-

teúdos imagéticos pessoais de cidades que podemos não conhecer, como por exemplo Paris, Roma ou Nova York. Estas referências sensíveis, densas muitas vezes, constituem os fatores de base da percepção ambiental urbana.

Esta compreensão pressupõe do indivíduo um processo mental interativo com seu meio ambiente, onde os mecanismos cognitivos assumem importância fundamental. Esta interação seria o elemento-chave para a compreensão dos processos perceptivos, que ainda são complementados pelas especificidades das questões

na, onde articulam-se a percepção, a cognição e a avaliação. As ricas relações entre o fato urbano, como democracia e construção dos espaços, relações culturais, sociais, políticas, e a realização de anseios e necessidades humanas, merecem um cuidado e uma discussão aprofundada. As situações de produção, expansão e equilíbrio entre as atividades humanas em seu cenário urbano são fatores predecessores da constituição de aparatos imagéticos e simbólicos.

A grande questão é a localização dos limites e recortes das individualidades na questão urbana. Para nosso estudo sobre São Caetano do Sul nos preocupamos com elementos da percepção visual urbana nos seus elementos distintivos: cores, formas, texturas, volumes, limites, localização, relacionando elementos objetivos, reconhecidos, caracterizados, com elementos subjetivos a partir das proposições de Kevin Lynch e Gordon Cullen.

A percepção visual é fator fundamental para a compreensão dos processos de apreensão do ambiente urbano. O instrumento fundamental para a efetivação deste processo visita o conceito básico da estruturação da percepção visual: a produção de imagens.

Para a compreensão desta produção, faz-se necessário também compreender a cidade, não só como uma organização física de espaços, atividades, hierarquias e relações, mas também como uma explosão de informações resultantes das relações entre indivíduos e entre indivíduos e o espaço. O fenômeno urbano também decorre do impacto produzido por essas complexas relações, sendo apreendido pelas marcas e sinais que elas imprimem no cotidiano dos lugares, crenças, valores e ações de uma coletividade.

Enfim, a produção de imagens, critério-síntese dos processos perceptivos e instrumento para leitura e interpretação do fato urbano, realiza-se por meio da organização dos registros captados, estruturação dos dados pelos sentidos, vivências e informações que o espaço oferece.

A partir dessa linha de reflexão promovemos a construção de mapas mentais de São Caetano do Sul, com base em leituras

perceptivas, objetivando a formulação de um painel imagético a partir de impressões urbanas gerais, relatadas por profissionais ligados à cidade, moradores e estudantes de arquitetura.

As impressões dos arquitetos foram captadas por meio de um evento promovido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul - Aciscs denominado *Vamos falar de São Caetano do Sul*, onde arquitetos, engenheiros, sociólogos, professores e políticos relataram suas considerações sobre o município.

Em outro grupo, formado por moradores e estudantes de arquitetura, formulou-se um único e abrangente propósito: compreender São Caetano do Sul. Este universo foi composto por oito estudantes e cinco moradores. A amostragem total foi de 24 entrevistados.

Em uma análise prévia das respostas, não foram identificadas profundas diferenças entre as recorrências cognitivas mais comuns entre o público entrevistado. A cidade é vista como um todo complexo para o morador, reproduzindo todas as situações de uma metrópole. É também percebida como carente de referenciais importantes nos primeiros contatos e ainda vista como um todo simples e articulado após sua compreensão.

O registro desse panorama fundamental é referência marcante neste desenvolvimento. Assim não se optou por um questionamento denso contendo dados específicos do entrevistado (idade, tempo e local em São Caetano do Sul, classe social, horário da entrevista, etnia...) nem questões quantitativas, onde uma escala de valores classificaria respostas e posições.

Os procedimentos, marcados pela simplicidade de aplicação e organização, objetivavam mostrar com clareza seus resultados e desdobramentos. Esta avaliação pretende identificar um perfil imagético comum e recorrente dos usuários da cidade, pois a cidade vive um importante momento de imagem em transição. Sintetizamos as informações em três mapas: *O olhar do morador*, *A sensação dos limites* e *A percepção do arquiteto*.

Sobre o mapa mental *O olhar do mora-*



As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, marco histórico da industrialização no Grande ABC. Hoje é um espaço abandonado em uma região carente de áreas livres



Rogério Cordero

dor adotamos os seguintes procedimentos: as perguntas eram feitas individualmente, em dias, horas e locais distintos, procurando identificar momentos individualizados de cada entrevistado. Solicitava-se objetividade nas respostas. Não havia a apresentação de mapas, diagramas, fotografias. Valorizamos as citações de memória.

Neste primeiro grupo, composto por estudantes de arquitetura e moradores do

município, as características mais recorrentes referem-se às vias, como a Avenida Goiás, símbolo de modernidade local, e a Estrada das Lágrimas, como referência histórica; temos também edifícios significativos - referências -, não por sua qualidade arquitetônica, mas por sua função: Casas Bahia, Carrefour, General Motors. Também foram citadas grandes interferências - limites: a estrada de ferro,

os rios Tamanduateí e Meninos, além de locais específicos - *bairros* - como a Fundação e o Centro.

Percebeu-se a profunda ligação existente entre os locais citados e os fatos ocorridos. Para cada citação do entrevistado, uma lembrança. Esta associação entre memória emotiva e espacial foi comum em todos os entrevistados, com maior ou menor grau de interdependência.

Sobre o mapa mental *A sensação dos limites*, formado a partir do relato do encontro já citado, revelou-se uma outra preocupação: os limites e interferências específicas que particularizam o município: o *linhão* da Eletropaulo, que rompe e circula praticamente todo o município, a estrada de ferro, os limites geográficos marcantes, que parecem não convidar a uma integração.

A preocupação mais evidente foi, por assim dizer, a *indiferenciação* das fronteiras municipais. Apesar de serem citados os elementos geográficos caracterizadores da sensação dos limites (Rio Tamanduateí, Ribeirão dos Meninos e Córrego Utinga), as divisas não se apresentaram claras. A divisa sul do município, caracterizada por ruas e avenidas, não foi citada precisamente por nenhum dos participantes.

O terceiro mapa mental, *A percepção do arquiteto*, condensou as percepções anteriores e acrescentou elementos significativos na formação imagética da cidade: o *espigão* da Vila Gerty (atual Bairro Nova Gerte), o cinturão das fábricas e galpões industriais, o adensamento constante e homogêneo e a Avenida Kennedy.

Este conjunto de elementos perceptivos valeu-se da identificação de dois eixos formadores de características imagéticas: a topografia do município e as áreas de ocupação industrial.

A topografia é caracterizada pelas áreas de várzeas dos rios limítrofes, onde a ocupação industrial e a estrada de ferro se estabeleceram. Esta região possui altitude média de 730m. A parte mais alta da cidade localiza-se no *espigão* da Vila Gerty e se situa a 804m. Estabelece-se, assim, uma diferença de altitude de aproximadamente 70m. Esta situação cria uma riqueza topográfica particular, mas pouco percebida pelos entrevistados.

A ocupação industrial, em seu momento de transição, é evidente na paisagem do município: toda a área ribeirinha é ocupada por galpões industriais que hoje se transformam em espaços privados voltados à prestação de serviços, como hipermercados, *shop-pings* ou escolas.

Concluindo, esses três mapas sintetizam um painel imagético básico do município. Identificamos as limitações do método de Lynch, experimentado em *A Imagem da Cidade*, principalmente em relação a uma abordagem atrelada a um perfil específico da pesquisa. As preocupações de Lynch, relativas à *representatividade* de seu método e à *cientifização* dos procedimentos para a identificação de uma imagem coletiva, foram compartilhadas neste levantamento.

Verificamos que a exploração de mapas mentais em entrevistados com diferenças de classes sociais, gênero, idade e etnia pode levar a conclusões imagéticas diferenciadas. A cidade do velho imigrante é diferente dos jovens moradores. Esta diferença é claramente identificada no significado específico que determinados espaços possuem, mas não identificamos profundas diferenças nos espaços citados.

A Avenida Goiás, por exemplo, é eixo de ligação de histórica importância entre o município, São Paulo e o Grande ABC para os velhos imigrantes, e um dos melhores pontos de encontro para os jovens usuários. Mesmo assim, estamos conscientes da importância fundamental dos modelos de estudo de Lynch como reveladores de dimensões importantes da constituição da imagética urbana.

Este exercício do aprendizado da observação da cidade revelou novos adjetivos deste espaço, constituindo-se em atividade constante para seus freqüentadores. Só se descobre o novo na cidade em duas situações: quando o fato urbano é realmente novidade, proporcionando-nos novas sensações, ou ainda quando adquirimos uma nova visão de percepção urbana. O hábito do lugar comum cega nossa percepção. Esta nova visão, que rompe nossos hábitos e instiga-nos a novas percepções do espaço, só se realiza com o conhecimento de um novo vocabulário.

Por meio de uma leitura visual dirigida, é possível identificar elementos que personalizem e caracterizem a cidade, dotando-a de instrumentos para a sua compreensão e a de seus processos de transição. Uma cidade organizada visualmente, seja por meio de suas características espaciais, seja por meio de mapas ou códigos, facilita sua apreensão. A simplificação dos processos desta mesma apreensão do espaço podem caracterizar uma cidade caótica como aparentemente organizada.

Esta pesquisa ofereceu material para o desenvolvimento das posições teóricas discutidas, com ênfase nas seguintes questões:

- Fornecimento de suporte teórico básico para a realização de exercício de registros de nuances do perfil imagético da cidade.

- Por meio de uma diferenciada e dirigida postura perceptiva, criar condições de oferecer um novo nível de identificação de espaços urbanos.

- Aproveitar a estrutura urbana existente e em transição, mas indiferenciada pelo hábito, e propor mudanças e adequações em nível imagético propiciando uma nova e melhor compreensão.

- Discutir a possibilidade de propor alterações na cidade por meio da compreensão do urbano como elemento catalisador de processos codificáveis de sensações e níveis específicos de percepção.

- Melhorar a *identificabilidade* da cidade por meio do desenvolvimento de códigos visuais.

- Criar condições para estudar a questão da revitalização urbana como processo integrado à possibilidade de intervenção em nível das percepções e expectativas da população.

A identificação de elementos urbanos significativos em São Caetano do Sul por meio de um conjunto de impressões visuais e referenciais pode conduzir a uma situação paradoxal, pois há várias cidades no mesmo

espaço. Uma que é real, concreta e palco para ampla sorte de relações urbanas e outra que é consequência da percepção e envolvimento de seus observadores. Com certeza a síntese da imagem da cidade situa-se neste tênue limite.

O observador pode gerar imagem em dois momentos básicos: um primeiro, onde o olhar estrangeiro impera, ou seja, o observador não convive com a cidade, sendo um espectador ou usuário bissexto. As impressões podem ser muito intensas e reveladoras de situações espaciais inteiramente novas para o observador habitual.

Um segundo momento básico refere-se ao observador que vive na cidade, e então as relações, as riquezas, as características fundamentais perdem especificidades por meio de um olhar habituado, induzindo à reflexão de que indicadores sociais plenamente satisfeitos não representam necessariamente a qualidade espacial esperada da vida urbana. Além disso, esse exercício de discussão da imagem urbana reuniu um conjunto de dimensões prévias que poderiam ser instrumentos valiosos para subsidiar o aprofundamento qualitativo de políticas públicas.

(*) Enio Moro Junior, 43, é arquiteto e urbanista da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, doutorando pela Universidade de São Paulo, professor do Centro Universitário Belas Artes e pesquisador do Centro Universitário Fundação Santo André

BIBLIOGRAFIA –

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1996.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

XAVIER, Sonia Maria Franco. *Inventário dos signos de logradouros públicos de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Hucitec, 1996.

ZEVI, Bruno. *Saber ver arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Reminiscências ufanistas de um passado coletivo: São Caetano do Sul e sua paisagem

Quando fui convidado a escrever sobre minha cidade natal, que me acolhe e mesmo depois de longo exílio recebeu-me feliz e aconchegante, pensei em como seria difícil reunir tanto pensar em poucas linhas e ao mesmo tempo fazer-me compreender. Diferentemente de meus grandes ícones, Italo Calvino, Manuel Castells, Jane Jacobs, Robert Moses Pechman, José de Souza Martins e Milton Santos, sinto-me pequeno diante de tanta responsabilidade.

Aconchegante foi a palavra que sempre usei para anunciar o sentimento que me acometia vez que voltava do exílio e adentrava os limites da cidade. Muitos outros definiam esse sentimento pelos sentidos, percebendo, através do olfato, a proximidade do Rio dos Meninos, nosso divisor geográfico. Alguns, pelo embaçamento da visão, apontavam para a poluição do ar, nos rabiscos das quase extintas chaminés, e, outros, na impressão de limpeza das calçadas e vias. Incríveis os mistérios que cercam a mente humana e suas reminiscências.

Eu, entretanto, encontrava na palavra,

que mecanicamente ecoava em meu cérebro, a definição do meu bem-estar. Como toda cidade que um dia fez parte de nossas reminiscências de um passado cotidiano, tornou-se ela paisagem inesquecível, mesmo que mutável, como todas são. Ela me atraiu sempre... E literalmente me obrigou a voltar.

Meu passado, meus ancestrais, meus contemporâneos e meus anseios estavam e ainda estão a vagar pelas ruas dessa intrincada cidade. Na antiga Rua Saldanha da Gama, 141, (atual Rua Marechal Deodoro), onde fui criado, e nos arredores da Rua Itamaracá, hoje Alameda São Caetano, reduto dos meus parentes, encontro muitas lembranças.

Definida pelos historiadores como cidade de passagem para o Porto de Santos no Brasil colonial, como subúrbio de São Paulo no século XIX, admirada pelos oleiros por sua argila, apontada pelos críticos, mesmo em sua maturidade fabril, como cidade-dormitório, enfatizada pelos mais ufanistas como *Princesinha do ABC*, e, finalmente, pelos outros, entre os quais me incluo, como a minha cidade, marcada em minha memória, em meus sonhos e em meus pesadelos.

Assim, escrever torna-se uma empreitada de escolhas entre a razão e a emoção. Entre o espírito técnico, quase enciclopedista em que fui forjado, e o laico, que nunca será completo, devido a uma intensa religiosidade que me acompanha desde o princípio.

E, por tudo isso, religiosamente, olho dia após dia para nossa cidade e vislumbro momentos de uma longa convivência, que se mistura aos sentimentos mais íntimos.

Existencialista nunca fui; pois, se tivesse sido, jamais teria conseguido entender os meandros que me atam a essa cidade. Já resolvi sair, fugir, conhecer outras paisa-

Aconchegante foi a palavra que sempre usei para anunciar o sentimento que me acometia cada vez que voltava do exílio e adentrava os limites da cidade.

gens, viver outros cotidianos, mas, incrivelmente, as imagens que se fixavam eram as do passado. E, como que tomado pelo Mal de Alzheimer em seu estágio mais adiantado, deixava-me entreter pelas lembranças de coisas e pessoas.

Assim, resolvi escrever através do paisagista que me tornei; sem esquecer, é claro, a veia mestra que alimentou esse aprendizado ao longo dos anos: o ambientalista que fui, sou e, inacreditavelmente, sempre serei. Sem vínculos com nenhuma tendência, mas entendendo todos os vínculos necessários para uma situação mais sustentável. Desvinculei-me, também, da exatidão positivista da engenharia, no intuito de buscar, não conclusões, mas considerações acerca do assunto.

O contexto e o texto entendem que a cidade é o palco de nossos anseios, e, às vezes, de nosso fracasso, mas não a responsável por tal fracasso, porque as

nuanças da cidade correm de acordo com o momento, com o movimento da sociedade, expresso em sua paisagem. Para muitos não apresenta grandes novidades, nada tão importante que mereça o cuidado do olhar. Mas, para aqueles que direta ou indiretamente a constroem, mesmo que seja somente em seu imaginário, ela sussurra, fala e até grita. E se faz presente e diferente a cada instante.

Durante o dia e durante a noite.

Durante o brilho do sol ou os respingos da chuva.

Durante o seco inverno ou no chuvoso verão.

Enquanto vou trabalhar e quando saio a passeio.

Enquanto levanto o olhar ou o deixo arrastando-se pelo chão.

A mutabilidade da paisagem não se dá somente ao ritmo da civilização e do concreto, mas também e principalmente ao

ritmo das emoções, das sensações e das estações.

E como encontrar a cidade no circuito da dura realidade?

Para muitos, espaços de ir e vir, vias únicas que levam ao cotidiano dos afazeres e à incrível similaridade de paisagem com outras paragens. Eu, mortal na carne e imortal no espírito, sujeito a tendências e preconceitos, entendo a cidade como um espaço viável, integral e integrante do cotidiano. Necessário ao circular e viver. Mas também coberto de belezas e mistérios que só os olhos treinados e os corações humanizados conseguem perceber.

Mas, para aqueles que direta ou indiretamente a constroem, mesmo que seja somente em seu imaginário, ela sussurra, fala e até grita. E se faz presente e diferente a cada instante.

Tão importante e tão pouco entendida. Mas a paisagem urbana tornou-se semelhante nos grandes centros, e as semelhanças nos fazem crer que conhecemos determinados locais. Uma sensação de *déjà vu*. Essa mesma paisagem tão pouco analisada

é a expressão visível do processo civilizador que formou e (des) organizou as cidades. O nosso saudoso Milton Santos nos dizia, nos corredores da academia e em seus livros, que ela (a cidade) é o resultado de adições e subtrações sucessivas. *É um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço¹, enfim, um constante informativo da mutabilidade das coisas.*

A verticalização, a crescente presença dos edifícios em nossa cidade, mais visível a partir de 1970, nos mostra uma paisagem dinâmica. Muda nossa noção de espaço. Em alguns casos, em algumas ruas, os prédios correndo ao nosso redor apontam para uma situação claustrofóbica. Quando em nosso caminhar encontramos um largo, uma praça, um espaço

Notas

1 - Metamorfoses do espaço habitado – Milton Santos – editora Hucitec. São Paulo, 1997.

aberto, sentimos uma sensação de liberdade. Geralmente, os parques e praças, os largos das igrejas e as avenidas mais largas, nos dão a impressão de que conseguiremos respirar...

Os diversos meandros do conhecimento humano esforçam-se para atingir esse equilíbrio entre o ir e o vir. Equilíbrio entre o físico e os sentidos. Entre o espaço construído e o espaço livre.

Equilíbrio entre os fluxos de energia e matéria que percorrem esse sistema artificial, que se tornou autônomo em 1948.

As antigas ágoras, espaços de encontro e trocas, deram espaço aos parques, praças e largos. As antigas residências com jardim e pomar vão acatando o edifício. Mas ainda há a árvore, a praça e o balanço do playground. Hoje os encontros se dão também nas calçadas, isso quando elas não são incorporadas por algum motorista egoísta que as defina como parte de seu estacionamento...

É certo que a urbanização, esse fenômeno do lote/rua que ocorre em nossa cidade, desde os idos do século passado, muitas vezes, sem o cunho teórico de especialistas na elaboração de um plano de ocupação, descaracterizou algumas paisagens e instituiu outras.

Mas aquelas reminiscências das noites quentes em cadeiras nas calçadas, as brincadeiras nas ruas, os campinhos, as pipas e os grandes quintais à sombra das pitangueiras ficaram em nossas lembranças. Os bairros, redutos de grandes famílias e grandes amigos, hoje recebem tantas outras famílias daqui e dali, apinhadas em residências multifamiliares, os tradicionais prédios de apartamentos.

Felizmente, ainda sentimos aquela sensação de aconchego no aceno de um velho conhecido e no encontro rápido com amigos nos recônditos do centro. Ainda me lembro da Praça da Matriz e sua fonte (chafariz), a jorrar *água colorida*,

da, passeio inesquecível aos sábados, após a pizza do Bar Brasil. Lembro-me ainda das domingueiras do São Caetano Esporte Clube, das matinês do Cine Vitória, do Cine Max e do Cine Colonial. Convivo, também, com as lembranças de meus pais, apontando para a Praça São Caetano Di Thiene, onde havia o Hospital Bartira, perto das instalações da Ferro Enamel, das Indústrias Reunidas Marazzato, da Casa Ivany, da Usina Colombina e do Moinho Santa Clara.

As coisas, porém, mudam e acompanham o progresso. A cultura acena com novas paragens para os nossos sonhos. A pizza aos sábados continua, mas agora sem chafariz, pois esse seguramente não pode ser entregue em casa, através do serviço *delivery*.

Vamos continuar a manter vivas as nossas lembranças, porque hoje estamos realizando coisas que farão parte de nossas reminiscências no futuro. E aqui deixo uma homenagem ao meu

tio paterno, Genésio Carlos de Alvarenga, que, candidato do PSP-PR a vereador, membro da coligação autonomista, juntamente com o sr. Ângelo Raphael Pellegrino, elegeu-se na primeira empreitada administrativa da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Posteriormente, continuou como funcionário público até sua aposentadoria, colaborando para que pudéssemos ter nossas próprias lembranças.

São essas pequenas e grandes coisas que tornam nossa existência real. Sem fatos, sem história, de nada podemos nos lembrar. E, sem algo de que se lembrar, o presente se torna insólito. De repente, apossou-se de mim uma sensação de *déjà vu*...

Hoje os encontros se dão também nas calçadas, isso quando elas não são incorporadas por algum motorista egoísta que as defina como parte de seu estacionamento...

(*) Rogerio Alvarenga, engenheiro florestal, mestre em ciências pela USP e funcionário do Departamento de Educação da PM São Caetano do Sul



A fotografia e a cidade

Comentários sobre as fotografias da mostra Poéticidade, desde 30 de junho de 2005 em cartaz na Pinacoteca Municipal

Poéticidade
Arthur Cole
Adson Baeça
Flávio Camargo
José Romero

Essas fotografias, consideradas também como documentos de processo... Assim Arthur Cole nos apresenta o álbum fotográfico, que talvez tenha pretendido ser apenas documental, para o

trabalho denominado Poéticidade. Esse trabalho, porém, deixou de ser meramente documental quando as câmaras passaram a fazer parte da caixa de instrumentos desses quatro artistas.

Registros sim, mas nada frios ou impessoais. Registros de referentes indissociáveis da poética que norteou os caminhos percorridos na cidade. Esse álbum, se registro for, ou documento pretender ser, será mais um trabalho que declara a unicidade dentro da diversidade do

grupo. De semelhantes têm a matéria, o processo; de similares têm a poética.

Assim nos fala Ricardo Mendes, no catálogo *Fotografias no acervo fotográfico do Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP, MAM-2002: Primeiro seria necessário lembrar que a fotografia enquanto mídia apresenta uma multiplicidade de manifestações, num leque vasto que se abre desde seu uso como instrumento documental ao meio de expressão pessoal. Essa variedade, no conjunto das imagens técnicas, (entendidas como aquelas geradas por aparelhos), é talvez única. No entanto se por um lado o universo resultante de imagens é diversificado, é também, na mesma proporção, problemático o seu entendimento como um corpo único. A fotografia é assim – lugar comum – diversa, o que dificultou continuamente seu entendimento como corpo de pesquisa solidário, tanto para os especialistas, (aqui, mais uma vez, os segmentos distintos que dela fazem uso), como para o público em geral.*

Nessas considerações, o autor, um pesquisador em história da fotografia brasileira, coloca bem a questão que sempre enfrentou a fotografia, que ao ser documento, pode ser também obra. E, como isso é nebuloso, também é pouco nítido ao entendimento da maioria.

As cópias do álbum fotográfico que tenho em mãos foram *xerocadas*, advindas de processo digital que lhes dá um novo sentido ou demonstram a intenção documental dos autores, que foge da sofisticação das ampliações fotográficas tradicionais. As cores estouradas no papel perdem os meios-tons e dão ao conjunto a aparência de um caderno de anotações ou de esboços realizados quando do percurso. A intenção dos artistas está explícita na capa, onde os retratos (3x4?) se sobrepõem como recortes.

Arthur registra uma das entradas da cidade. E você sabe de qual cidade ele está falando e pode até sentir a congestão



do monumental, desvencilhando-se do óbvio quando amarra, em cabos de aço e de energia, a visão atrevida, recortada e, em determinado momento, inversa, transformando o objeto conhecido em uma longínqua estação espacial.

José Romero vai à Avenida Goiás à noite e redescobre os cenários transformados em cores determinadas por bulbos de néon, reflexos alógenos verdes de mercúrio e tungstênio, combinados aos magentas e cianos confusos nos azuis fosforescentes. Cria uma agitação artificial de rastros luminosos inimagináveis, que produzem um diálogo escrito pelos movimentos (aleatórios?) da própria câmara, subvertendo o sentido estático da fotografia.

Decomposta a paisagem, a avenida nada mais é do que traços incandescentes de um passado imediato.

Depois, seguem os quatro artistas em busca, algumas vezes, de detalhes,



“micro” ou “macro”. Outras, de paisagem abrangente nas grandes angulares. Constroem sobrepondo.

Em outro momento, despreocupados com a sinalização, usam a contraluz para produzir silhuetas, e a luz frontal, refletida, para realçar formas geométricas, antes imperceptíveis no conjunto edificado.

Atrevidos, esses fotógrafos não se desculpam por oferecer um clássico pôr-do-sol, com todos os requisitos prepostos, certamente sucumbindo mais uma vez à luz, oblíqua e sempre nova, do horizonte ao final da tarde.

Depois surgem pessoas. Passageiras, estáticas. Não em retratos, mas como parte da paisagem urbana.

No estádio de futebol a angústia do vazio. Onde estariam tantas bocas gritando e tantas mãos acenando? Há ecos? Contrastes, novamente.

O cemitério, o parque, as ruas solitá-

rias onde os movimentos são as formas. Os automóveis imóveis.

Os reflexos nas poças d'água e a composição entre o corpo e a sombra têm algo de lúdico e dramático. E, no parque, o verde, os verdes, as folhas, o trabalho, o sentir o chão. E depois chegam aos rios... Pobres rios, que ainda tentam brilhar para esconder o que carregam. Pobres rios feridos. Taman-duá-teí, um lindo nome cercado de lixo, concreto sujo. Encanado. Quando encanando tentam nos enganar, o rio protesta. E no desespero busca saídas...

Córrego dos Meninos. Que meninos banharam-se em suas águas antigas? Meninos índios, meninos portugueses, meninos negros, alforriados pela lei que não libertou os rios dos maus tratos, dos ratos, dos matos da bocarra escancarada dos esgotos.

O Ribeirão (que som bonito teria um ribeirão, na beira?) dos Couros. Parece tranqüilo sob copadas árvores. Vamos nos deixar enganar? Vamos imaginar que as imagens que os artistas nos trazem para ver são belas.

Sabendo que nossas vidas, plenas de histórias que, se não as vivemos, (mas delas somos cúmplices e resultados), pelo menos elas estão tão próximas e tão distantes. Quando percorremos as curvas simétricas, sem meandros ribeirinhos, instalados no conforto temeroso de nossas caixas rodantes de lata e vidro.

Os artistas caminharam, e seus caminhos nos sugerem, nos convidam a sair também e brincar com as sombras, colher folhas, observar o formato das pedras, perceber o gato magriço abandonado e as águas que correm sob nossos pés, tão esquecidas.

(*) Neusa Schilaro Scaléa, fotógrafa, professora, designer gráfica, especialista em museus de arte. Atualmente é coordenadora da Pinacoteca Municipal da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Índios, paulistas e jesuítas na São Paulo de fins do século XVII

I
C Trevelyan¹ aprendemos que a poesia da história repousa no fato quase milagroso de que, por esta mesma terra, por este mesmo chão familiar, já caminharam outros homens e mulheres, tão reais quanto nós, com pensamentos próprios e levados pelas próprias paixões.

Confiantes nessa idéia ousamos ligar sua essência ao ABC paulista, associando a tal idéia o parecer de que a história de nossa região é antecedida de uma outra que é a história da Vila de São Paulo colonial, espaço e tempo que também são nosso *chão familiar*, apesar de anteceder aos nossos migrantes e imigrantes formadores, apesar de anteceder à nossa gente italiana ou de outras procedências, apesar de anteceder aos séculos XIX e XX, momentos em que mais diretamente despontamos, sendo o princípio apenas São Bernardo, sendo depois e com vagar sete municípios que falaram e falam a língua do trabalho na agricultura, no comércio e na indústria.

Imbuídos dessa idéia, convidamos os

leitores a, conosco, buscar outras raízes, tão suas (temos disto certeza) quanto estas do cotidiano e da formação, para exemplo, de São Caetano e adjacências, tão nossas quanto o fluxo contínuo da história que tudo interliga, mesmo que diretamente não o percebamos. Assim é que, abraçando uma parte deste nosso novo passado, trazemos para a cena a São Paulo de fins do século XVII, espaço em que há interesses em divergência e já envolvendo questões de riqueza e trabalho, como se verá.



Escola de jesuítas, onde os indígenas se agrupavam para aprender as orações

Notas

1 - TREVELYAN, G. M. "Autobiography of an historian" in *Autobiography and other essays*, London: Longmans, 1949, p. 13.



Índios e bandeirantes no quadro Os Bandeirantes - óleo de H. Bernardelli (Reproduzido por Aquarone)

II

No início da década de 80 do século XVII, os paulistas estão solicitando à Coroa a administração direta de seus índios e o fato gera repercussões².

Naquele momento, encabeçam o pedido os paulistas mais mercantilizados³, isto é, as famílias mais capitalizadas de São Paulo de Piratininga e também das adjacências e mesmo partes afastadas, mas fazendo-se representar, na ocasião, pela Câmara da Vila de São Paulo, órgão mol-

gado pelos moradores mais abastados (que são os que, à época, ocupam os cargos de vereança) para representar seus interesses⁴.

Já quanto à razão para que o pedido se fizesse, pode-se dizer que o intuito do paulista reivindicante é afastar em definitivo toda e qualquer hipótese de intervenção no seu usufruto do índio que, na circunstância, é a única força de trabalho existente; São Paulo (toda a capitania, queremos dizer) não conta com o trabalhador negro e menos ainda com população branca predisposta à labuta, pois não é costume da época que os senhores se entreguem a trabalhos manuais, representando só a possibilidade já um demérito⁵.

Devido, então, aos fatos apresentados, o paulista, desde cedo, atrelou toda a economia do planalto e de outros perímetros à exploração da força de trabalho índia, sendo o século XVII o auge desta utilização e período em que houve forte concentração do silvícola apesado na capitania, o que se transformou em recurso que fez realizar-se, para exemplo, a grande agricultura paulista de gêneros de subsistência, fato, por sua vez, que elevaria São Paulo à situação de celeiro do Brasil entre 1630 e 1680⁶.

Noutras dimensões, o paulista deste momento também se destacou na prestação de outros serviços, todos ligados ao cotidiano da colônia e todos os trabalhos que, de alguma forma, o destacaram. Fazemos, então, aqui, referência ao trabalho paulista de bugreiro⁷, submetendo pelo interior da América portuguesa índios e escravos sublevados. Mencionamos também a perpetuidade do mesmo paulista na caça aos metais e pedras preciosas, busca que chega a termo satisfatório no início da década de 90 do século em questão, momento em que o pedido de

Notas

2 - Sério estudo sobre o paulista do século XVII é o de John Monteiro. P/ cf. busque-se: MONTEIRO, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995, 300p.

3 - Também quanto a paulistas mercantilizados do final do século XVII, remetemos o leitor a Ilana Blaj. P/ cf. busque-se: BLAJ, Ilana. *A trama das tensões*. São Paulo: Humanitas, 2002, 394p.

4 - MONTEIRO, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 131.

5 - AMBIRES, Juarez Donizete. *Os jesuítas e a administração dos índios por particulares em São Paulo, no último quartel do século XVII*. Dissertação de mestrado. FFLCH/USP, 2000, p. 14.

6 - MONTEIRO, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, pp. 99-128.

7- Já quanto ao paulista bugreiro, a referência é Puntoni. P/ cf. busque-se: PUNTONI, Pedro. *A guerra dos bárbaros*. São Paulo: Fapesp/Hucitec/Edusp, 2002, 323 p.



Aldeia de Tapuias -
Gravura de
Rugendas

administração direta ainda está sendo julgado. Tratamos ainda do paulista ligado ao criatório de animais para transporte e também para a produção de carne⁸, funções nas quais famílias do planalto e cercanias também se destacaram, ajudando obviamente a projetar o paulista reivindicante e a torná-lo merecedor de atenções das autoridades régias.

III

Entretanto, mesmo com toda a expressão, à época, dos paulistas da petição, os reivindicantes à administração direta do índio contaram com uma forte oposição às suas pretensões. Contra eles se puseram jesuítas organizados em um grupo, liderado no episódio pelo já célebre Antônio Vieira, inaciano que, no quadro da colônia, já muito se destacara por suas idéias de proteção ao índio e sua tutela-gem à Companhia de Jesus, instituição que mais se interpôs entre colonos e indígenas, tentando ao menos minimizar o uso abusivo que os primeiros faziam desta mão-de-obra que, em fins do século XVII, já andava reduzida em número,

pois as principais frentes de abastecimento dos paulistas haviam se extinguido e outras partes do interior da colônia, como é o caso do atual Goiás, do atual Tocantins, do Mato Grosso de agora, não possuíam grandes populações índias, como aquelas do grupo tupi-guarani que jesuítas espanhóis congregaram em suas missões do Tape e Guairá⁹.

Assim, pôs-se contra a petição paulista Antônio Vieira, lembrando que o índio sempre fora um trabalhador livre (a menos que apreendido em guerra justa) e o pedido de administração direta nada mais era, em sua leitura, que instituir pela via legal a escravidão índia em São Paulo, situação que, na prática, estava mais que posta desde o primeiro século da colonização e se confirmara no segundo, não só no trabalho direto do índio, mas também em sua legação, via testamento, para descendentes.

Em sua oposição ao paulista (que bem se explicita em seu título escrito histórico e político: *Voto do Padre Antônio sobre as dúvidas dos moradores de São Paulo acerca da administração dos índios*¹⁰), Vieira ainda lembra que a administração

Notas

8 - ALECASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000, p.206.

9 - AMBIRES, Juarez Donizete. *Os jesuítas e a administração dos índios por particulares em São Paulo, no último quartel do século XVII*. Dissertação de mestrado. FFLCH/USP, 2000. p. 70-153.

10 - PÉCORA, Alcir (org). *Escritos históricos e políticos*. Pe. Antonio Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 1995, pp. 429-444.

do índio implica que ele seja visto e tratado como administrado e o fato, por sua vez, implica pagamento, salário, e o justo salário não equivale a que se torne por isto o dar alguma vestimenta, algum alimento, rudimentos de catequese. Agir deste modo será o mesmo que cair, segundo o mesmo Vieira, nas práticas da *encomienda espanhola*, falácia com que se quis acobertar o estado de escravidão a que foram submetidos os indígenas da América hispânica.

Mesmo, entretanto, com toda a sua argúcia, Vieira foi vencido. Em 1694, a Coroa deu ao paulista a administração direta de seus índios e confirmou a atitude por cartas régias, em 1696. O fato,

contudo, ficou na história, pedindo o seu entendimento e se pondo como parte de um passado que hoje é nosso, moradores da Capital ou de sua área metropolitana, descendentes das antigas famílias de São Paulo ou de outras de diversa mas sempre histórica procedência.

(*) Juez Donizete Ambires é professor no Centro Universitário Fundação Santo André e pesquisador do projeto História do Estado de São Paulo

Aprisionamento de índios para a escravidão. Quadro Os invasores - óleo de Antônio Parreiras

Acervo: Museu Antônio Parreiras - Niterói



Estrada do Vergueiro (antigo Caminho do Mar, do final do século XVI), no trecho próximo à Fazenda beneditina de São Bernardo, que ficava à direita, junto ao Rio dos Meninos. Ano de 1957

Notas

1 - A sesmária concedida a Amador de Medeiros iniciou o processo de ocupação da região da Borda do Campo, que, em 1560, após a transferência da Vila de Santo André para São Paulo, tornou-se bairro rural paulistano. Ao longo da segunda metade do século XVI e no decorrer do século XVII, outras concessões de terras foram observadas na referida região. Entre tais concessões encontra-se a relativa a Braz Cubas, cuja carta de demarcação e confirmação de terras remete

ao dia três de agosto de 1567. De acordo com este documento, uma porção de seu imóvel situava-se na Borda do Campo, mais precisamente em parte do atual Município de Santo André. Outros proprietários da região podem, ainda, ser citados, como por exemplo André de Escudeiro, que teve sua fazenda citada em um documento de 1615, e Henrique da Cunha, que, conforme o disposto em seu inventário (1624), deixou aos filhos Antônio, Francisco e Felipe sete mil réis de mantimentos na roça da Borda do Campo. Para maiores informações sobre os sesmeiros que se fixaram na Borda do Campo, entre a segunda metade do século XVI e o século XVII, consultar: SANTOS, Wanderley dos.

Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892. pp. 54-63.

2 - *Ibidem*. p.49.



A antiga Freguesia de São Bernardo: antecedentes, criação e paróquia

Este artigo retrata a antiga Freguesia de São Bernardo, criada no dia 23 de setembro de 1812. Desta forma, reservou-se espaço para as principais informações que cercam os seus antecedentes, a sua criação e o longo processo desencadeado para a instalação de sua paróquia. Alguns aspectos do cotidiano desta igreja, cuja padroeira é Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, são também abordados aqui através das atividades de seus fabriqueiros (administradores dos bens paroquiais), no período situado entre 1844 e 1879.

ANTECEDENTES

A origem histórica da Freguesia de São Bernardo encontra-se vinculada ao Bairro de São Bernardo, que tinha como núcleo a fazenda pertencente aos monges beneditinos. A mencionada fazenda formou-se nas terras que compuseram a grande sesmária¹ de Amador de Medeiros, ouvidor da Capitania de São Vicente, no passado. Segundo consta, tal sesmária chegou a ocupar parte considerável do ter-

ritório atual do Grande ABC. Em 1560, no documento que endereçou às autoridades portuguesas para obter a propriedade dessa sesmária, Amador de Medeiros menciona a existência de terras que, muito provavelmente, integraram a Vila de Santo André da Borda do Campo. (...) *pedia um pedaço de terra, que parte pelo rio da Tamandatiiba (Rio dos Meninos), junto de uma roça, que João Dias tem junto a Inhoaiba, e dali cortará direito a um pico alto e redondo, que se mostra do Campo estar uma cumiada alta, como tudo se mostra de uma Cruz, que está no caminho, que vai de Santo André para São Paulo, que uma pedra de curisco quebrou, que se diz, que João Ramalho pos ali; (...)*²

Embora a tenha adquirido no dia 11 de novembro de 1561 (no Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo o registro da escritura das terras em questão é de 1571), Amador de Medeiros só tomou posse da vasta sesmária no dia 11 de outubro de 1574. Essas mesmas terras foram herdadas, posteriormente, por Miguel Aires Maldonado, genro daquele sesmeiro. Em troca de missa anual, Maldonado as doou à Ordem de São Bento, no dia 24 de abril de

1637, nos seguintes termos:

*Saibão quantos este público instrumento de escritura de doação de hoje para sempre virem, que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1637 anos, aos vinte quatro dias do mês de abril nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, fui eu Tabelião (...), às pousadas do Juiz Ordinário, Miguel Aires Maldonado, sendo lá em presença das testemunhas (...) nomeadas, pelo dito Miguel Aires Maldonado, e bem assim sua mulher Barbara Pinta (segunda esposa de Maldonado, visto que a primeira foi Maria de Medeiros, filha de Amador de Medeiros) me foi dito por eles, (...), que eles têm, e possuem uma data de terra no termo da Vila de São Paulo, Capitania de São Vicente, em a Borda do Campo, (...), aonde esteve de posse, e morada, (...) muitos anos, (...), com outras datas de terras, que houve por via de herança de seu sogro Amador de Medeiros, (...), eles ditos Miguel Aires Maldonado e a dita sua mulher Barbara Pinta com todo direito, que nelas tem, como de efeito davão e doavão deste dia para todo sempre ao Convento, e casa de Nossa Senhora de Monsserate da Ordem do Bem Aventurado Patriarca São Bento da dita Vila de São Paulo para que como suas, (...) se possuão apossar, e senhorear delas os Reverendos. (...)*³

Embora o documento descrito acima tenha deixado claro que Miguel Aires Maldonado residiu na sesmaria herdada do sogro, sesmaria esta localizada na Borda do Campo, nome dado, a partir de 1560, à região que foi, mais tarde, ocupada pelos municípios de Diadema, Santo André e São Bernardo do Campo (porção que vai da Serra do Mar ao Rudge Ra-

mos), não foi registrado nenhum melhoramento naquela sesmaria. As primeiras benfeitorias, nesta região, somente foram observadas a partir do século XVIII, ocasião em que os monges beneditinos construíram uma capela dedicada a São Bernardo (1717-1720)⁴, iniciando, assim, a ocupação⁵ efetiva das terras que lhes foram doadas.

A construção deste templo religioso, graças à iniciativa do frei beneditino Bartolomeu da Conceição, foi um marco para a localidade, pois a partir deste episódio (...) *o povoado foi-se criando e crescendo, (...), multiplicando-se gradativamente o número de batizados, (...)*⁶ *E, como o pequeno templo se erguera em louvor a São Bernardo, (...)* o nome do *Padroeiro ganhava lugar na boca do povo (...)*⁷ Tal se verificou também junto aos documentos que, já na primeira metade do século XVIII, passaram a denominar a região que se desenvolvia nos arredores da capela como Bairro de São Bernardo. Segundo consta, em 1725 essa denominação já era conhecida. No documento em que a Catedral Diocesana de São Paulo relacionou as capelas existentes, em meados do século XVIII, há também uma referência ao Bairro de São Bernardo, conforme segue:

*(...) os moradores do bairro de São Bernardo ouvem missa na Capela do mesmo Santo, sita em uma fazenda dos monges de São Bento, à cuja administração está a dita Capela.*⁸

O crescimento do bairro em questão já era uma realidade. De acordo com certos registros paroquiais de batizados, casamentos e óbitos, o Bairro de São Bernardo chegou a apresentar, num dado momento, a seguinte delimitação: tinha como núcleo a sede da Fazenda beneditina de São Bernardo, situada entre as atuais Avenidas Senador Vergueiro e Kennedy. Limitava-se, ao sul, com a Serra do Mar.

Ao norte, com o Bairro dos Meninos, que tinha seu núcleo situado junto à Capela de Nossa Senhora das Mercês, atual Vila das Mercês, em São Paulo. A leste, limitava-se com o Bairro



Imagem de São Bernardo. Esculpida pelo frei Agostinho de Piedade, no século XVII, foi instalada na fazenda dos monges beneditinos entre 1717 e 1719. Permaneceu em São Bernardo até 1940. Encontra-se, atualmente, no Mosteiro de São Bento, em São Paulo

Notas

3 - *Ibidem*. p.50.

4 - A capela que existiu no Tijuçu (nome dado à região que compreendia parte do atual Município de São Caetano do Sul, os terrenos situados na margem direita do Rio Tamanduateí e as terras localizadas nas proximidades do Ribeirão do Moinho Velho, terras que, hoje, correspondem à Vila Carioca, em São Paulo) foi também construída pelos monges beneditinos na mesma época em que estes religiosos edificaram o primitivo templo da Fazenda de São Bernardo, ou seja, entre 1717 e 1720. Vale lembrar que os beneditinos também formaram uma fazenda (a Fazenda de São Caetano), nas terras do Tijuçu, a partir de duas doações de fiéis, feitas em 1631 e em 1671.

5 - A ocupação das terras doadas aos monges beneditinos só ocorreu quase um século após a concessão do direito de posse a esses religiosos, fato observado no dia 16 de setembro de 1638, conforme documentação publicada nas páginas 110 e 111 do Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo.

6 - CINI, Celso de Almeida. "São Bernardo: Raízes e Evolução. O Vulto Histórico de Tomás Inocêncio Lustosa" in *Raízes* nº 22. Dezembro/2000. p.45.

7 - CINI, Celso de Almeida. "São Bernardo: Raízes e Evolução. O Vulto Histórico de Tomás Inocêncio Lustosa" in *Raízes* nº 22. Dezembro/2000. p.45.

8 - CINI, Celso de Almeida. "São Bernardo: Raízes e Evolução. O Vulto Histórico de Tomás Inocêncio Lustosa" in *Raízes* nº 22. Dezembro/2000. p.46.

do Caaguaçu, região que abrangia parte dos atuais municípios de Mauá, Ribeirão Pires e Santo André. A oeste, fazia divisa com o Bairro de Santo Amaro, mais precisamente na altura da encruzilhada do Pinhaíba, que se tornou, mais tarde, Bairro de Piraporinha.

O desenvolvimento atingido pelo bairro bernardense, ao longo do século XVIII (principalmente após a construção da capela dedicada a São Bernardo) e início do século XIX, acabou atraindo algumas autoridades para a região, tais como policiais das Ordenanças e inspetor de estrada. No âmbito religioso, contudo, a situação do bairro não era condizente com as necessidades da população, uma vez que a localidade não possuía um pároco. Em razão disso, a vida religiosa do bairro ficava sempre na dependência dos vigários de São Paulo. Segundo a documentação histórica, no período compreendido entre 1800 e 1804, a Capela de São Bernardo abriu-se ao culto oito vezes apenas.

Pelos motivos expostos, a população passou a solicitar às autoridades competentes a elevação do bairro à categoria de freguesia, fato que exigiria a criação de uma paróquia na região. Adquirindo esta condição jurídica, São Bernardo daria um grande passo em sua evolução político-administrativa, visto que o reconhecimento de um território como freguesia implicava em consideráveis prerrogativas, como a de dispor de um juiz de paz, de um fiscal nomeado pela Câmara Municipal de São Paulo e de um arruador. Isso sem falar do tão almejado direito de apresentar uma paróquia, cujo vigário seria nomeado pelo Rei de Portugal, por ocasião da relação de padroado, que submetia a Igreja Católica presente nos domínios lusitanos ao poder daquela autoridade.

Notas

9- Registro de Provisões e Alvarás Régios referentes à criação do Bispado de São Paulo e Ordens dos Bispos Diocesanos : 1746-1842: Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo (ACMSP). 01-02-39. Fls.112 e 112v. apud SANTOS, Wanderley dos. Op. cit.. pp.99-100.

10 - SANTOS, Wanderley dos. Op. cit.. p.105.

FREGUESIA

As considerações feitas acima evidenciam a necessidade da população de São Bernardo quanto à presença de um pároco no bairro. Desta forma, no dia 29 de maio de 1812, essa população solicitou formalmente o desmembramento do território bernardense, que se encontrava, até então, subordinado à Freguesia da Sé. Algum tempo depois, mais precisamente no dia 23 de setembro do mesmo ano, o pedido dos moradores foi aten-

dido através de resolução de dom João VI, Príncipe Regente de Portugal, na época. Essa resolução, por sua vez, acabou dando origem ao alvará no qual aquele príncipe confirmava a criação da Freguesia de São Bernardo e assumia o compromisso de erigi-la. Segue abaixo um pequeno trecho deste documento:

*Eu o Príncipe Regente de Portugal e do Mestrado, Cavalaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo (...) Hei por bem erigir no Bispado de São Paulo uma nova Paróquia no Bairro de São Bernardo, desmembrando-a da Freguesia da Sé do mesmo Bispado. Esta se cumprirá como nela se contém, sendo passado pela Chancelaria da Ordem e registrado nos livros da Câmara do Bispado de São Paulo e no de ambas as mencionadas freguesias (...) Rio de Janeiro vinte e um de outubro de mil oitocentos e dose (...)*⁹

Decidiu-se que a paróquia da recém-criada Freguesia de São Bernardo deveria instalar-se na capela da fazenda dos beneditinos. Estes, alegando que o mencionado templo era de propriedade particular, rejeitaram com veemência aquela decisão. Diante disso, discussões polêmicas envolvendo o abade do Mosteiro de São Bento e o bispo da Diocese de São Paulo antecederam o desfecho do episódio referente à instalação da paróquia da freguesia bernardense. Após um ano de tensão, uma vez que no dia 18 de dezembro de 1812 iniciaram-se as tentativas de instalação daquela paróquia, ocasião em que o bispo diocesano de São Paulo, dom Mateus de Abreu Pereira, solicitou junto ao abade do Mosteiro de São Bento as chaves da capela da Fazenda de São Bernardo para a sua transformação em igreja paroquial, que um consenso entre os beneditinos e a diocese paulistana começou a surgir, graças à decisão daquele abade de passar provisão a esta diocese, permitindo, provisoriamente, que a capela de São Bernardo servisse de paróquia para a freguesia recém-criada. No dia 14 de janeiro de 1814, dom João VI, cujo governo encontrava-se sediado no Rio de Janeiro, em virtude da instalação da família real portuguesa, em 1808, no Brasil, reforçou a referida provisão por meio dos seguintes dizeres:

*(...) sou servido participar-vos que a dita Ermida só deve servir de Paroquia interinamente, enquanto os fregueses não construírem a sua igreja, (...)*¹⁰

No momento em que este parecer foi emitido, a Freguesia de São Bernardo já contava com um pároco. Tratava-se do padre José Basílio Rodrigues Cardim, efetivado naquela função de pároco no dia 17 de dezembro de 1812.

O grande incômodo que representava àquele pároco o fato de ter a sua igreja instalada, ainda que provisoriamente, em propriedade particular, juntamente com os interesses dos monges beneditinos levaram as duas partes a firmar um acordo no dia 28 de fevereiro de

1814. Através dele, o frei José de Jesus Maria Tondella, beneditino instalado na Fazenda de São Bernardo, arrendou um terreno ao padre Rodrigues Cardim, graças à procuração que recebera, naquele dia 28 de fevereiro, do frei Francisco de Santa Teresa Machado, abade do Mosteiro de São Bento. Ficou acertado, assim, que, em tal terreno, seria construída uma nova paróquia para a Freguesia de São Bernardo.

Por determinação daquele abade, a igreja deveria apresentar um novo padroeiro, pois São Bernardo já emprestava seu nome à capela e à fazenda pertencentes à Ordem de São Bento. Sendo assim, a nova paróquia recebeu a denominação de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem. Ainda no ano de 1814, com a mudança da paróquia, o local onde se encontrava a primitiva capela dos monges beneditinos passou a ser chamado de *São Bernardo Velho*.

As terras arrendadas por esses monges, terras estas situadas na colina da Vila Euclides, acabaram se mostrando impróprias para a permanência da paróquia ali instalada. Isso porque a mencionada região era (...) *impraticável para as celebrações, por ser açoitada por muitos ventos que perturbavam o ofício da missa e assustavam os fiéis.*¹¹ Desta forma, a escolha de um outro local para



Extraída do livro Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892, de Wanderley dos Santos

a edificação da paróquia da Freguesia de São Bernardo tornou-se algo indispensável.

Após alguns pareceres técnicos do engenheiro Daniel Pedro Muller, um novo terreno foi escolhido. Tratava-se das terras de Manoel Rodrigues de Barros, fiscal da freguesia bernardense entre 1818 e 1833.

De outubro a dezembro de 1814, foi construída outra capela. Esta, entretanto, serviu de paróquia até o ano de 1825, ocasião em que houve a transferência dos atos litúrgicos, dos paramentos e das imagens dos santos para a matriz definitiva, que se ergueu em frente à capela antiga, mais precisamente na atual Rua Marechal Deodoro. É importante destacar que este terreno foi o último lugar em que funcionou a paróquia da Freguesia de São Bernardo, visto que os locais anteriores foram, respectivamente, a capela dos monges beneditinos, o pequeno templo da Vila Euclides e a capelinha situada nas terras de Manoel Rodrigues de Barros.

Mesmo com a transferência, o movimento de fiéis nessa capelinha continuou, dada sua localização. Situada junto ao antigo Caminho do Mar, aberto, no final do século XVI, para servir de ligação entre a Vila de São Paulo e o litoral, a capelinha de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem tornou-se parada obrigatória de tropeiros (...) *que ali faziam*

Rua Marechal Deodoro, trecho da Estrada do Vergueiro, que cortava a sede da Freguesia de São Bernardo, hoje centro de São Bernardo do Campo. Ano de 1895

Notas

11 - CINI, Celso de Almeida. "São Bernardo: Raízes e Evolução. O Vulto Histórico de Tomás Inocêncio Lustosa" in *Raízes* nº 22. Dezembro/2000. p.47.

Notas

12 - SANTOS, Wanderley dos. Op. cit.. apud CINI, Celso de Almeida. "São Bernardo: Raízes e Evolução. O Vulto Histórico de Tomás Inocêncio Lustosa" in *Raízes* nº 22. Dezembro/2000. p.48

13 - MARTINS, José de Souza. *Diário de Fim de Século: Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no Século XIX*. p.21.

Ofício do engenheiro Daniel Pedro Muller. Neste documento, o engenheiro relatou sua ida à Freguesia de São Bernardo, em 1814, para a escolha de um terreno para a construção da capela que serviu de paróquia para a mencionada freguesia até 1825

*suas preces e depositavam esmolas e donativos para a conclusão da nova Matriz, na famosa caixinha da Boa Viagem.*¹²

Por volta de 1870, as obras na matriz em questão chegaram ao fim, mas suas atividades já tinham sido iniciadas em 1825, ano em que se observou também a nomeação do padre José Joaquim Leite Penteadado como pároco de tal matriz.

Alguns aspectos do cotidiano dessa Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, ou, simplesmente, Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, serão retratados a seguir, através das atividades exercidas por seus fabriqueiros, no período situado entre 1844 e 1879.

FABRIQUEIROS

O termo *fabriqueiro* é utilizado para designar a pessoa encarregada do recolhimento dos rendimentos de uma igreja, da administração de seu patrimônio e da conservação de seus paramentos.

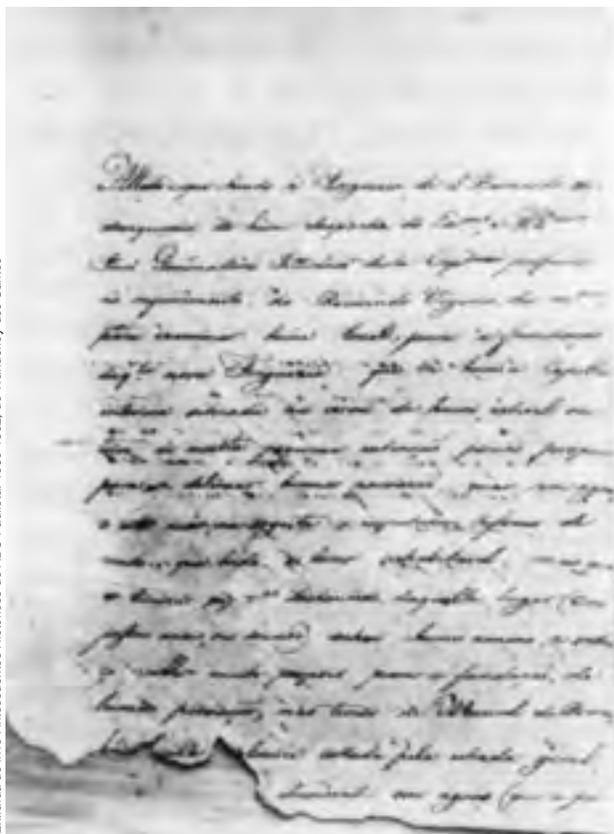
Na Freguesia de São Bernardo, a figura do fabriqueiro surgiu em 1837, ocasião em que João Baptista Leme prestou juramento para

desempenhar as atribuições inerentes à função. No dia dez de julho do mesmo ano, esse fabriqueiro enviou às autoridades um ofício relatando os rendimentos e as despesas da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem.

Deste período em diante, os relatórios sobre essa paróquia passam a ser constantes. Nos documentos referentes ao período situado entre 1844 e 1879 podem ser encontradas, por exemplo, informações variadas sobre a situação da referida igreja, principalmente a respeito de sua vida financeira. Em tais documentos, despontam três fabriqueiros: Francisco Martins Bonilha, José Joaquim de Jesus e o padre Tomás Inocêncio Lustosa, cuja relação com São Caetano será sempre lembrada a partir do polêmico episódio da proibição que impôs ao sepultamento de cadáveres do Núcleo Colonial de São Bernardo. José de Souza Martins apontou alguns detalhes do mencionado fato no livro *Diário de Fim de Século*.¹³

FRANCISCO MARTINS BONILHA

Figura de destaque em São Bernardo,





Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem. Este foi o último templo em que funcionou a paróquia da antiga Freguesia de São Bernardo

Francisco Martins Bonilha, ou Alferes Bonilha, como ficou conhecido, nasceu em 1782, em Porto Feliz (SP), e faleceu no dia dez de maio de 1871, em São Paulo. Casouse, aos 52 anos, com Escolástica Jacinta Branco. Foi inspetor da Estrada de Santos e juiz de paz da freguesia bernardense. Em 1814, comandou, nas terras de Manoel Rodrigues de Barros, as obras de construção da capela que serviu de paróquia para tal freguesia, até 1825. Foi ainda possuidor de uma vasta plantação de chá chinês, que chegou a atrair (...) *a atenção de vários viajantes estrangeiros que passaram pela localidade, no século 19*¹⁴. Este notável empreendimento permitiu ao Alferes Bonilha fundar uma fábrica, cujo registro é de 1847. Segundo consta, essa fábrica tornou-se a maior produtora de chá da Província de São Paulo, chegando a empregar, num dado momento, cerca de 40 escravos.¹⁵

Francisco Martins Bonilha já aparecia como fabricante da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem em quatro de agosto de 1844. Nesta ocasião, enviou um ofício a João Crispiano Soares, presidente da Câmara de São Paulo, comunicando-lhe sobre as obras na paróquia, obras estas iniciadas no final de 1814, período em que a pequena capela construída nas terras de Manoel

Rodrigues de Barros servia de paróquia provisória para a Freguesia de São Bernardo. As informações contidas em tal documento permitem concluir que aquelas obras estavam bem adiantadas, uma vez que a matriz já se encontrava (...) *fornada e assoalhada com tribunas, pulpitos e que se trabalhava no retábulo do altar mor*.¹⁶ Nesse mesmo ofício, informou também que as tintas necessárias ao teto, às portas e às tribunas já tinham sido compradas, fato que esgotou as reservas financeiras da igreja. Para piorar ainda mais a situação, relatou que (...) *a Matriz não tinha paramentos, a não ser os necessários para as missas quotidianas e para uma missa cantada. De alfaias só possuía um turíbulo e naveta*.¹⁷

Em 1857, Bonilha enviou outro ofício a São Paulo, no qual informou o saldo apresentado pela paróquia. Esse saldo foi estimado em 4.028\$701 réis. De acordo com o fabricante, esta verba seria aplicada na (...) *compra de um órgão e mais obras de que necessitar a mesma (igreja) conforme fora resolvido pela Câmara preterida*.¹⁸

Francisco Martins Bonilha exerceu a função de fabricante até 1864 ou meados de 1865. No período em que esteve à frente da administração da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, prestou contas, por diversas vezes, aos juizes Pedro de Azevedo Segurado e Joaquim Augusto de Camargo.

Além da prestação de contas, atribuição primordial que cercava a função de fabricante, o Alferes Bonilha, tendo em vista os recursos exigidos pelas intermináveis obras na igreja, encaminhou às autoridades paulistanas, em 1858, pedido de autorização para fazer (...) *arrematar em leilão público um terreno doado (à paróquia) pela falecida Gertrudes do Espírito Santo ao sul da freguesia*.¹⁹

Adquirida autorização para tanto, os editais foram publicados (...) *e a propriedade arrematada em 26 de novembro de 1859 por Antonio Pereira de Mello, ao custo de 121 mil réis (...)*²⁰

Com os recursos provenientes da venda do terreno mencionado acima, outras obras foram efetuadas na igreja. Ao longo de 1861, houve, por exemplo, a implantação de assoalhos e o douramento da matriz, assunto, até

Notas

14 - Idem. *A Escravidão em São Bernardo, na Colônia e no Império*. p.21.

15 - BRUNO, Ernani Silva. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. Vol.2. p.642 apud MARTINS, José de Souza. *A Escravidão em São Bernardo, na Colônia e no Império*. p.21.

16 - Papéis Avulsos: 1844. Vol.4. Fls. 978: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo apud SANTOS, Wanderley dos. Op. cit. p.160.

17 - Papéis Avulsos: 1844. Vol.4. Fls. 978: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo apud SANTOS, Wanderley dos. Op. cit. p.160.

18 - Atas da Câmara Municipal: 1857. Vol.43. p.41 apud SANTOS, Wanderley dos. Op. cit. p.125.

19 - Catálogo do Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. p.23.

20 - Pacote 11: 1858: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo apud SANTOS, Wanderley dos. Op. cit. p.162.

então, controverso, em razão das divergências²¹ que criou, a partir de 1853, entre o fabricante Bonilha e o padre Tomás Inocêncio Lustosa, vigário da igreja, na época.

Os dois anos seguintes foram também muito bons para a Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem. Entre os principais acontecimentos que a envolveram, merece destaque a autorização concedida pelo bispo para a realização de novas obras, como as de assoalhamento de alguns corredores e as de construção de um tapa-vento, além da permissão dada para a obtenção de certos enfeites e utensílios, como castiçais dourados, um par de galhetas e seus pertences de prata. Como se não bastasse tudo isso, no dia 23 de junho de 1863, uma grande festa foi organizada em louvor à Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, padroeira da paróquia. De acordo com os registros, 500 mil réis foram investidos neste evento, cujo comando ficou a cargo de José Joaquim de Jesus.

JOSÉ JOAQUIM DE JESUS

Sua ligação com a comunidade não se restringiu apenas àquele grande festejo. Em 1865, os documentos já se referiam a ele como fabricante da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem. Tudo indica que José Joaquim de Jesus sucedeu Bonilha nas funções de fabricante.

Durante o curto período em que comandou a administração daquela paróquia, aproximadamente entre 1865 e 1867, prestou contas ao juiz provedor, José Pedro de Azevedo Segurado.²²

Os serviços prestados por José Joaquim de Jesus à Freguesia de São Bernardo não se resumiram somente ao cargo de fabricante. De acordo com a documentação, José Joaquim de Jesus foi juiz de paz da freguesia, por duas vezes: de janeiro de 1864 a janeiro de 1865 e de janeiro de 1866 a fevereiro de 1867²³. Seu nome figura também entre os subdelegados de São Bernardo, a partir de 1865²⁴.

TOMÁS INOCÊNCIO LUSTOSA

Chegou a São Bernardo em 1828, por ocasião de sua nomeação como padre coadjutor da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem. Em 1848, tornou-se vigário encomendado (sacerdote nomeado através de provisão) dessa paróquia e, em 1865, vigário colado (pároco) dessa mesma igreja, onde permaneceu até 1892, ano de sua morte.

A função de fabricante da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem foi apenas uma das atividades consideradas (...) *incomuns ao clero*²⁵ que o padre Lustosa assumiu durante a sua longa permanência na Freguesia de São Bernardo. Além de fabri-

Notas

21 - As divergências existentes entre Francisco Martins Bonilha e o padre Tomás Inocêncio Lustosa diziam respeito às obras de decoração da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, principalmente ao seu douramento. Entendia Lustosa que a paróquia necessitava de obras de maior urgência. Bonilha, por outro lado, defendia ferrenhamente a decoração do templo. Em 28 de janeiro de 1855, esse fabricante expôs a Joaquim de Azevedo Marques, secretário da Câmara de São Paulo, a sua pretensão de (...) dourar pelo menos a capela mor da igreja. Avulsos: 1855. Vol.1. Doc.64 apud SANTOS, Wanderley dos. Op. cit. p.161.

22 - Catálogo do Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. pp.42 e 44.

23 - SANTOS, Wanderley dos. Op. cit., p.194.

24 - Ibidem. p.197.

25 - CINI, Celso de Almeida. "São Bernardo: Raízes e Evolução. O Vulto Histórico de Tomás Inocêncio Lustosa" in *Raízes*, nº 22. Dezembro/2000. p.39.

Fundos da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem



Extraída do livro Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1500-1892, de Wanderley dos Santos

queiro, foi professor de primeiras letras, integrante da Reserva do Serviço Ordinário da Sexta Companhia do Primeiro Batalhão da Guarda Nacional de São Bernardo e juiz de paz, entre janeiro de 1839 e janeiro de 1840. Desempenhou também um papel de relevo nas atividades políticas da freguesia bernardense, chegando a figurar entre os líderes da região que lutaram pela elevação de São Bernardo à categoria de município, sonho concretizado através da Lei nº 38, de 12 de março de 1889.

Na qualidade de fabricante, o padre Tomás Inocêncio Lustosa informou, inúmeras vezes, a situação financeira de sua paróquia às autoridades competentes. Entre os registros concernentes ao período em que esteve à frente da administração dos bens da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, merece atenção um documento de 1870, por meio do qual pediu permissão ao juiz provedor para vender um terreno de propriedade da matriz²⁶. Lustosa pretendia, desta forma, conseguir recursos para a igreja. Sua atitude, neste sentido, é absolutamente compreensível, ainda mais se for levada em consideração a realização de diversas obras na paróquia, no decorrer do segundo semestre de 1865. Essas obras, que, entre outros itens, incluíam o frontispício da igreja, geraram grandes despesas, cujo valor foi estimado em três contos e 900 mil réis²⁷.

Tudo indica que estes enormes gastos acabaram trazendo graves conseqüências para a vida financeira da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, pelo menos ao longo dos cinco anos subseqüentes às obras. Daí a iniciativa do padre Lustosa no sentido de conseguir autorização para a venda de um terreno que pertencia àquela paróquia. Os recursos provenientes de tal venda poderiam fornecer um certo respaldo financeiro à igreja, concedendo-lhe, assim, condições para a sua manutenção e para a solução de eventuais problemas.

Os problemas, diga-se de passagem, sempre assolaram a paróquia. Em 1879, o vigário Tomás Inocêncio Lustosa pediu autorização ao juiz provedor, Gama e Mello, (...) *para contratar os serviços de um mestre de obra para consertar o telhado da Igreja*²⁸, *que se encontrava em péssimo estado, apresentando (...) muitas goteiras que*

*afetavam as paredes, forros e assoalhos*²⁹. Atendido o pedido de Lustosa, os consertos no telhado da paróquia tiveram início. Sob o comando do mestre de obras, Ludovico Gomes Quintanilha, os reparos solicitados foram estimados no valor de 735 mil réis e 600³⁰.

Mais uma vez a Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem precisou dispor de uma quantia considerável de dinheiro, o que continuou a ser observado nos anos posteriores, conforme aponta a vasta documentação existente sobre o assunto. Outras obras importantes foram verificadas nos primeiros anos do século XX, confirmando, assim, que as atividades relativas à administração dos bens de uma paróquia são imprescindíveis para a sobrevivência da comunidade a ela inerente. Os fabricantes da Freguesia de São Bernardo que o digam.

(*) Cristina Toledo de Carvalho é historiadora e pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Notas

26 - Catálogo do Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. p.53.

27 - Revista do Arquivo Municipal. Vol.17. pp.116-117 apud SANTOS, Wanderley dos. Op. cit.. p.162.

28 - Catálogo do Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. p.79.

29 - Relatório de Fábrica Paroquial: 1879. Pacote 48: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo apud SANTOS, Wanderley dos. Op. cit.. p.162.

30 - Relatório de Fábrica Paroquial: 1879. Pacote 48: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo apud SANTOS, Wanderley dos. Op. cit.. p.162

FONTES

Acervo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

CINI, Celso de Almeida. "São Bernardo: Raízes e Evolução. O Vulto Histórico de Tomás Inocêncio Lustosa" in *Raízes*. Ano XI, nº 22. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Dezembro/2000.

COIMBRA, Alvaro da Veiga. Catálogo do Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo: Gráfica Sangirard, 1976.

JOHNSON, Dom Martinho. (O.S.B.). Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo. São Paulo, 1977.

MARTINS, José de Souza. "Trilhas, Trechos e Caminhos" in Anais do II Congresso de História da Região do Grande ABC. São Bernardo do Campo: Secretaria de Educação e Cultura, 2000.

BIBLIOGRAFIA

MARTINS, José de Souza. *A Escravidão em São Bernardo, na Colônia e no Império*. São Bernardo do Campo: Co-edição Pastoral do Negro - Quilombo Regional do ABC, Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), 1988.

Diário de Fim de Século: Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no Século XIX. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.

SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos*. São Vicente: Caudex Ltda., 1996.

SANTOS, Wanderley dos. *Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892*. São Bernardo do Campo: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1992.

SOUZA, Ney de. (Org.). *Catolicismo em São Paulo: 450 Anos de Presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)*. São Paulo: Paulinas, 2004.

As comemorações do jubileu de ouro de templos católicos no município em 2005

Mascida sob a proteção de São Caetano de Thiene, a cidade ganhou, com a religiosidade trazida pelos imigrantes italianos, há 128 anos, um robustecimento da fé católica difundida inicialmente pelos monges beneditinos, após a construção, de 1717 a 1720, de capela com aquele padroeiro, dentro da Fazenda de São Caetano, onde era movimentada *a olaria, por escravos, na produção de louças, telhas e tijolos*¹. Em torno dessa propriedade havia já um núcleo incipiente que daria origem ao povoado. A força praticante da religião católica veio, pouco mais de um século e meio depois, com os imigrantes italianos que já a professavam na Itália e espalharam essa fé pelas terras do Tijucuçu, contagiando as famílias brasileiras locais e, mais tarde, também aquelas vindas com levadas migratórias em busca de emprego no parque industrial sempre crescente do município, especialmente a partir do final dos anos 40 do século XX.

Por outro lado, como o catolicismo tornou-se a orientação religiosa de maior abrangência da população sancaetanense, os movimentos e a convicção objetivando criar capelas e templos nos diversos bairros surgiram e se intensificaram a partir dos anos 30 e 40 do século passado, crescendo após alcançada a autonomia, a instalação do município em 1948 e a criação da Diocese do ABC no início da década de 50, com sua inauguração em julho de 1954. Datam dessa época movimentos de fiéis e moradores liderando reivindicações destinadas à elevação das capelas iniciais de seus bairros ao nível de paróquias, com organização e administração uniformes, determinadas, controladas e apoiadas pela

Cúria Diocesana.

Com efeito, a criação da Sede de Bispaço em Santo André ocorreu por volta do final de 1952, mas sua instalação oficial deu-se em 22 de julho de 1954². O primeiro bispo diocesano da região do Abcdmr, dom Jorge Marcos de Oliveira, logo tomou posse e, naturalmente, passou a apoiar os movimentos objetivando a multiplicação dos centros de vida espiritual na jurisdição de sua Cúria Diocesana com a criação oficial de novas paróquias. Em São Caetano do Sul esse movimento ganhou vulto entre as comunidades de bairros.

Assim é que, vencidas as dificuldades naturais do trabalho incipiente de fundação, com a aquisição de área e construção das capelas, que depois recebiam provisão da diocese para contar com um sacerdote que oficiasse missas, os líderes e moradores dos bairros Barcelona, Nova Gerti (atual Bairro Nova Gerte) e São José, passaram a reivindicar à Cúria Diocesana de Santo André a ascensão das capelas construídas nessas três localidades à categoria de paróquias. Acolhendo os pedidos, a Diocese do ABC criou e canonicamente erigiu, por decretos diocesanos específicos de dom Jorge Marcos de Oliveira, as três paróquias. Foram, desse modo, oficializadas as datas de fundação das paróquias do Santuário de Nossa Senhora Aparecida no Bairro Barcelona, em 25 de março de 1955; de Nossa Senhora das Graças no Bairro Nova Gerte, em 12 de março de 1955; e, do Sagrado Coração de Jesus, no Bairro São José, em dez de setembro de 1955. Todavia, cada uma das paróquias tem sua história e suas particularidades dignas de menção, como lembram fundadores remanescentes, párocos e paroquianos líderes de hoje.

Notas

1 - LODUCA, Wilson. *São Caetano - De Várzea Alagadiça a Príncipe dos Municípios*. pág. 56

2 - Decreto Diocesano (in: Livro de Tombo da Paróquia N.S. das Graças - Dom Jorge Marcos Oliveira) e *Raízes*, edição de julho/2004

Paróquia de Nossa Senhora Aparecida

1955 - 23 de março - 2005



JUBILEU

A exemplo da Basílica de Aparecida, trata-se de santuário³, localizado no Bairro Barcelona, à Rua Flórida, 975, esquina com a Rua Oriente, e comemorou a passagem de seu jubileu⁴ de ouro sob o lema *50 anos a serviço do Reino de Deus*, em 23 de março de 2005, tendo a Comissão de Festas, juntamente com os movimentos comunitários (liga, irmandades, corais etc.), sob a liderança do pároco, padre Geraldo Vicente Voltolini, organizado e levado a cabo extensa programação de eventos sócio-litúrgicos, vividos com todo o rigor, alegria e esplendor religioso, já a partir de 20 de março de 2004, com encerramento solene em 27 de março de 2005, *Grande Dia de Louvor* que coincidiu com o Domingo de Páscoa de 2005. Nessa data, teve lugar o descerramento solene de placa comemorativa dos 50 anos da paróquia,



Fundação Pro-Memória

Exterior atual do Santuário da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Barcelona

missa solene às 18h30, celebrada pelo pároco, padre Geraldo Vicente Voltolini e concelebrada pelos padres Januário Beo e Higino, com a participação de grande número de fiéis, incluindo as pessoas dos quatro fundadores ainda vivos, Luiz Milani, José Tonetti, Carmela Gava e Ana Onofre. No encerramento houve farta queima de fogos que fechou os festejos do jubileu de ouro da paróquia. Todos puderam assistir às solenidades por meio das imagens projetadas em grande telão instalado no templo. Os eventos festivos lembraram a data oficial da fundação, e os patronos dessa festa comemorativa foram o prefeito José Auricchio Júnior e sua esposa, primeira-dama, senhora Denise Auricchio. A pro-

Padre Olavo Paes de Barros Filho - cidadão santsaetanense

Padre Olavo Paes de Barros Filho, filho de Olavo Paes de Barros e Ângela Paes de Barros, nasceu em Leme, SP, em dez de junho de 1936. Estudou no Ginásio Diocesano de São Carlos e, posteriormente, no Seminário Diocesano de São Paulo, sob a orientação de dom Ruy Serra, bispo diocesano de São Carlos. Finalizou estudos seminarísticos no Seminário Santo Cura D'Arce, em São Paulo. Cursos Filosofia e Teologia no Seminário Coração Eucarístico de Jesus, em Belo Horizonte, MG (1963). Licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de OMEC de Mogi das Cruzes. Após a ordenação, trabalhou na Diocese de Santo André, com dom Jorge Marcos de Oliveira. Foi secretário particular do bispo, diretor do ensino religioso da Diocese de Santo André, assistente

eclesiástico da Legião de Maria, vigário coadjutor da Paróquia Sant'Ana de Ribeirão Pires. Colaborou com a CNBB na subsecretaria do Departamento de Catequese. Permaneceu como pároco do Santuário de Nossa Senhora Aparecida de Vila Barcelona de 1968 até 1985. Exerceu o magistério secundário no Colégio Laura Lopes, da Prosperidade. Recebeu a distinção de Cidadão Santsaetanense da Câmara por decreto de 17 de maio de 1972, por proposta do vereador Sebastião Lauriano dos Santos. Após haver deixado a paróquia, retornou à vida militar na Marinha, como capelão. Serviu em Belém do Pará e na Antártida. De saúde muito frágil, padre Olavo faleceu vitimado por um aneurisma cerebral em 31 de janeiro de 1995, aos 59 anos.

Notas

3 - Santuário: lugar santo; (*sancta sanctorum*) lugar onde se recolhem e se vendem relíquias de santos. Na antiguidade, recinto que abrigava a Arca da Aliança no Templo judaico.

4 - Jubileu – Reconhecido pelo Velho Testamento como coisa santa. *Porque o Jubileu será coisa santa para vós...* (Levítico 25, 12)



Paróquia Nossa Senhora Aparecida

Padre Ézio Gislimberti, ao lado de componentes da Banda da Capela de Nossa Senhora Aparecida - Bairro Barcelona (primeira capela). Procissão diante da casa da família Capra (1949)

gramação lembrava também o saudoso prefeito Luiz Olinto Tortorello.

É interessante observar que, sob o titular e carismático orago de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, existem inúmeras igrejas, capelas e templos (só no ABC existem cinco), espalhados pelo país, destacando-se a suntuosa e universalmente conhecida Basílica de Aparecida do Norte, SP, cuja imagem milagrosa de terracota foi encontrada por pescadores no Rio Paraíba do Sul no século XVIII, (12 de outubro de 1717), época do Brasil colonial. A basílica, um santuário pelas relíquias e provas, de numerosos milagres alcançados, que ali se mantêm, é logradouro de imensas romarias de devotos, vindos de todos os recantos do país e do exterior.

Notas

5 - Rev. Arquitetura e Urbanismo de junho de 1994, pg. 101

SANTUÁRIO EM SCS

O povo de São Caetano do Sul seguidor, em grande parte, da religião cristã católica,

também fez frutificar sua fé na Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, erigindo aqui este belo templo em sua honra. Esta paróquia recebeu do então bispo diocesano, dom Jorge Marcos de Oliveira, com base no Direito canônico, a elevada dignidade de santuário podendo, por isto, conceder as mesmas indulgências autorizadas pela Santa Sé à grande Basílica do Vale do Paraíba, *assim como permitir a faculdade para aqui se cumprirem promessas à Padroeira*, como nos foi afirmado pelo atual pároco, padre Geraldo Vicente Voltolini, em entrevista pessoal. O decreto diocesano contendo a Ata de Criação da Paróquia encontra-se registrado no Livro de Tombo I da paróquia, às pgs. 172 e 173.

ARQUITETURA

O projeto arquitetônico original do templo hoje existente, de autoria do notável arquiteto Carlos Milan, bastante moderno e que vinha marcado pelo formalismo de Niemeyer e de Brasília, é de 1960⁵ e era mais amplo, o que foi confirmado em entrevista concedida pelo então pároco padre (Philippus Herman) Canísio Van Herkhuizen, em 26 de junho de 1959, ao *Jornal de São Caetano do Sul*, ocasião em que ele comparou o projeto às linhas arrojadas da Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, e da Catedral de Brasília. A edificação atual, entretanto, mostra ter havido modificações na planta original, que foi simplificada e reduzida em sua construção final. Considerando tratar-se de assunto importante do ponto de vista arquitetônico e artístico e de

Paróquia Nossa Senhora Aparecida



Posse festiva do padre Canísio (Herman Philippus) Van Herkhuizen em 27 de março de 1954, com a presença do reverendíssimo bispo dom Jorge Marcos de Oliveira, do prefeito Anacleto Campanella e do líder da Liga Católica, Luiz Milani, (último à direita)

interesse urbanístico para São Caetano, esta é uma questão que poderá ser objeto de novas pesquisas para figurar em artigo a ser divulgado por esta mesma revista, posteriormente.

HISTÓRIA

Historicamente, desde a década de 30 do século passado, no

Bairro Barcelona, um grupo de devotos da Virgem percorria as casas para, com a família que os acolhia, rezar o rosário (o terço), tradição religiosa antiga e que ainda se mantém na paróquia. Conforme lembra Luiz Milani, antigo morador muito conhecido, hoje com 82 anos e que, naquele tempo, era marceneiro na General Motors, *eu e um grupo de colegas, liderados pelo padre Ézio Gislumberti, que já vinha incentivando os moradores da Vila Barcelona a erigir sua capela no bairro, em honra da Senhora Aparecida, fizemos celebrar a primeira missa campal, em seis de fevereiro de 1949, num terreno baldio da Rua Nazareth, que hoje abriga o Centro Recreativo Brasil Unido. Três meses depois, no dia de Santa Cruz, três de maio, foi levantado e inaugurado o cruzeiro.*

Com essa dedicação, a união de esforços, as quermesses e as campanhas desenvolvidas por esses abnegados devotos, foi erigida a primeira capela em honra da Senhora Aparecida ainda em 1949, quando a comunidade reuniu recursos e adquiriu uma área de 536,00 m² na Rua Particular, atual Rua N.S. Aparecida, para ali situar a capela, graças à memorável *Campanha do Metro*⁶. *A primeira missa em louvor à Senhora Aparecida nessa capela foi celebrada pelo mesmo vigário local, padre Ézio Gislumberti, em sete de setembro de 1949, homenageando a santa como Padroeira do Brasil. Padre Ézio era um sacerdote auxiliar do padre Alexandre Grigolli, da Matriz Velha, de São Caetano, como relembra o mesmo Luiz Milani.*

Compunham o grupo de pioneiros, fundadores da capela inicial: Etoze Milani, Reinaldo Hermínio dos Santos, Gaetano Milani, Antonio Tonetti, Luiz Zanetti, Izidoro Rossini, Antonio Gava, Fortunato Ricci Neto, João Zanetti, Amélia Rossini, Luiz Suterio, Irene Milani, Adelaide Sturaro, Luiz Milani, José Tonetti, Carmela Gava e Ana Onofre. Na sua maioria estes pioneiros da fé local na Senhora Aparecida já não se encontram entre nós. Apenas os quatro últimos nomeados estão vivos e, como vimos, estiveram presentes às comemorações do jubileu, tendo sido agraciados, com outros líderes, com miniatura de prata da placa comemorativa do cinquentenário.

Padre Geraldo Vicente Voltolini (atual pároco da Igreja N.S. Aparecida - Barcelona)

Nasceu em Tijucas, Santa Catarina. É filho de Vicente Voltolini e Maria Trainoti Voltolini. Fez estudos secundários no Seminário Santa Terezinha, em São Manoel, SP. Estudou Filosofia e Teologia em Turim, Itália, na Universidade Católica Italiana. cursou Inglês em Londres, por sete meses. Fez a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mogi das Cruzes em 1971. É



Paróquia Nossa Senhora Aparecida

Padre Geraldo Vicente Voltolini, em 30 de março de 1963, por ocasião de sua ordenação sacerdotal em Turim, Itália. (Pároco do Santuário de Nossa Senhora Aparecida - Bairro Barcelona.)

licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Caetano do Sul (1974). Ministrou Estudos Sociais, Português e Inglês no Colégio Estadual de São Caetano do Sul entre 1973 e 1974. Foi professor de Inglês de 1976 a 1979 na Escola

Estadual Maria Trujillo Torloni. Lecionou Educação Moral e Cívica no EEPG 28 de Julho entre 1980 e 1981. Trabalhou pelo desenvolvimento social à frente da Creche Zilda Natel, que funciona no terreno da Paróquia N. S. Aparecida, onde é pároco. Prestou grande assistência social a favelas e comunidades carentes, oferecendo assistência material e também amparo espiritual.

Foi agraciado com o título de Cidadão Sulsancaetaneense pela Câmara municipal em 28 de setembro de 1982, por proposta do então vereador Sebastião Lauriano dos Santos cujo nome, mais tarde, se deu à praça principal existente no adro desta igreja.

Em de março de 1953, O bispo dom Jorge Marcos de Oliveira, já em vias de organizar a Cúria Diocesana de Santo André, nomeou o padre Canísio Van Herkhuizen como primeiro vigário oficial do Bairro Barcelona. A posse festiva, com a presença do bispo dom Jorge e do prefeito Anacleto Campanella, ocorreu um ano depois, em 27 de março de 1954. Nessa época, cinco anos após a conclusão da primeira capela, o

Paróquia Nossa Senhora Aparecida



Notas

6 - RUSSO, Alexandre Toler – Caminhos da Fé (FPM), pág. 35

Paróquia Nossa Senhora Aparecida - oito de dezembro de 1968. Padre Olavo Paes de Barros Filho, pároco, ministra a primeira eucaristia às crianças da paróquia

Luiz Milani, 82 anos - Baluarte do Catolicismo de SCS - Paróquia de N.S. Aparecida - Bairro Barcelona

Já em 1960 Luiz Milani era considerado um baluarte dentro do catolicismo local, conforme crônica do professor Sílvio Fernandes no Jornal de São Caetano. De 1940 a 1953, Luiz Milani era paroquiano da Matriz Sagrada Família, onde fundou a Liga Católica Jesus, Maria, José, da qual foi presidente mais de uma vez. Foi precioso coadjutor das obras paroquiais iniciadas pelos padres Alexandre Grigolli



Luiz Milani (82) em 20 de abril de 2005, em sua residência. Um dos fundadores da Paróquia N.S. Aparecida e presidente da Liga Católica Jesus, Maria, José, empenhada na busca de recursos e na construção da igreja

Fundação Pro-Memória

Milani deixou a Matriz Nova e foi fundar a Liga Católica na nova Paróquia de N. S. Aparecida. Com extraordinária capacidade de contagiar os demais colaboradores, Milani mostrou mais uma vez todo o seu valor como coadjutor dessa paróquia. Ele já era, então, uma figura muito querida no Bairro Barcelona. E isto nos anos 50 (do século passado)! Passados outros 50 anos, Luiz Milani,

e Êzio Gislimberti, especialmente nas quermesses, onde era leiloeiro entusiasmado, mas cuidava de muitos outros afazeres em prol da igreja. Residente na então Vila Barcelona desde muitos anos, defendia a idéia de uma capela no bairro. E, ao lado do padre Êzio, tudo fez para que ali fosse construída a primeira capelinha, que mais tarde daria lugar à Matriz de N. S. Aparecida. Foi ele o mais ardoroso dos colaboradores; um verdadeiro baluarte naquela campanha, ao lado de outros valores do bairro. Quando em 1955 foi criada a paróquia na Barcelona, Luiz

já agora com 82 anos, é uma figura histórica, uma lenda viva, conhecido e estimado por toda a São Caetano. Todo mundo conhece o simpático Milani da Liga. É uma figura extraordinária que continua merecendo todo o nosso respeito e estima. É daqueles que acham que a fé é capaz de dominar o mundo e tornar as criaturas melhores. Tem uma invejável folha de serviços prestados ao catolicismo da cidade, na divulgação da Igreja de Cristo entre nós. (Apud professor Sílvio Fernandes - Jornal de São Caetano - 1960.)

aumento do número de fiéis levou a comunidade do Bairro Barcelona a cotizar-se para adquirir nova gleba, agora de 1.500 m², com o objetivo de construir outra capela, inaugurada em sete de setembro de 1954, já onde hoje se encontra o santuário, conforme narrou para Raízes o incansável Luiz Milani, em recente entrevista. Ele presidia a comissão responsável. No ano seguinte, a Prefeitura doou à igreja uma área de 1.000 m² no mesmo local. Antes de terminado o mês de março de 1955, dom Jorge Marcos de Oliveira expediu decreto diocesano instituindo oficialmente a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida de São Caetano do Sul e fixando o dia 25 de março de 1955 como data oficial da fundação. Estabeleceu-se

também o domicílio definitivo do templo na Rua Flórida, 975, Bairro Barcelona.

COORDENAÇÃO

Em outubro de 1956 chegou e foi entronizada a primeira imagem do orago da capela, Nossa Senhora Aparecida, réplica da imagem original, de terracota, da Basílica de Aparecida, que recebeu manto semelhante, o qual se manteve cobrindo a imagem milagrosa de Aparecida do Norte durante sete dias antes de ser trazido para o Bairro Barcelona, nesta paróquia, e passar a cobrir a imagem da Senhora Aparecida do santuário de São Caetano. Nessa época, a coordenação do santuário ficou a cargo dos padres (Philippus Herman) Canísio Van Herkhuiizen e Jorge Nogueira, com o concurso também do padre Bueno e do padre da Congregação de Sion, Januário Beo que, após sua ordenação, rezou sua primeira missa nesse santuário, em três de março de 1968. Essa coordenação durou até a chegada, em fevereiro de 1968, do jovem sacerdote, padre Olavo Paes de Barros Filho, que fora capelão da Marinha brasileira. No mês de maio, mês de Maria, o santuário recebeu uma *Rosa de Ouro*, vinda do Santuário Nacional. O novo vigário, depois pároco, popularizou, na São Caetano do Sul dos anos 70 do século XX, a tradicional *Procissão de Corpus Christi*, com aquela conhecida arte de decorar, a cores, motivos litúrgicos no leito das ruas por onde devia passar o cortejo religioso de Corpus Christi, costume esse iniciado em 1973 e que coincidiu, aliás, com a conclusão do templo atual.

AÇÃO SOCIAL

Acresce destacar que a paróquia, ainda ao tempo do padre Canísio, criou a Associação Beneficente e Cultural (ABC) com o objetivo de realizar um trabalho social com as mães da comunidade, na feitura de trabalhos manuais. Mais tarde, em 1972, já com o padre Olavo Paes de Barros Filho como pároco, e com o apoio dos vereadores Sebastião Lauriano dos Santos, Oswaldo Martins Salgado e do então prefeito municipal, H. Walter Braidó, a construção da Creche Zilda Natel tornou-se realida-

de, sendo inaugurada em 11 de março de 1975. Nesse trabalho de alto alcance social, as crianças ficavam, no princípio, aos cuidados das freiras Margarida Goulart e Elza Maria Lopes, sob a coordenação de Oneida Belfort Gloeden. Mais tarde, a parceria com a Prefeitura garantiu o envio de professoras e auxiliares de primeira infância, merendeiras e serventes de grande ajuda à entidade. Em 1997 essa parceria foi dinamizada e a creche passou a receber o mesmo suporte das escolas da rede municipal pré-infantil, com pessoal e alimentação para as crianças, o que permitiu ampliar o atendimento para 162 crianças em lugar de 50.

Apóiam a Associação ABC, mantenedora da creche, além da Prefeitura local, 150 associados, a Liga das Senhoras Católicas, a parceria com empresas privadas, além de voluntários e doadores. O pároco, padre Geraldo Voltolini, ponderou que *no início foi muito difícil, mas o Tortorello nos ajudou. Graças à pronta ação dele (pela Prefeitura) a creche pôde manter suas portas abertas. Creche não é luxo, creche é testemunho de vida.*⁷

LIGAS

Padre Olavo foi também o responsável pela criação da *Liga das Senhoras Católicas*, (que hoje prosseguem trabalhando em favor das crianças da creche), espécie de irmandade de leigas, com o concurso de várias colaboradoras que, por sugestão da integrante, Glória Krauss da Rocha, tinha por missão principal angariar fundos para a construção do novo templo. Mas, sua ação estendia-se para animar celebrações, organizar procissões e prosseguir com a piedosa tradição de rezar o terço nas casas das famílias do bairro e para outras tarefas como a organização de grupos dramáticos e a formação de um corpo cênico nessa paróquia, sob a direta orientação de Otávio Fiorotti, no início.

Para a divulgação de sua fé e de seu trabalho, as ligas contavam também com o acesso aos meios de comunicação, especialmente às emissoras de rádio como a Rádio Clube e a ABC, de Santo André, e a Rádio Cacique de São Caetano, pertencente à própria paróquia, que franqueavam espaço às ligas para a

transmissão de orações dos grupos e informações sobre o trabalho desenvolvido.

PADRE GERALDO

Por ocasião do término das obras do templo atual, já se encontrava, como vigário e depois pároco da igreja, o padre Geraldo Vicente Voltolini que, em harmonia com o poder público municipal, batalhou para encaminhar e auxiliar as obras, no sentido

Paróquia Nossa Senhora Aparecida



Notas

7 - Apud *Jardins de Infância – Registro das Escolas Infantis de São Caetano do Sul e Jornal de S. Caetano*, Fund. Pró-Memória - 2004)

Sete de setembro de 1949: primeira missa celebrada na nova Capela de Nossa Senhora Aparecida - Bairro Barcelona, no local do templo atual - Procissão após a missa

Capela de Nossa Senhora Aparecida, construída pelo vigário padre Canísio, de março a dezembro de 1954 (Foto de 1957)



Paróquia Nossa Senhora Aparecida

de que o projeto do templo se edificasse segundo o plano inicial. Esse templo tem hoje capacidade para abrigar 500 pessoas sentadas e conta com a assiduidade de grande número de fiéis que o freqüentam. Padre Geraldo Vicente Voltolini vê com agrado e confiança o retorno dos jovens ao convívio católico e procura trabalhar o lado espiritual das pessoas, seu idealismo constante para mudar a sociedade. Incansável, idealista e dinâmico, ele segue sendo o pároco local há mais de 30 anos.

CRISTO GLORIOSO

Em novembro de 1972, a Liga das Senhoras Católicas, religiosos e colaboradores idealizaram elaborar audacioso projeto: a grandiosa imagem do Cristo crucificado, esculpida em madeira de mogno e medindo a cruz 3,50 metros de altura e pesando cerca de uma tonelada. O trabalho artístico foi confiado ao escultor Juliano Gonzalez Garcia que o concluiu em 18 meses. Essa imagem foi entronizada no santuário em 19 de abril de 1974, ainda ao tempo do padre Olavo Paes de Barros Filho, que concebeu a idéia de um Cristo crucificado fugindo às tradições de dor e tristeza. Com características modernas e simples, a figura desse Cristo deveria transmitir alegria e serenidade. *É um Cristo glorioso, com um sorriso nos lábios. Está sereno e paramentado para funções litúrgicas, pois Ele é o sumo sacerdote, imagem de Melquisedek. Tem no peito as*

iniciais A.M. (Ave Maria) numa homenagem à sua santa mãe. Sobre a cabeça não há a inscrição INRI, mas uma bela pomba, símbolo do Espírito Santo, Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, como informou o padre Olavo em entrevista concedida em abril de 1974 a um jornal da região do ABC.

COLABORADORES

Entre os colaboradores antigos, ainda assíduos militantes da paróquia, estão os fundadores, especialmente o sr. Luiz Milani, figura ultraconhecida no Bairro Barcelona, o saudoso vereador Sebastião Lauriano dos Santos (hoje nome da praça principal no adro dessa igreja), que prestou inestimáveis serviços à paróquia e à comunidade local, a sra. Maria Aparecida Valdarmini Lopes, conhecida de todos apenas como dona Cida, que aí trabalha há mais de 40 anos e que hoje responde pelas atribuições da Secretaria Geral da Paróquia, onde cuida com muito zelo de diversas atividades e, ainda, além de vários líderes de movimentos, também o dinâmico Ângelo Neto, encarregado das mais diversas tarefas, além de cuidar tecnicamente da comunicação e do som nas cerimônias e festas litúrgicas da paróquia. Todos, porém, sempre sob a serena liderança do pároco padre Geraldo Vicente Voltolini, que já comemorou 42 anos de sacerdócio em 30 de março de 2005 e que, como dissemos, já se encontra à frente da paróquia há mais de três décadas.

Fundação Pró-Memória



Placa alusiva ao jubileu de ouro da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida do Bairro Barcelona - março de 2005



Capela e igreja, funcionando provisoriamente nestas dependências de salão paroquial e casa paroquial (N.S. das Graças - Vila Nova Gerty) elevada a paróquia em 12 de março de 1955. Mas sua construção inicial deve ser anterior a 1953, segundo padre Ernesto Cozer, pároco atual



Paróquia de Nossa Senhora das Graças, no Bairro Nova Gerte - 1968. Início das reformas e construção da igreja definitiva



Fachada atual da Igreja de Nossa Senhora das Graças no dia 12 de março de 2005, jubileu de ouro da paróquia

Paróquia de Nossa Senhora das Graças 1955 - 12 de março - 2005

COMEMORAÇÃO

Com templo situado na Rua Tocantins, 415, no Bairro Nova Gerte, esta paróquia comemorou e celebrou de forma festiva e condigna, *com pompa e religioso esplendor*, seu jubileu de ouro, transcorrido em 12 de março de 2005, com importante programação sociolitérgica desenvolvida pela Comissão de Festas da Paróquia sob a liderança do pároco, padre Ernesto Cozer, que teve lugar no sábado, 12 de março, com missa às 18 horas e posterior atividade social (*Noite da Pizza e Bingo*) no salão paroquial e, no domingo, 13 de março, com missa solene de louvor a Nossa Senhora das Graças, às 18 horas, celebrada pelo bispo da Diocese de Santo André, dom Nelson Westrupp, SCJ e concelebrada pelo mesmo padre Ernesto Cozer e pelo recém-nomeado vigário paroquial, padre Wagner Paulo Pereira Dorigueti, ocasião em que se registrou grande afluência de fiéis, prestigiando durante as solenidades da missa a bela e comovente coroação da Virgem Maria, por grande número de anjos, vividos por crianças e adolescentes da paróquia. O ato do descerramento da placa comemorativa do 50º aniversário da paróquia, no portal do templo, se fez pelo bispo diocesano, dom

Nelson Westrupp, e pelo pároco, padre Ernesto Cozer. Depois, no salão paroquial, a comunidade pôde apreciar grande show de música sertaneja, com a apresentação do grupo *Aparecidinha*, de Santo André. Para completar, assistiu-se a uma apoteótica queima de fogos marcando o encerramento das festividades do ano jubilar da paróquia.

JUBILEU DO PADRE COZER

O padre Ernesto Cozer, que completou 42 anos à frente da paróquia, em 17 de março de 2005, comemorou há dois anos, em janeiro de 2003, seu próprio jubileu de ouro na profissão de fé - 50 anos de sacerdócio e contínua vida religiosa e de assistência aos fiéis da paróquia. Muito querido por toda a comunidade local, o coral, as irmandades e os movimentos pastorais, além de seus amigos e todos os fiéis, também fizeram questão de lembrar a data e manifestar seu grande regozijo por seu jubileu de ouro, por meio de preces, atos litúrgicos, missa solene e grande comemoração social, ocasião em que todos manifestaram alegria, agradecimento e reconhecimento pelos longos anos de convivência religiosa e amizade e pela dedicação desse sacerdote em favor da comunidade do

Bairro Nova Gerte, conforme registro em fotos da ocasião.

HISTÓRIA

No início de abril de 2005, tivemos oportunidade de conhecer e entrevistar com muito agrado a simpática figura do padre Ernesto Cozer, que completou 79 anos em cinco de março de 2005. Nessa ocasião, o pároco narrou com serenidade e muita ternura algumas factas interessantes que marcaram a história,

bastante singular, pontilhada de lutas e sacrifícios, mas também de determinação, da comunidade do bairro, para dar lugar ao nascimento, desenvolvimento e criação desta paróquia, com a construção de seu imponente templo no alto do Bairro Nova Gerte.

No início da atividade religiosa o povo do bairro frequentou uma capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida. Segundo padre Ernesto, essa capela primitiva foi *erguida antes de 1953, apenas na forma de um grande galpão, em terreno doado pela Cia. (Casa) Bancária A. E. Carvalho, dona do loteamento, sendo essa área localizada na Rua Tocantins, no local onde hoje se ergue o templo definitivo da paróquia atual.*

Realmente, o Livro de Tombo, redigido pelo próprio vigário provisório de então, padre Longino Vastbinder, às páginas de seis a nove, em 21 de junho de 1956, menciona que: *A Capela de N.S. das Graças, antes nomeada de N.S. Aparecida, foi iniciada sob impulso dos próprios moradores de Vila Nova e adjacências, representados por uma Comissão Diretora, composta dos srs. Júlio Manoel Gomes, Antonio Faria Guimarães, Geraldo Faria Pereira e Carmo Nazo. Esta Comissão conseguiu, nos primeiros meses do ano de 1950 auto-
rização, do então Vigário responsável*

Revmo. Pe. Ézio Gislimberti, para organizar campanhas em benefício da futura Capela. Da Cia.(Casa) Bancária A.E. Carvalho, dona da Vila Nova, a Comissão conseguiu a doação de um lote de terreno, a saber lote dois, da Quadra 15 situado à rua Tocantins. A Comissão, aumentada de Jordano Gomes e Irene Eugênia Delminda (zeladora), organizou uma "romaria-visita" da imagem de N.S. das Graças de casa em casa. Em novembro de 1950 foi angariada a quantia de Cr\$ 22.802,00 em dinheiro e 23.900 tijolos. Estes dados foram tirados das Atas de reuniões realizadas em 1950. Na ata de 16 de novembro de 1952 já encontramos a Capela construída, com novas pessoas na Comissão Durante todo esse período a Capela ficou subordinada à Paróquia da Sagrada Família, naquele tempo ainda chamada Paróquia São Caetano. As missas eram celebradas mensalmente. Depois da ereção da Paróquia de N.S. da Candelária, nossa Capela ficou sob os auspícios desta Matriz. Em 1953 foi comprado mais um lote de terreno.

Segundo se depreende do Livro de Tombo, as dificuldades eram muitas. Para alojar o primeiro vigário, provisionado em 13 de março de 1955 pela Cúria Diocesana de Santo André, foi alugada uma casa não concluída, mas próxima da capela. Na verdade, o vigário viera da Paróquia de N.S. do Carmo, de Itaquera, acompanhado do próprio bispo dom Jorge Marcos de Oliveira e de outros vigários e padres franciscanos da diocese. A afluência às missas aumentou e a capela já não comportava o número de fiéis participantes, razão por que passaram a ser celebradas missas campais no pátio da capela. Problemas com a casa alugada (sem água, sanitário etc.) fizeram o vigário mudar duas vezes de residência. Preocupado, o vigário decidiu que, ao invés de construir mais uma capela pequena no terreno, já que este não comportaria a construção de todos os prédios (igreja, casa paroquial e salão paroquial), deveriam ser adquiridos mais lotes de terreno e seria preciso contar com a boa vontade do povo para ajudar na construção. Então, cinco mil cartas foram distribuídas às famílias locais, comunicando a presença de um sacerdote

Placa comemorativa do jubileu de ouro da Paróquia de Nossa Senhora das Graças, em 12 de março de 2005

exclusivo para o bairro e o interesse da comunidade em construir uma igreja nova, pelo que o sacerdote pedia a ajuda dos fiéis católicos para possibilitar o início do empreendimento.

PARÓQUIA

Ainda assim, foi esta capela (com seu próprio sino, que aparece na foto, que remonta a 1953) que, mercê de decreto da Cúria Diocesana, foi elevada à categoria e honra de paróquia pelo então bispo diocesano, dom Jorge Marcos de Oliveira, em 12 de março de 1955, já com o orago definitivo de Nossa Senhora das Graças, como, aliás, se vê documento, reproduzido à página um e verso, do Livro de Tombo da paróquia:

Decreto da Ereção da Paróquia de Nossa Senhora das Graças em São Caetano do Sul. ... D. Jorge Marcos de Oliveira, Bispo de Santo André. Aos que este nosso Decreto virem, deliberamos "ad referendum" aos consultores diocesanos e ouvidas as partes interessadas havemos por bem crear e canonicamente erigir pelo Presente Decreto, a Paróquia amovível de Nossa Senhora das Graças de Vila Nova (Gerti), em São Caetano do Sul, formada com território desmembrado da Paróquia de Nossa Senhora da Candelária Instituímos como titular e Padroeira desta nova Paróquia, Nossa Senhora das Graças, cuja festa se há de celebrar anualmente com pompa e religioso esplendor ...⁸. Dado e passado em nossa Cúria Diocesana de Santo André, aos 12 de março de mil novecentos e cinqüenta e cinco. (a) Mons. José Bibiano de Abreu, Chanceler do Bispado. (acrécimo nosso).

Juntamente com a instalação solene da paróquia, foi empossado o primeiro vigário provisionado, padre assuncionista Longino Vastbinder, que ali permaneceu de março de 1955 até junho de 1956, conforme ele próprio informa no Livro de Tombo, fls. nove. Além disso, foi oficializada a fundação da Congregação Mariana da Paróquia, com a presença de congregações de outras matrizes (Candelária, Sagrada Família, São Caetano, São João Batista, Vila Alpina, Santa



Terezinha, Vila São José e Vila Barcelona) e diversas autoridades eclesiásticas, políticas e civis como o bispo dom Jorge Marcos de Oliveira, o cônego monsenhor José Bibiano de Abreu, chanceler do bispado, o prefeito Anacleto Campanella, o vice-prefeito, Jacó João Lorenzini, o deputado estadual Oswaldo Massei, o vereador, representando o presidente da Câmara da Edilidade, engenheiro Urames Pires dos Santos, vereadores e outros clérigos da diocese e dirigentes de associações do bairro. Também, a partir de maio de 1955 o Livro de Tombo registra que foram criadas as irmandades: Pia União das Filhas de Maria, Liga das Senhoras Católicas, Apostolado da Oração e Cruzada Eucarística Infantil.

No decorrer de 1955, o Livro de Tombo registra, conforme já decidira o vigário, a aquisição de mais lotes de terreno (página oito, verso), todos da Quadra 14, onde hoje se situa o templo definitivo. Foram adquiridos de seus proprietários os lotes dois, três, seis e sete, mas as campanhas, quermesses e movimentos para angariar recursos não alcançavam o resultado esperado junto à comunidade e o povo do bairro, o que retardava o início de obras para a construção do salão paroquial (que viria a ser utilizado provisoriamente como igreja), além da casa paroquial. Segundo o pároco Ernesto Cozer, *um dos lotes desta quadra, onde hoje se encontra o prédio da paróquia, foi doado pela benfeitora sra. Maria P. Leandrini, embora não conste do Livro de Tombo (sic).*

Jubileu de ouro da Paróquia Nossa Senhora das Graças. Bispo dom Nelson Westrupp - Diocese de Santo André e pároco padre Ernesto Cozer descerram em 12 de março de 2005 a placa comemorativa dos 50 anos da paróquia

Notas

8 - A data da festa da Padroeira é 27 de novembro

9 - Fabriqueiro: membro do Conselho Pastoral Paroquial encarregado de recolher os rendimentos da igreja, administrar-lhe o patrimônio e zelar pela conservação de alfaias e paramentos. Isto inclui cuidar das construções e reformas do templo. Hoje são os párocos nomeados fabriqueiros.

Em 18 de março de 1956, o Livro de Tombo registra, às páginas quatro e cinco, que se fez o lançamento da pedra fundamental, com a presença e o apoio de dom Jorge M. Oliveira, bispo diocesano: *neste terreno dos lotes seis e sete da quadra catorze, situados na rua Tocantins foi lançada a primeira pedra deste prédio que terá como destino funcionar como salão paroquial, provisoriamente porém como Igreja provisória, a qual pedra foi benzida e lançada por sua Excelência Revma. Dom Jorge Marcos de Oliveira, DD. Bispo Diocesano de Santo André.* Selados com essa pedra angular, ali estão exemplar deste documento assinado e moedas nacionais da época, conforme registro na página quatro (verso) do Livro do Tombo.

Em 15 de julho de 1956 tomou posse o novo vigário ecônomo, padre Thomás Salvador Palácios, que veio para permanecer. Cópia do decreto diocesano de provisão do novo vigário ecônomo, vazado em latim canônico, encontra-se à página nove do Livro de Tombo. Ao chegar, encontrou o vigário substituto, padre frei Egídio Carlotto. O vigário anterior, padre Longino Vastbinder, já havia se despedido da comunidade

no próprio Livro de Tombo, no final de junho de 1956. Em três de julho de 1957, o pároco ausentou-se por seis meses em visita a parentes na Espanha, retornando em três de dezembro desse ano. Em 1959 o Livro de Tombo registra à página 16 (verso), após o Natal, que *durante o ano de 1959, as obras da Paróquia tomaram grande impulso com a construção do Salão e Casa Paroquial.* Mas, somente em julho de 1960, o Livro de Tombo dá a notícia de que ficara pronto o novo salão paroquial que serviria provisoriamente de igreja. Assim, no dia dez de julho de 1956 celebrou-se missa no novo salão, pela primeira vez (página 17 daquele Livro). O pároco, padre Thomás Salvador Palácios, depois de cinco anos de permanência como vigário ecônomo, tornou-se pároco em 27 de dezembro de 1961, por decreto diocesano. Entretanto, permaneceu na paróquia apenas até setembro de 1962, quando deixou o cargo, que permaneceu vacante até março de 1963, sendo ocupado provisoriamente por sacerdotes da Paróquia de N. S. do Carmo, Catedral da Diocese.

Missa solene do jubileu de ouro da Paróquia de Nossa Senhora das Graças, celebrada pelo pároco padre Ernesto Cozer e pelo vigário auxiliar, padre Wagner P.P. Doriguetti

TEMPLO ATUAL

Em 17 de março de 1963, tomou posse como vigário ecônomo, o padre Ernesto

Paróquia Nossa Senhora das Graças



Cozer, por decreto da Cúria Diocesana, transcrito no Livro de Tombo às páginas 22 e verso, onde se encontra o texto da provisão diocesana. Às páginas 25 e 26 do mesmo Livro, a Câmara da Edilidade lançou no Livro Tombo moção de congratulação (Proc. 1459/66) ao novo vigário e paroquianos pelo brilho da comemoração e homenagens de 27 de novembro de 1966 a Nossa Senhora das Graças, padroeira da paróquia. Padre Ernesto tornou-se, posteriormente, pároco, recebendo as funções de fabricante⁹ pela mesma Cúria Diocesana e, como tal, aí permanece até hoje, passados 42 anos, pastor das almas do Bairro Nova Gerte, e gestor administrativo da paróquia, com sua pacífica e serena liderança. E foi sob sua segura orientação e intensa atividade que, a partir de 1968, o templo atual, consagrado a Nossa Senhora das Graças, começou a ser edificado, com a reforma total da antiga capela. Durante esse período, a paróquia passou a funcionar do outro lado da Rua Tocantins, no salão paroquial, provisoriamente. Esse salão fora inaugurado em julho de 1960 e passou a ser utilizado como igreja, temporariamente, enquanto duraram as obras da reforma que dariam lugar ao templo atual.

ARQUITETURA

Graças à boa amizade da comissão responsável pela construção com a alta direção da Cerâmica São Caetano, padre Ernesto Cozer conseguiu que o projeto do templo atual fosse elaborado pelo engenheiro-arquiteto Ângelo Malta e que as obras, iniciadas no segundo semestre de 1968, ficassem sob a responsabilidade técnica e fossem permanentemente acompanhadas pelo engenheiro Valdemiro de Jesus Vilella. Ambos eram profissionais competentes e dedicados funcionários da Cerâmica, e assim prestaram importante colaboração à paróquia. Entretanto, a exemplo dos empreendimentos anteriores, as campanhas para angariar fundos mostravam-se pouco produtivas, dado que o bairro mantinha-se muito pobre, além de certo desinteresse do povo da Vila Nova Gerti. Ainda assim, padre Ernesto e a comissão



Paróquia Nossa Senhora das Graças

encarregada da construção da igreja não esmoreceram. Contudo, embora o projeto inicial fosse bem mais ousado, concebendo um templo maior que o atual, foram estudadas e promovidas modificações na planta original, transformando-a em projeto mais modesto, para permitir sua conclusão por volta de 1975.

SALÃO E CASA PAROQUIAL

Finalmente, quanto à área existente na Rua Tocantins, que faz frente para o templo atual, também pertencente à paróquia, foi ali construído um conjunto de casa paroquial, salão de festas com sua copa-cozinha apropriada e ainda salas de catequese. No momento, a construção é objeto de reforma final, especialmente a casa paroquial. Considerando que o padre Ernesto Cozer também é pároco da Igreja de São Caetano, no Bairro da Fundação, e que nesse local existe ampla casa paroquial, a residência provisória dos padres, incluindo o vigário provisionado, padre Antônio Elascón Ogara, vem sendo mantida lá, até a conclusão das obras de reforma na casa da Rua Tocantins. A propósito, registre-se que, em 14 de agosto de 2004, o reverendíssimo bispo dom Nelson Westrupp, SCJ., e o padre Décio Rocco Gruppi, chanceler do bispado, assinaram a provisão (Prot: 066/35), nomeando o padre Wagner Paulo Pereira Dorigueti como vigário paroquial da Igreja de Nossa Senhora das Graças, sacerdote este que já vem auxiliando o pároco, padre Ernesto Cozer, desde aquela data, residindo os três sacerdotes na casa paroquial da Igreja de São Caetano, no Bairro da Fundação.

Coroação de Nossa Senhora das Graças - e chuva de pétalas de rosas, pelos anjos (crianças) no dia do jubileu de ouro da paróquia



1947 - Primeira Capela (no terreno de José Dutra) Nossa Senhora Aparecida. Preparo das meninas para a primeira comunhão. Orientador: Roque Almendra

Paróquia Sagrado Coração de Jesus

Paróquia do Sagrado Coração de Jesus

1955 - 10 de setembro - 2005

Localizada no Bairro São José, à Rua Padre Mororó, 425, próxima do Conjunto de Apartamentos Radialistas e do Cemitério da Cerâmica, esta paróquia, a exemplo da maioria,

tem sua história plena de lutas, sacrifícios, muito trabalho dos fiéis e moradores e particularidades dignas de registro.

COMEMORAÇÃO

O jubileu de ouro da Paróquia Sagrado Coração de Jesus transcorrerá em dez de setembro próximo. Os festejos foram tema de reuniões e, após sugestões dos diversos membros de movimentos da igreja, a Comissão Organizadora dos Festejos já estabeleceu o cronograma festivo/litúrgico, onde se destacam: Corpus Christi, Coroação de Nossa Senhora e Novena ao Sagrado Coração de Jesus, em maio. Missa solene presidida pelo padre Jorge, do SCJ, de Santo André, no dia três de junho (comemoração alusiva ao Sagrado Coração de Jesus) e no dia 30, santa missa e adoração do Santíssimo. Em julho, Festa Julina (da Fogazza), em agosto dia seis, primeira comunhão das crianças. Em setembro, tríduo nos dias sete, oito e nove e, às 18 horas do dia dez, grande missa solene presidida pelo reverendíssimo bispo diocesano, dom Nelson Westrupp, concelebrada pelo pároco Wladyslaw Simonsiewicz, coroando os festejos do jubileu, comemorado nesse dia. É provável que também tenha lugar o descerramento de placa comemorativa na entrada do templo e festiva queima de fogos de artifício.

Os eventos sociolitúrgicos serão celebrados com toda a pompa e *religioso esplendor* adequados à grande data, com a participação das irmandades, corais, pastorais e de líderes da comunidade, especialmente no sábado, dia dez, e no domingo, 11 de setembro de 2005, dias que marcam a passagem dos 50 anos de atividade religiosa dessa

igreja, elevada pela Cúria Diocesana de Santo André, à honra de paróquia, na data de dez de setembro de 1955.

PEREGRINAÇÃO

Aliás, os líderes da comunidade da paróquia, que visitaram a Fundação Pró-Memória em abril deste ano, informaram já haver dado início às comemorações em fevereiro de 2005, com a realização de peregrinação ao santuário da *Basílica de Aparecida do Norte*, em 26 de fevereiro de 2005, incluindo quatro ônibus alugados que conduziram 200 participantes. Essa romaria teve, como primordial objetivo, louvar e agradecer, na figura de Nossa Senhora Aparecida, as graças recebidas pela Paróquia do Sagrado Coração de Jesus e por todos os seus fiéis, neste meio século de existência, por intercessão de Nossa Senhora das Graças, primeiro orago escolhido pela comunidade local. Essa ação de graças relembrou as preces do rosário em família nos primeiros tempos (1947/48) em que os fiéis eram ainda ovelhas sem pastor e sem paróquia e, também,



Paróquia Sagrado Coração de Jesus

1953 - Os três missionários, João Batista, Ernesto e Pedro, diante do altar de N.S. Aparecida na capela (igreja provisória), defronte da casa de dona Maria Honória, colaboradora durante a estada desses missionários

o árduo mas compensador trabalho em equipe de congregados marianos, da Comissão Pró-Construção e de muitos colaboradores da comunidade na busca incessante de recursos e apoio, sempre liderados pelos párocos padre Carlos Fabrini (entre 1955 e 1976) e pelo padre Wladyslaw Simonsiecwicz, de 1977 em diante, luta essa coroada de pleno êxito ao conseguirem erigir a igreja definitiva e seguir os verdadeiros caminhos da fé cristã, tornando-a uma paróquia muito digna, que há 50 anos assiste e abençoa toda a comunidade do Bairro São José.

JUBILEU DO PADRE WLADYSLAW

Por se tratar de data muito auspiciosa também para a paróquia, todos os paroquianos comemoraram com muita alegria o transcurso do jubileu de ouro - 50 anos de ordenação sacerdotal do pároco, padre Wladyslaw Simonsiewicz -, ocorrido em três de maio de 2003. Pastorais, movimentos e associações prestaram suas homenagens ao pároco naquela data tão significativa. Os vigários Higino, Edmar, José Maria e Jorge Wallewski, bem como os ministros da Eucaristia e coroinhas, uniram-se num gesto de fraternidade para concelebrar ao Cristo a graça pela qual o pároco comemora o jubileu de ouro de sua ordenação sacerdotal e também pela comunidade poder contar, durante os últimos 28 anos, com esse dedicado pároco, grande amigo, orientador seguro dos fiéis da comunidade do Bairro São José.

HISTÓRIA

Inicialmente, por volta de 1947, também aqui devotos de Nossa Senhora Aparecida criaram o hábito e a tradição de rezar o terço (Rosário de Nossa Senhora) junto às famílias que os acolhiam o que, aliás, já ocorria com famílias de outros bairros de São Caetano, quando a cidade ainda era apenas um distrito de Santo André. Entre 1947 e 1948 chegou a ser erigida uma capela em louvor a Nossa Senhora Aparecida, no bairro, em terreno de propriedade de José Dutra, na antiga Rua dos Prazeres, atual Rua José de França Dias. Nessa capela, o padre Ézio Gislimberti celebrava missa uma vez por



Decreto de nomeação do padre Carlos Fabrini como sacerdote da Paróquia Sagrado Coração de Jesus



1955 - Fachada principal do prédio da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, quando era pároco o padre Carlos Fabrini

mês. Entretanto, ela tornou-se inviável para evoluir como paróquia, uma vez que o terreno deveria ser transferido para o domínio da Cúria Diocesana de Santo André, o que não foi permitido pelo proprietário, provocando a sua desativação.

De outro lado, o conhecido casal do bairro, Adelino Ribeiro e Rosalina Nascimento Ribeiro, decidiu doar uma área de terreno para ali ser erguida uma capela em louvor a Nossa Senhora das Graças. O Livro de

Notas

10 - Padre Mororó foi um mártir nordestino - assassinado. Seu nome foi então lembrado e escolhido pela comunidade para substituir o nome da antiga Rua Adelino.

Tombo dessa paróquia (páginas um e dois) registra que, *na reunião de 28 de setembro de 1949, ficou decidido que a Comissão Pró-Construção trabalharia para erguer uma Igreja definitiva e não apenas uma nova Capela. De outro lado, como a área doada era insuficiente para esse fim, resolveu-se, também, conforme proposta do doador, sr. Adelino Ribeiro, que seria adquirida, pela Comunidade, por compra e venda, a área contígua aos lotes doados, também de propriedade do doador, para garantir o alcance daquele objetivo.*

Além disso, nessa histórica reunião de setembro de 1949 oficializou-se a formação da primeira Comissão Pró-Construção da Igreja, com membros da Congregação Mariana, para pôr em marcha as obras na área formada pela doação e compra, situada na antiga Rua Adelino, atual Rua Padre Mororó¹⁰.

A propósito, lembra o sr. Romeu Merlino, antigo congregado mariano, em entrevista concedida a *Raízes*, que a *Congregação Mariana da Vila São José foi fundada em 1947 por um grupo de congregados pertencentes à Paróquia Sagrada Família. Eles se reuniam à noite... (...)*

Pediram, então, ao padre Ézio Gislimberti, auto-

rização para formar um setor de congregados marianos da Vila São José. Com o consentimento, formou-se a primeira diretoria com Orlando Merlino como presidente, Luís Dias da Silva, vice-presidente, Orlando Acorinti, secretário, Roque Rizzo, tesoureiro, e como conselheiros José Bonifácio, José Bonifácio Filho e Almerindo Carlos. Esclarece também que, logo depois, a diretoria e os padres Ézio e Aldo foram convidados, pelo casal Adelino e Rosalina Ribeiro, sobre sua decisão de fazer uma doação de terreno, para ali ser construída a capela em louvor a Nossa Senhora das Graças.

Assim, a primeira Comissão Pró-Construção da Igreja (na forma de nova capela) foi constituída por congregados: Orlando Merlino como presidente, José de França Dias, vice-presidente, Luiz Dias da Silva e Orlando Acorinte como secretários, Justo Martins e Roque Rizzo como tesoureiros e José Martins, José Ferreira Pires, Adelino Ribeiro, Alberto Borcatto, Paulo Borcatto, José Bonifácio, Benedito José Bonifácio como conselheiros e também João Zanirato e José Cavalheiro que passaram a fazer parte da comissão pouco depois.

E, a comunidade, desejosa de iniciar a construção da capela dedicada a N.S. das Graças, pediu e obteve o apoio irrestrito do padre Ézio Gislimberti, em outubro de 1949. A partir daí, foram promovidas várias quermesses, festas, tómbolas (bingos) e outros eventos destinados a angariar fundos para construção. E é ainda o sr. Romeu Merlino quem nos conta que: *Entusiasmados, os congregados e outros noviços criaram a pequena romaria de casa em casa, levando a imagem daquela santa que permanecia alguns dias nas residências que a acolhiam, após a oração conjunta do terço, também como parte das atividades para angariar fundos em favor da construção da capela. E mais: com uma agenda de compromissos, após a missa das seis da manhã do domingo, juntavam-se os congregados, membros da liga, grande número de colaboradores e moradores, para trabalhar como pedreiros ou serventes, no terreno que era muito acidentado*

1989 - Fachada da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, Bairro São José, após a reforma

Paróquia Sagrado Coração de Jesus

e requeria profundas brocas de cimento para sustentação, e sólidos alicerces. Outros, com um caminhão emprestado da Empresa Dal'mas e dirigido por Alfeu Achetti, percorriam olarias e outros locais onde poderiam obter doação de tijolos e areia. Tudo era como uma festa, trabalho duro, mas com alegria! Até artistas se tornaram muitos deles e representavam peças na carroçaria de um caminhão, em frente do terreno, tudo em prol das obras, pois crescia o interesse de terem logo sua própria capela, no Bairro São José.

CAPELA PROVISÓRIA

Prontas as fundações, veio preciosa ajuda da Cerâmica São Caetano através de Justo Martins, colaborador e importante funcionário que ali trabalhava. A Cerâmica São Caetano deslocou veículo basculante para realizar o nivelamento da base já alicerçada. A partir daí foi erguido um cruzeiro no local, sob o qual o padre Ézio Gislimberti celebrava missa campal para a comunidade. No centro da área que recebera a terraplanagem, aos poucos, ergueu-se, posteriormente, a capela em louvor a Nossa Senhora das Graças, entre 1948 e 1949. Nessa época, além da Congregação Mariana, já estavam presentes, colaborando, a Liga Católica e a Pia União das Filhas de Maria. Passaram também a contar com a dedicação da família de Roque Almendra e sua esposa Romana. Todos os familiares foram grandes lutadores em prol da paróquia.

No dia primeiro de maio de 1952, o Livro de Tombo registra, às páginas seis e sete, a ata da reunião da Comissão Pró-Construção (as lutas e sacrifícios da comunidade prosseguiram). Nessa ata já se contrataram a colocação de vidros e dos ladrilhos para o piso da capela, o que indicava fase de acabamento. Em junho a Congregação Mariana e a Liga Católica haviam-se unido para eleger nova diretoria com João Paulo Ribeiro, filho do casal doador do terreno, na presidência, e o acréscimo de novos membros como João Batista da Cruz, Manoel Maria dos Louros e

Benedito Maria, mantidos ainda os mesmos membros já citados anteriormente e outros, na diretoria ou no conselho, como Orlando Merlino, José Ribeiro, Carlindo José da Silva, Augusto Bisco, Irineu da Silva, José Bernardo Filho, Antonio David, Gabriel Osti, Antenor Carlos, Romeu Merlino e Nelson Merlino.

Quanto à construção, volta a nos contar o sr. Romeu Merlino sobre a cobertura da capela, por volta do final de 1953. *O final pareceu mesmo um milagre. Erguidas as colunas e cintas de concreto e elevadas as paredes, havia, nas proximidades, uma empresa em vias de desativar-se; chamava-se Cerâmica Tupã. Um dos nossos congregados marianos, José Ribeiro, era ali funcionário de grande prestígio. Por seu intermédio a capela ganhou, sem nenhum custo, todo o telhado: madeiramento, com tesouras já prontas, e mais as telhas que cobriram a igreja com grande perfeição. Nenhum ajuste foi necessário! Tudo se encaixou perfeitamente! Vendo isso, só posso concluir que não houve coincidência; houve, sim, grande obra da Divina Providência!* - diz ele com emoção. Ainda em 1953 a comunidade recebeu e alojou três missionários redentoristas



Paróquia Sagrado Coração de Jesus

1984 - Fachada da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (inacabada) durante a reforma



Paróquia Sagrado Coração de Jesus

Paróquia do Sagrado Coração de Jesus: sacramento do crisma pelo reverendíssimo bispo dom Cláudio Hummes, em 17 de dezembro de 1995, auxiliado pelo pároco, padre Wladyslaw Simonsiewicz

(padres João Batista, Ernesto e Pedro). Os missionários incentivavam o levantamento do cruzeiro nas capelas visitadas.

Em 1954 já se discutia, na reunião de 29 de janeiro de 1954, a elaboração do forro da capela. Entre março e maio desse ano cuidavam da sala nos fundos da capela e da Campanha para Aquisição do Sino para a Capela, além de definir forro e ladrilhagem do piso. Em junho chegou o sino (Cz\$ 100.000,00) doado pelo padre Mário Calazans, segundo informe de João Paulo Ribeiro. A família Ribeiro doou também todos os vidros. Em julho, a Comissão Pró-Construção recebeu a participação do padre frei José Caruso e de outros integrantes como Roque Almendra, João Almendra, Osvaldo Almendra e Dorival Marson. Neste ano a capela, praticamente pronta, ficou vinculada à jurisdição da Matriz de Nossa Senhora da Candelária (onde era pároco o padre José Caruso). Em agosto o acabamento do piso estava em vias de conclusão. Em seis de outubro aprovou-se a proposta de que os líderes fariam contato com o bispo, dom Jorge,

para tratar da escritura pública da igreja e para que a Cúria Diocesana, recém-instalada, providenciasse um vigário exclusivo para a capela. Em 29 de outubro de 1954 a reunião cuidou da confecção dos altares e da pintura da capela (Livro de Tombo, páginas dez a 21). No início de 1955, Justo Martins doava imagens da Sagrada Família à capela e padre José Caruso doava quatro bancos, iniciando os cuidados finais para a montagem da capela.

NOVO PADROEIRO

Ainda no início de 1955 - na reunião de 25 de fevereiro - padre Ézio Gislimberti e padre Aldo comunicaram aos paroquianos que o reverendíssimo bispo diocesano, dom Jorge Marcos de Oliveira, solicitara e recomendara que se mudasse o orago da capela para Sagrado Coração de Jesus, já que em São Caetano não havia paróquia consagrada ao Coração de Jesus, e o reverendíssimo bispo argumentava, em favor dessa mudança: *...que Nossa Senhora das Graças ficará muito contente com os católicos de Vila São José presenteando e consagrando a capela a seu filho amado, Jesus* (sic Romeu Merlini). Nessa mesma reunião, a sra. Rosalina Nascimento Ribeiro comprometeu-se a doar à capela a Coroa do Sagrado Coração de Jesus. Mas em 27 de maio de 1955, (última reunião da Comissão de Construção registrada no Livro de Tombo), fala-se na compra daquele paramento, para a coroação solene, marcada para 17 de junho de 1955.

FUNDAÇÃO DA PARÓQUIA

Concluídas as obras da capela, agora oficialmente em louvor do Sagrado Coração de Jesus e, com base nos dispositivos do Direito canônico, por decreto diocesano do reverendíssimo bispo dom Jorge Marcos de Oliveira, foi ela elevada à honra de paróquia, e reconhecida oficialmente como Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, do Bairro São José, em dez de setembro de 1955, com domicílio estabelecido na Rua Padre Mororó, 425 e com todos os direitos e deveres inerentes à honraria. Um desses direitos era a provisão da Diocese de Santo

Padre Carlos Fabrini (Paróquia Sagrado Coração de Jesus - B. São José)

Nascido em *Abbadia San Salvatore (Itália)* no ano de 1917. Era filho de *Giuseppe Fabrini e Teresa Fabrini*. Foi ordenado sacerdote em 21 de setembro de 1940, pelas mãos do monsenhor *Giuseppe Conti*, bispo de *San Remo*. Esse foi o início de uma longa missão episcopal.

Durante a Segunda Guerra Mundial, padre Fabrini participou do conflito atuando na Lígúria. Terminada a guerra, deixou a Itália e veio para o Brasil. Radicou-se, inicialmente, na cidade de *Jardinópolis*, interior de



Padre Carlos Fabrini, nomeado vigário pelo bispo dom Jorge, em dez de setembro de 1955, e em seguida pároco da Igreja Sagrado Coração de Jesus, ali permaneceu por 22 anos, desligando-se por ordem do bispo, dom Cláudio Hummes, em primeiro de janeiro de 1977. Padre Fabrini faleceu em 13 de janeiro de 2004, aos 87 anos

São Paulo, onde trabalhou intensamente pelos marginalizados. Por volta de 1955 foi convidado por dom Jorge Marcos de Oliveira a trabalhar, juntamente com outros sacerdotes, na Cúria Diocesana de Santo André. No dia primeiro de janeiro de 1977, por obra do novo bispo, dom Cláudio Hummes, assumiu a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, no Bairro São José, em São Caetano do Sul, onde permaneceu, por 22 anos. Padre

Carlos Fabrini faleceu em 13 de janeiro de 2004, aos 87 anos.

André de um vigário exclusivo para a paróquia recém-erigida.

Com efeito, em decreto diocesano de dez de setembro de 1955, o reverendíssimo bispo dom Jorge Marcos de Oliveira diz, textualmente: *Aos que este nosso decreto virem, saudação ... etc. Fazemos saber que tendo sido por Nós resolvida a Criação da Paróquia do “Sagrado Coração de Jesus”, em Vila São José, Município de São Caetano do Sul, e desejando provê-la, de modo que nela florescesse a vida da Igreja, com o esplendor do culto e das santas virtudes, resolvemos para a maior glória de Deus e salvação das almas a nós confiadas, entregar ao zelo do Revmo. Padre Carlos Fabrini, a direção dessa mesma Paróquia, na qualidade de Vigário Ecônomo, como é de costume na Arquidiocese de São Paulo, de onde foi desmembrada em Julho de 1954, a nossa querida Diocese. E, mais adiante: Mandamos outrossim, que o mesmo sacerdote, a quem nomeamos Vigário até 31.12.55, procure o quanto antes, requerer lhe seja passada a provisão de Fabriqueiro da Paróquia que lhe confiamos por este Decreto. Dado e passado em nossa Cúria Diocesana de Santo André, aos 10.09.1955.*

(a) D. Jorge Marcos, Bispo Diocesano.

AÇÃO SOCIAL

Em nove de setembro de 1965, o pároco, padre Carlos Fabrini, reuniu líderes paroquianos e fiéis e anunciou a fundação, em São Caetano do Sul, de uma associação denominada Ação Social da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, o que se consolidou com a aprovação dos estatutos da entidade, com sede na Rua Padre Mororó, 135 (depois 425, na própria paróquia), a qual previa fossem ministradas aos associados aulas de cultura geral e oferecidas recreações e diversões com exibição de filmes, festividades, além de atendimento médico, pelo facultativo dr. Hermírio Moreira (como contou a *Raízes* a sra. Roselis Maria Novak Maia, cuja família veio para São Caetano em 1943). Padre Fabrini figurou como presidente da entidade, tendo outros colaboradores como membros da primeira diretoria eleita no encontro seguinte, de dez de

Pe. Wladyslaw Simonsiewicz - Paróquia Sagrado Coração de Jesus

Nasceu em nove de julho de 1925 na Polônia. Antes do nascimento seus pais já haviam prometido que esse filho seria consagrado a Deus, numa família de sete filhos. Quatro desses irmãos pereceram na Primeira Guerra Mundial. O jovem Wladyslaw viveu sua adolescência sob os regimes nazista e depois comunista, após a Segunda Guerra. Ainda assim, fez seus primeiros estudos e concluiu sua formação religiosa no Seminário dos Padres Seculares Oratorianos da Ordem de São Felipe Neri, onde foi sagrado sacerdote em três de maio de 1953. Sofreu as agruras do comunismo sufocando a fé católica em sua terra. No final de 1972 decidiu partir, vindo para o Brasil, chegando a Wenceslau Brás, no interior de São Paulo, em seis de fevereiro de 1973,

onde passou um mês com as irmãs congregacionais, estudando Português. Foi em seguida vice-reitor no Seminário de Jacarezinho, PR, ocupando também essa posição em Santa Tereza RJ, a convite do bispo do Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1973, dom Jorge Marcos de Oliveira o convidou para a Diocese de Santo André. Passou por Mauá, SP e 18 meses depois era o segundo vigário da Paróquia Santa Maria, no Bairro Demarchi, em São Bernardo do Campo. Em primeiro de janeiro de 1977, por ordem de dom Cláudio Hummes, bispo diocesano de Santo André, assumiu como vigário ecônomo da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, onde se encontra até hoje, passados 28 anos de dedicação integral aos fiéis e à paróquia.

setembro de 1965 (Orlando Acorinte, Gessy M. Grotti, Wilson Bonadio, João Francisco Marchiori, Mário Grotti, Waldemar Paula Viana, Orlando Ireno Dias e Elvio Bruza).

NOVA MATRIZ

Em 1968, o padre Carlos Fabrini já trabalhava ativamente para construir a nova matriz da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, com algum apoio financeiro da Prefeitura de São Caetano do Sul. Já funcionava na paróquia uma espécie de Conselho Pastoral Paroquial - CPP¹¹ (ou Conselho Econômico) denominado, no Livro de Tombo, apenas *Deliberativo*, em apoio ao *Fabriqueiro*, padre Carlos Fabrini, para que pudesse cuidar da reforma para a igreja definitiva, o que prosseguiu com ele até 31 dezembro de 1976, quando o pároco deixou a igreja, em primeiro de janeiro de 1977.

Desse modo, padre Carlos Fabrini serviu com amor paternal aos fiéis da paróquia e, com muito zelo, à própria paróquia, em todas as suas atividades e necessidades, durante 22 anos, ou seja, de dez de setembro de 1955 até primeiro de janeiro de 1977, participando de corpo e alma das lutas e sacrifícios para a construção definitiva do

Notas

11 - CPP - Conselho Pastoral Paroquial (Direito canônico. Objetivo: cuidar das atividades de manutenção física, econômica e espiritual da paróquia.)

templo atual. Em 11 de agosto de 1978, o novo bispo, dom Cláudio Hummes, visitou oficialmente a paróquia, com registro no Livro de Tombo.

NOVO PÁROCO

Na mesma data, a paróquia registrou a chegada do novo vigário ecônomo, e depois pároco, padre Wladyslaw Simonsiewicz. Esse sacerdote do mesmo modo tem servido a comunidade e a igreja com sua mansidão e dedicada liderança à frente do Conselho Pastoral. Padre Wladyslaw vinha da Paróquia de Santa Maria, no Bairro Demarchi, em São Bernardo do Campo, onde permaneceu até 31 de dezembro de 1976. Em primeiro de janeiro de 1977, por ordem e provisão do então bispo diocesano, dom Cláudio Hummes, assumiu as funções de pároco na Igreja de Santo Antônio, no Jardim São Caetano, e de vigário ecônomo na Paróquia Sagrado Coração de Jesus. Em ambas as paróquias mostrou-se verdadeiramente um padre obreiro, reconstruindo, praticamente, uma nova igreja nesta última. As duas funções, porém, o sobrecarregaram. Mas ele as desempenhou obedientemente, até 1998, quando o mesmo bispo, dom Cláudio Hummes, o nomeou pároco exclusivamente da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. E, prosseguindo como verdadeiro padre obreiro, complementou a reforma da igreja (altares de mármore, novo piso, nova sacristia), construiu um belo e amplo salão de festas e a casa paroquial. Acresce lembrar ainda seu notável trabalho como pastor de almas junto

Paróquia Sagrado Coração de Jesus



Diploma conferido pela Câmara Municipal de São Caetano do Sul ao padre Carlos Fabrini, em oito de novembro de 1974

à comunidade polonesa que abrange a região de Suzano, Mogi das Cruzes até Santos, onde celebra periodicamente a santa missa na língua de sua pátria, a Polônia.

Finalmente, seja-nos permitido, por justiça, lembrar a inestimável colaboração ativa das famílias de: João Guizzo, Antenor Nogueira, Manoel Maria, Maximiliano Sobral, Mario Grotti, João Francisco Marchiori, Wilson Bonadio, Valdenor Brito Aguiar, Antônio Benedito Bertin, Orlando Ireno Dias, José Maria Mañes Martinez, Lindalva Gomes de Lira, Álvaro Girão Maia, Sebastião José de Oliveira, Armando Osti, Valdemar de Paula Viana, Antônio Aquino Coelho, Antônio Sarri, Sebastião Antônio Grizante, Almir Pichelli, João Venâncio, Joaquim Silvério e mais as famílias: Datilio, Del Santi, Cassiola, Magalhães, Mesquita, Farias e Monteiro. A todos a comunidade e o próprio pároco agradecem.

FONTES -

Coleção Revista *Raízes* - Fundação Pró-Memória
Livros de Tombo das Paróquias Nossa Senhora Aparecida (Bairro Barcelona), Nossa Senhora das Graças (Bairro Nova Gerte) e Sagrado Coração de Jesus (Bairro São José).
Entrevistas, depoimentos (escritos/orais) de párocos, colaboradores, fiéis e moradores.
Documentos/Decretos da Cúria Diocesana de Santo André e da Câmara Municipal de São Caetano do Sul.
Iconografia das igrejas descritas

e fiéis.
Recortes de jornais da região do ABC (diversos)
Jornal *Diário do Grande ABC* - Coluna Memória 2005
Enciclopédia Internacional W. M. Jackson - N.Y.
Enciclopédia Colorama, Editora Abril, Delta Larousse
RUSSO, Alexandre Toler. *Caminhos da Fé*: Fundação Pró-Memória, São Caetano do Sul, 2004.
LODUCA, Wilson. *São Caetano - De Várzea Alagadiça a Príncipe dos Municípios*: Fundação Pró-Memória, São Caetano do Sul.

(*) Celso de Almeida Cini é advogado, professor, pesquisador da Fundação Pró-Memória e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

História oral e estatísticas antigas

Diz-se, por um lado, que os números, na forma de estatísticas, nem sempre traduzem com exatidão certos aspectos qualitativos referentes ao comportamento humano; e também que essas mesmas estatísticas podem induzir a interpretações não totalmente condizentes com a realidade. No caso das estatísticas antigas, essa mesma opinião, de um certo modo, permanece aplicável: os números às vezes podem levar a uma interpretação não muito correta do passado. Um problema como esse, entretanto, talvez encontre solução no confronto dos números com a História oral, isto é, na utilização de relatos de pessoas que viveram na época retratada pelas estatísticas a fim de elucidar um pouco melhor essas mesmas estatísticas. A título de exemplo, confrontemos os dados do sexto Recenseamento Geral do Brasil (IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – 1950) acerca da religiosidade em São Caetano do Sul com os relatos de alguns moradores da cidade que viveram nos anos 50 do último século.

De uma população total de 59.832 pessoas, diziam os números da época, 28.199 homens e 26.631 mulheres declaravam-se católicos apostólicos romanos. Protes-

tantes eram 1.344 homens e 1.369 mulheres. Havia ainda 580 homens e 561 mulheres espíritas, 42 homens e 32 mulheres budistas, 100 homens e 113 mulheres israelitas, 259 homens e 221 mulheres ortodoxas, quatro maometanos, 115 homens e 49 mulheres sem religião nenhuma, 55 homens e 70 mulheres praticantes de outras religiões e 56 homens e 32 mulheres que nada haviam declarado. Não que as estatísticas estivessem erradas, mas o encaixe dos números em categorias tão rígidas transmite-nos hoje uma imobilidade que não encontrava paralelo na realidade daquela época. A bem da verdade,

Não que as estatísticas estivessem erradas, mas o encaixe dos números em categorias tão rígidas transmite-nos hoje uma imobilidade que não encontrava paralelo na realidade daquela época.

os relatos de antigos moradores dos diversos bairros da cidade, em 1950 ou antes desse ano, revelam que muitas pessoas, embora declaradamente adeptas desta ou daquela manifestação de fé, não deixavam de manter contato

com outras crenças. Haja vista o que dizem os moradores antigos do Bairro São José sobre o caso da menina Neves Nascimento Ribeiro. No final dos anos 40 do século passado, a garota, que havia morrido de tétano aos 11 anos de idade, teria aparecido aos pais em sessão espírita e lhes pedido para que erguessem no bairro uma capela em seu nome. Posteriormente, essa capela deu origem à Paróquia (católica) Sagrado Coração de Jesus.

Por outro lado, no entanto, é certo que as estatísticas muitas vezes apontam algumas transformações (sociais, econômicas, populacionais etc.) bastante reveladoras para quem se dedica ao estudo da sociedade. No caso das estatísticas antigas, as transformações apontadas são muito importantes para o estudioso da História em geral, e da História oral em particular, pois, falando apenas desta última, fornecem subsídios para a elaboração de melhores perguntas, (e, conseqüentemente, entrevistas), capazes de extrair informações mais valiosas dos entrevistados.

Levando-se em conta essas duas facetas do relacionamento entre a História oral e as estatísticas antigas, o que parece haver entre esses dois ramos do conhecimento é uma espécie de relação de mão dupla: os números fornecem subsídios para a elaboração de melhores perguntas e essas melhores perguntas geram informações capazes de aprimorar a

interpretação dos números. Talvez não seja de todo ruim, na tentativa de compreender um pouco melhor essa relação entre a História oral e as estatísticas antigas, estabelecer um paralelo com a relação existente entre o Jornalismo e as estatísticas contemporâneas. De fato, assim como na História oral as boas perguntas, aquelas que realmente conseguem extrair informações valiosas do entrevistado, dependem de um bom conhecimento da época em que o entrevistado viveu, conhecimento esse que as estatísticas antigas de certo modo ajudam a construir, também no Jornalismo as boas perguntas, geradoras de boas entrevistas, se sustentam num conhecimento sólido dos eventos contemporâneos, conhecimento que em boa medida – mas não só, evidentemente – se obtém através de estatísticas. Em ambos os casos, as informações obtidas a partir de perguntas formuladas com

a ajuda de estatísticas acabam por aprimorar a interpretação dessas mesmas estatísticas.

Comparações à parte, o que importa ressaltar é esse mutualismo entre a História oral e as estatísticas antigas – mutualismo que hoje em dia ocorre na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Com efeito, uniu-se, recentemente, a todo o acervo de História oral da instituição, um conjunto de estatísticas – levantadas pelos censos do IBGE – referentes à população, à sociedade e à economia da cidade desde 1950 (ano em que a primeira administração municipal ainda dava seus passos iniciais) até 1991. (As estatísticas do último censo, realizado no ano 2000, estão disponíveis na internet.)

Talvez não seja de todo ruim, na tentativa de compreender um pouco melhor essa relação entre a História oral e as estatísticas antigas, estabelecer um paralelo com a relação existente entre o Jornalismo e as estatísticas contemporâneas.

Trata-se, a saber, do sexto Recenseamento Geral do Brasil – IBGE – 1950, do sétimo Recenseamento Geral do Brasil – IBGE – 1960, do oitavo Recenseamento Geral do Brasil – IBGE – 1970, do nono Recenseamento Geral

do Brasil – IBGE – 1980 e do décimo Recenseamento Geral do Brasil – IBGE – 1991. Todo esse material nos foi enviado pelo escritório do IBGE em São Caetano do Sul, localizado na Avenida Goiás, 600 – prédio da Câmara municipal.

Diante disso, isto é, diante da responsabilidade de elucidar, aprimorar e refinar a interpretação dessas estatísticas, convidamos todos os historiadores orais – e por que não os jornalistas ou quem quer que se interesse pela relação existente entre os números das estatísticas e as palavras das entrevistas? – para uma visita à Fundação Pró-Memória, no intuito de explorar conosco as inúmeras possibilidades de investigação histórica abertas pelo casamento entre o acervo de depoimentos da instituição e as estatísticas enviadas recentemente pelo IBGE.

(*) Alexandre Toler Russo é jornalista

A história do censo no Brasil

Até o ano de 1872, os dados sobre a população brasileira eram obtidos indiretamente, isto é, através de levantamentos que não tinham como objetivo direto a contagem do número de habitantes do país. As fontes de dados eram relatórios preparados com outras finalidades, como por exemplo os relatórios de autoridades eclesiásticas a respeito dos fiéis que freqüentavam as igrejas e os relatórios de funcionários da colônia, relatórios esses enviados às autoridades da metrópole. Também se costumava usar como fonte de informação as estimativas da população fornecidas pelos ouvidores e demais autoridades à Intendência Geral da Polícia.

(Foi somente a partir de 1750, com vistas em objetivos estritamente militares, que a Coroa portuguesa decidiu realizar levantamentos diretos da população livre e adulta a fim de saber quem poderia ser convocado para a defesa do território nacional.)

Em realidade, o primeiro regulamento censitário do Brasil data de 1846. Esse regulamento definiu o caráter periódico do censo demográfico, fixando um intervalo de oito anos entre um censo e outro. Mas apenas em 1850 o governo foi autorizado a gastar o necessário para a realização de uma operação do porte de um censo demográfico. Programou-se o primeiro censo para 1852.

Contudo, a operação prevista para 1852 não se realizou. A população, revoltada, impediu o levantamento que mal havia iniciado. A revolta era contra o Decreto 797/junho de 1851, então conhecido como "Lei do Cativo". Acreditava-se, na época, que tal decreto não passava de uma medida governamental visando a um controle da escravidão dos negros. Este episódio acabou adiando em 20 anos a realização do primeiro censo.

Em 1870, um novo regulamento censitário determinou que os censos cobririam todo o território nacional e deveriam ocorrer de dez em dez anos. Dois anos mais tarde, em 1872, realizou-se o primeiro recenseamento nacional do país, o chamado Recenseamento da População do Império do Brasil. Depois dele, e até 1940, novas operações censitárias ocorreram em 1890, 1900 e 1920. Em 1910 e em 1930 não houve recenseamento da população.

Com a criação do IBGE, em 1938, e mediante a contribuição do renomado demógrafo italiano Giorgio Mortara, inaugurou-se a moderna fase censitária no Brasil. Caracterizada, principalmente, pela periodicidade decenal dos censos demográficos, essa nova fase promoveu a ampliação da abrangência temática do questionário com a introdução de quesitos de interesse econômico e social, entre eles os referentes à mão-de-obra, ao emprego, ao desemprego, ao rendimento, à fecundidade, às migrações internas etc..

Finalmente, novas modificações ocorreram no último censo, realizado no ano 2000: reformulação de itens que constavam do censo de 1991 e introdução de novos quesitos.



O Bairro Prosperidade e sua identidade

Vista aérea do
Bairro
Prosperidade

Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul



São Caetano do Sul é uma cidade paulista de, aproximadamente, 15 km², situada a 12 km da Capital. Possui um histórico profundamente marcado pela presença da indústria. Após a reestruturação produtiva dos anos 80 do século XX, sofreu uma ruptura em sua identidade. Atualmente, os setores de comércio e serviços superaram em muito o setor industrial, tanto em número de estabelecimentos quanto em postos no mercado formal de trabalho.

A ruptura anteriormente apontada estimula a cidade a repensar sua existência a partir da preservação de um dos bairros que hoje compõem a cidade de São Caetano do Sul na sua função industrial: o Bairro Prosperidade, localizado na região sudeste da cidade.

A partir de um percurso que se inicia com a apresentação do histórico de São Caetano do Sul, seguida por outra sobre a cidade no contexto atual, pretende-se identificar os elementos que definem a formação da cidade, através dos quais será possível uma leitura das contingências históricas presentes nesse processo.

Por outro lado, buscar-se-á desenvolver uma análise sobre o momento vivido pela cidade, tendo como objetivo a verificação da presença de preocupações com a regionalidade e o papel que o Bairro Prosperidade ocupa nesse cenário.

HISTÓRICO

A imigração italiana, a presença da ferrovia, o Núcleo Colonial de São Caetano, a decadência agrícola, o desenvolvimento urbano, a classe trabalhadora, a indústria, o movimento de emancipação política e as mudanças de perfil são fatores históricos relevantes na constituição da cidade e, portanto, devem ser analisados.

O território representado por São Caetano do Sul era, até a segunda metade do século XIX, mais especificamente até 1877, ocupado fundamentalmente pela Fazenda São Caetano, domínio dos padres da Ordem de São Bento.

A partir desse período, São Caetano passou a ser ocupada predominantemente por imigrantes italianos, cuja presença não aconteceu de forma aleatória, mas se deveu a um proces-



cretizaram. As condições de vida não eram adequadas às necessidades dos imigrantes. Esse quadro impôs ao colono a necessidade da união. O sentimento de coletividade espalhou-se entre todos, refletindo-se principalmente na forma de ser do trabalhador e gerando a criação de duas sociedades de mútuo socorro.

A ferrovia teve um papel muito importante na definição de São Caetano do Sul. Sua presença foi tão significativa que, inicialmente, definiu São Caetano como local para a implantação do Núcleo Colonial. E, posteriormente, atraiu o grande número de indústrias que se verificou na primeira metade do século XX. Sua proximidade com o Rio Tamandateí criou as condições necessárias para as indústrias que precisavam de eficiente meio de transporte fluvial e de água para alimentar a produção da energia a vapor utilizada na época, propiciando a instalação de indústrias como a Fábrica de Formicida Paulista e a Fábrica de Sabão e Graxas Pamplona.

Segundo os idealizadores da colonização, o espaço de São Caetano era adequado para que a cidade se organizasse, visto que possuía condições de viabilizar uma sociedade de pequenos produtores de mercadorias. Segundo José de Souza Martins (1992), os núcleos coloniais de São Caetano foram experimentos de antecipação da nova ordem republicana, como uma espécie de incubadora das novas relações sociais pretendidas.

Nesse sentido, é possível entender, em consonância com Angel Rama, as tentativas de ordenamento do espaço da cidade. O ordenamento poderia ter sido concretizado se um bom plano tivesse sido elaborado, plano através do qual ter-se-ia buscado evitar algum problema futuro. A fuga do modelo existente era o alvo perseguido. (RAMA, 1985)

Graças à presença italiana em São Caetano houve uma busca, previamente planejada, pela negação do modelo existente no Império. A busca de um subúrbio europeizado, através da presença do imigrante, correspondia ao esforço de desmontar a mentalidade existente, que definia a cidade como sã e o subúrbio como malsão.

so de colonização elaborado e desenvolvido pelo poder público de então, que tinha por objetivo um certo aquecimento nas atividades econômicas provincianas.

A colonização se deu em duas etapas. A primeira corresponde a uma política voltada para a pequena propriedade agrícola, destinada ao mercado interno, política essa apoiada por grandes proprietários, já que não se chocava com seus interesses. A segunda corresponde à cooptação do imigrante europeu com vistas na implementação da grande produção agrícola de café. Mesmo nessa etapa, a idéia do colono como aquele que, com seu trabalho, consegue comprar sua própria terra, reaparece.

A política de colonização, entre várias ações previstas, contava com um trabalho de marketing a ser realizado na Itália. Lá eram expostas as bases do contrato com o colono e nessas bases estava a garantia de algumas *vantagens*: lote de terra a ser quitado quando as atividades econômicas dos colonos permitissem; assistência alimentar, à saúde, à educação etc. No entanto, os colonos passaram por sérias dificuldades, e as *promessas* não se con-

Com o processo de industrialização, a fábrica passa a ter um efeito *desterritorializador* e impulsionador da urbanização, pois, segundo Raquel Rolnik, *a indústria é um fenômeno claramente urbano* (1988, p.76). Esse processo é identificado na história de São Caetano do Sul quando, no final do século XIX, colonos vendem suas terras para a construção de duas indústrias, promovendo um processo dúbio: a decadência agrícola, previsível inclusive pela má qualidade das terras da região, e o início do desenvolvimento urbano local.

Tal situação vai ao encontro das reflexões de Ermínia Maricato (2000), que acredita que o Brasil, por ser um país de desenvolvimento tardio, combinou de maneira bem particular o arcaico com o moderno. Essa idéia, defendida também por Milton Santos (1993), aponta a América Latina como o único continente a introduzir um processo de modernização no momento em que a economia de grande escala estava em plena força.

São Caetano do Sul se insere nesse contexto. Verifica-se que no final do século XIX a edificação industrial foi implantada em meio a uma zona agrícola. Contudo, a peculiaridade do cenário suburbano ficou patenteada por um desenvolvimento urbano que não rompeu, necessariamente, com o espaço existente.

Segundo José de Souza Martins (1992), o início do século XX foi marcado por alguns comporta-

mentos, entre eles o aparecimento dos primeiros impulsos para cessar a dependência em relação à estrada, que era o canal de comunicação para a solução de problemas como os ligados, principalmente, à saúde. As iniciativas de interrupção das dependências externas se deram a partir da busca por uma participação social mais intensa da vida coletiva e pelo desenvolvimento de uma estrutura de comunidade.

José de Souza Martins (1992) também menciona que os idealizadores da colonização tinham expectativas sobre a presença e a atuação do imigrante italiano na vida econômica da Província de São Paulo. Partiam de uma concepção que o imigrante era, culturalmente, um inovador e resguardava a potencialidade de ser um agente da ordem. No reverso da moeda o caipira seria o ator social que não oferecia credibilidade sobre suas competências; era relacionado à economia de subsistência.

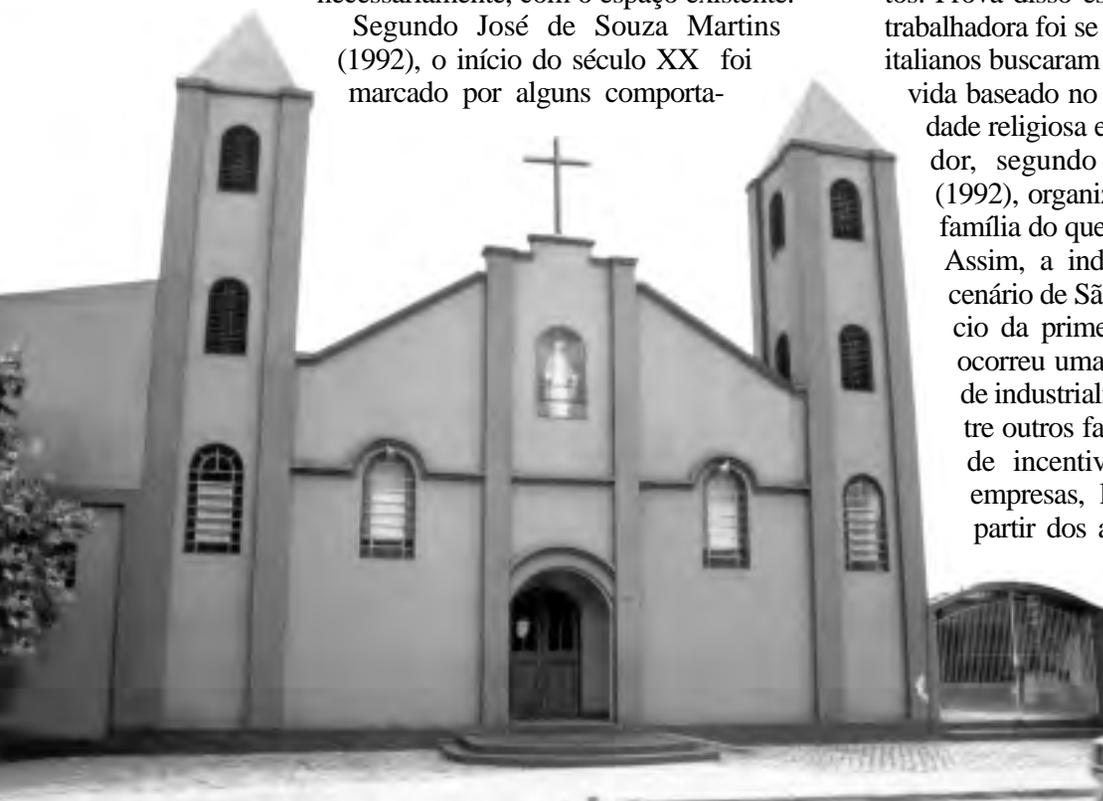
Assim, a nova ideologia que almejava o trabalho livre, nascente da crise da escravidão, deveria negar o modelo do mestiço e do caipira, propiciando em São Caetano do Sul a introdução do trabalho livre na agricultura local.

No entanto, os mecanismos de formação de São Caetano geraram alguns condicionamentos. Prova disso está na forma como a classe trabalhadora foi se constituindo. Os imigrantes italianos buscaram desenvolver um modelo de vida baseado no corporativismo de mentalidade religiosa e pré-capitalista. O trabalhador, segundo José de Souza Martins (1992), organizou-se mais como chefe de família do que como operário.

Assim, a indústria passou a compor o cenário de São Caetano em 1890. No início da primeira década do século XX, ocorreu uma intensificação do processo de industrialização em decorrência, dentre outros fatores, de uma lei municipal de incentivo à instalação de novas empresas, lei que ganhou reforços a partir dos anos 20 e atingiu seu auge nos anos 40 do século passado.

Cabem aqui algumas observações acerca desse processo. A lei de incentivos não foi o único *facilitador* do intenso processo de

Vista da Paróquia Nossa Senhora da Prosperidade na Praça da Riqueza



Fundação Pró-Memória

industrialização de São Caetano, processo que marcou profundamente sua história. Outros elementos compuseram um cenário atraente para os novos capitalistas, entre os quais marcaram presença os detentores de capital advindo do café.

Um elemento muito forte foi a situação geográfica de São Caetano do Sul. A proximidade de São Paulo, a Ferrovia Santos-Jundiaí e o Rio Tamanduateí são significativos para a definição da cidade como um lugar de *vocação* industrial (Rolnik, 1988). Outro fator bastante decisivo foi a condição de subúrbio de São Caetano, condição revestida de um caráter subordinado e pobre se comparada com a da cidade e a do centro da cidade. (Le Goff, 1998, p.19.)

O subúrbio corporificava-se num lugar conveniente, porque a ele estava destinada a função de acolher tudo o que na cidade não poderia existir, como por exemplo a sujeira e a poluição. Em decorrência disso, os terrenos do subúrbio eram mais baratos, e, assim sendo, ofereciam ao capitalista a possibilidade de investir o dinheiro poupado em instalações e equipamentos.

Desse modo, São Caetano do Sul assumia sua função industrial. Sua presença no cenário econômico foi muito expressiva, apresentando, em menos de uma década, segundo Ademir Medici (1993), uma mudança decisiva de posição dentro da atual região do ABC: passou de sexto lugar em termos de recolhimento de impostos, em 1909, para segundo lugar em 1920, mantendo essa posição na década de 30 do século XX. Contudo, o limitado território sancaetanense comprometeu suas próprias possibilidades de crescimento, e por isso ele foi superado em tamanho por outros municípios do ABC, mas não em expressividade.

Esse efervescente cenário econômico foi a causa de muitos efeitos, entre eles o de atrair moradores, imigrantes e migrantes, reunindo e concentrando homens provenientes de vários lugares. Passou então a cidade industrial a ter uma característica até o momento peculiar aos portos: a de se constituir sobretudo por uma população estrangeira, quando muito, de passagem. (Rolnik, 1988, págs.12 e 79.)

A expressividade econômica de São Caetano conduziu seus moradores ao desejo de autonomia, com o fim de tomar nas próprias

mãos o destino do distrito. Contudo, sua pujança e suas arrecadações altamente rentáveis eram, ao mesmo tempo, justificativa e entrave para a conquista da autonomia. Se, por um lado, a pujança motivava a conquista da autonomia, por outro dificultava seu alcance, pois dificilmente Santo André abriria mão de um distrito tão próspero. Em realidade, São Caetano era objeto de disputa até mesmo por parte de São Paulo, que queria absorvê-lo em 1938. (Medici, 1993.)

São Caetano viveu sob as vestes de distrito fiscal (1905), distrito de paz (1916) e segunda zona do Distrito de Santo André (1938) até conseguir sua emancipação política, em 1948, e a instalação de sua Comarca, em 1953. Uma e outra coisa foram obtidas mediante a mobilização de pessoas, grupos e imprensa local. (De fato, órgãos como o *Jornal São Caetano* utilizaram sua considerável capacidade de comunicação para unir os sancaetanenses em torno dos ideais de autonomia e instar o povo a participar do processo de emancipação através de adesão ao abaixo-assinado em favor da autonomia. Foi também o referido jornal que teve a iniciativa de mobilizar as pessoas mais influentes da cidade, bem como aquelas que simplesmente desejavam a autonomia, para a criação da Sociedade Amigos de São Caetano, entidade que conduziu todo o processo de emancipação.)

O primeiro movimento em prol da emancipação do distrito, ocorrido em 1928, foi liderado pela elite local. Sucumbiu, porém, diante de interesses econômicos opostos. Já o segundo movimento, 20 anos depois (1948), contou com a possibilidade aberta pela Lei Orgânica de Municípios, inserida na Constituição do Estado de São Paulo em 1947, que previa a separação de distritos e territórios que desejassem tal separação, desde que fossem respeitadas algumas condições. O cenário legal tornava pelo menos possível a emancipação de São Caetano.

Na década de 50 do século XX, dois problemas marcaram a recém-emancipada cidade: São Caetano do Sul não possuía nenhum sentido urbanístico e não tinha mais para onde crescer. O primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, executou, como um de seus primeiros atos, a revogação do decreto-lei de incentivos à instalação de

novas empresas, ação que revelou também uma preocupação com o meio ambiente.

Nos anos que se seguiram ao de 1960, a ausência de um planejamento integrado traduziu-se em dificuldades administrativas. Houve, nesse momento, o predomínio de aproximadamente 90% de *zona mista*, além da presença de um número muito grande de cortiços e favelas. Embora as possibilidades econômicas decorrentes da arrecadação favorecessem a melhoria do quadro de moradias pobres, essa melhoria, na prática, não foi completa. Com efeito, 30 anos depois, já na década que se iniciou em 1990, ainda havia um significativo número de cortiços na cidade, o que comprometia o desenvolvimento urbano, mesmo se levando em conta a ausência de favelas.

HOJE

A partir da década que teve início em 1980, a reestruturação produtiva que imprimiu na dinâmica econômica uma fluidez, uma flexibilidade e uma velocidade até então desconhecida, fez com que São Caetano do Sul voltasse sua atenção para o cenário globalizado.

Da segunda metade da década começada no ano de 1990 em diante, a cidade acolheu um número considerável de pequenas e médias empresas. A arrecadação daí decorrente, somada à arrecadação das empresas que já estavam instaladas no município, possibilitou ao poder público local investimentos na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos sancaetanenses. Por outro lado, a preocupação com a flexibilidade dos processos econômicos levou a cidade a adotar algumas iniciativas de atração de novas empresas, voltadas principalmente para o ramo tecnológico, iniciativa que estimulou novos empreendimentos, principalmente nas áreas de comércio e serviços autônomos.

A situação exposta remete-se à idéia de cidade empreendedora em que, segundo Le Goff, o governante busca promover ações com o objetivo de atrair profissionais, em particular comerciantes e artesãos, assegurando franquias e concedendo privilégios. (1998, p.113). Essa é uma iniciativa que o poder público local elabora com o fito de se posicionar no cenário competitivo que se estabelece por conta da fluidez econômica que, por sua vez, dá às empresas uma possibilidade de mobilidade nunca antes

verificada. Assim, a cidade que oferece melhores condições é a escolhida pelas empresas.

Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) referentes ao ano 2000 mostram que havia, nessa época, 140.144 habitantes em São Caetano do Sul. Desse total, 72.134 pessoas estavam no mercado formal de trabalho. O desemprego passou a representar uma forte preocupação da administração municipal de São Caetano do Sul, como também de toda a região do Grande ABC, que tem o maior índice de desemprego do país: aproximadamente 22%. Verifica-se que a presença da indústria foi paulatinamente se reduzindo enquanto os setores de comércio e serviços tiveram uma agressiva ascendência, com forte presença da figura do autônomo.

A partir da década iniciada em 1990, São Caetano do Sul sofreu uma mudança de *função*, deixando de ser uma cidade industrial e reafirmando cotidianamente sua nova vocação: a de serviços. Entretanto, vale ressaltar que essa mudança de perfil foi verificada em toda a região do Grande ABC. Por conta disso, houve iniciativas que buscaram soluções conjuntas para os problemas do ABC, a partir de ações regionais. Para tanto, foram construídas agências de desenvolvimento regional envolvendo as sete cidades do Grande ABC, como por exemplo o Consórcio Intermunicipal, criado em dezembro de 1990, o Fórum Permanente de Discussões de Santo André, criado em dezembro de 1991, o Fórum da Cidadania do Grande ABC, criado em março de 1995, a Câmara Regional, criada em março de 1997, e a Agência Regional de Desenvolvimento Econômico, criada em outubro de 1998.

São Caetano do Sul está oficialmente ligada às atividades de desenvolvimento regional. Contudo, as ações empreendidas revelam um sentido dúbio: embora a cidade tome decisões que vêm ao encontro dos pressupostos teóricos presentes nas intenções das agências regionais (*empreendedorismo*), essas mesmas decisões não parecem coadunadas com a região. Uma das provas disso é a ausência significativa de qualquer referência às ações coletivas/regionais nos instrumentos que a Prefeitura do Município de São Caetano do Sul utiliza para divulgar seu trabalho: revistas, informativos e *home page*.

Portanto, a regionalidade revela-se para São Caetano do Sul mais no plano das intenções do

que no plano das ações concretas. Esse cenário um tanto quanto nebuloso é reforçado pela presença do Bairro Prosperidade, que destoa do quadro geral da cidade, bem como da própria região, permanecendo ainda hoje em uma efervescência industrial.

O Bairro Prosperidade foi loteado em 1925 e regularizado apenas em 1943. Pode-se afirmar que foi o primeiro bairro planejado de São Caetano do Sul, e seus idealizadores tinham em mente uma função para ele: a de acolher indústrias. Já na década começada em 1930, o bairro recebeu as primeiras grandes indústrias, o que fez dele objeto de disputa entre Santo André e São Caetano do Sul, pois se localiza na divisa entre as duas cidades.

Segundo a Prefeitura de São Caetano do Sul, atualmente o Bairro Prosperidade possui 23 ruas e mais de 32 indústrias. No entanto, esse número não corresponde à realidade, porque na verdade o bairro conta com 60 indústrias. Um fato que simboliza de maneira contundente a discrepância entre o bairro e a cidade em que ele está inserido - e também entre o bairro e todo o Grande ABC - é a ininterrupta produção de novos espaços fabris. No segundo semestre de 2003, por exemplo, foram construídas, numa das entradas do bairro, duas fábricas de médio porte que trabalham com plástico. Além disso, outras fábricas estão em processo de construção, contrariando o momento vivido em toda a região: o dos vazios urbanos.

Percebe-se, portanto, que o Bairro Prosperidade revela características que, embora destoantes do cenário econômico da região, nem por isso deixam de se constituir em elementos importantes para a dinâmica regional, reabrindo ao Grande ABC um caminho que parecia soterrado pelo tempo.

EPÍLOGO

São Caetano do Sul é a síntese resultante da sua dinâmica interna, produto de contingências históricas, com outra externa, marcada por forças econômicas caracterizadas pela velocidade e transitoriedade.

Como foi descrito, São Caetano do Sul participa, juntamente com as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, de iniciativas de gestão regional que estão em

processo. São elas: Consórcio Intermunicipal, Câmara Regional, Fórum Permanente de Discussões de Santo André e Agência Regional. Todas agregam representantes dos diversos segmentos sociais da região, e suas pautas retratam a preocupação com um novo modelo de gestão regional através do qual se pretende reverter o quadro de degradação econômica, social e cultural da região.

Assim sendo, de um lado São Caetano do Sul não tem demonstrado uma participação significativa nessas iniciativas, por outro compartilha dos sintomas produzidos pela reestruturação produtiva e seus efeitos globalizantes. Contudo, o Bairro Prosperidade apresenta-se como uma *negação* à tendência de evasão industrial verificada na região. O Bairro Prosperidade não só mantém sua função industrial dos primeiros tempos como também dá provas de certa efervescência. Pode-se dizer que uma das hipóteses para esse fenômeno está no fato de que o bairro combina fatores como custo reduzido de terrenos (se comparadas outras localidades), proximidade da Avenida do Estado (uma das principais vias de escoamento de produção da Grande São Paulo) e incentivos fiscais que atraem os empresários.

Esse quadro permite observar que o movimento da regionalidade não se processa de forma uniforme, mesmo sendo do interesse de governantes e cidadãos o desejo de soluções para problemas comuns. A razão disso está nas particularidades de cada cidade e dos bairros que as compõem, fato que não pode ser menosprezado.

(*) Rosemeire Bento Simões é mestranda em administração pelo IMES

BIBLIOGRAFIA

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998
MARICATO, Ermínia. *Urbanismo na periferia do mundo globalizado*. In: *São Paulo em Perspectiva*. V.14, n.4 São Paulo: Fundação SEADE, out./dez 2000.
MARTINS, José de Souza. *Subúrbio - Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim*

do Império ao fim da República Velha. SP: HUCITEC, 1992
MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização - a presença de São Caetano na região do ABC*. SP: HUCITEC, 1993
RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Ed. UNESP, 1985
ROLNIK, Raquel. *O que é cidade. São Paulo*: Brasiliense, 1988
SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa fragmentada*. SP: Nobel, 1990

No ar, pela Rádio Cacique, o programa Entre Estudantes



Odair Vituri

Os oito componentes que iniciaram a Equipe 8. Pela ordem, da esquerda para a direita, em pé: José Quarati Spagnuolo, Dercio Bottecchia, Nilton Moreto, Moacir Ricci. Agachados: Mario Bardella Júnior, Admir Vituri e Gilberto José Vallim.

Tudo começou como uma brincadeira, (na verdade um desafio), mas, como tudo que esse grupo fazia, tratava-se de uma brincadeira levada a sério. O programa Entre Estudantes, que durou de fins de 1963 a meados de 1967, era levado ao ar pela Rádio Cacique de São Caetano do Sul, todos os sábados, das 14h00 às 15h00. O curioso é que no início a programação era de apenas dez minutos, mas conquistou tanto sucesso que o aumento do tempo na grade da emissora se tornou inevitável.

Odair Vituri

Cartão de identificação de Odair Vituri, locutor do programa Entre Estudantes, transmitido pela Rádio Cacique



Sem dúvida os cinqüentões de hoje já estão se recordando do programa, que era produzido e apresentado por um grupo

de jovens que chegaram a criar uma equipe para cuidar do programa. Nascia então a Equipe 8, formada por Moacir Ricci, Odair Vituri, Nilton Moreto, Admir Vituri, Dercio Bottecchia, José Quarati Spagnuolo, Gilberto José Vallim e Mário Bardella Jr.. Posteriormente, houve substituições e a introdução de Marinez Lisboa Moreira, Maria Aparecida Malaguti Spina e Ernesto Parente.

Um dos seus integrantes era o sempre elétrico Odair Vituri, que no ano passado se incumbiu de reunir o antigo grupo para vasculhar documentação, descobrir fotos da época, ou seja, resgatar a bonita história desse pioneiro trabalho. Como diretor do Museu de São Caetano, fomos convidados a acompanhar as reuniões com o objetivo de publicar essa história na Revista *Raízes*. O resultado é o que você vai ler agora.

ORIGEM

Por volta de 1963 era comum ver um grupo de jovens do então Colégio Estadual Cel. Bonifácio de Carvalho e de outras escolas circulando pela cidade. Eles estavam sempre juntos e até cursos extra-curriculares fizeram em conjunto. Um deles foi o Curso de Práticas



Em seis de dezembro de 2003, a Equipe 8 - Programa Entre Estudantes se reencontrou na Associação Desportiva General Motors de São Cartano do Sul. Da esquerda para a direita: Odair Vituri, Mário Bardella Jr., Admir Vituri, Nilton Moreto, Maria Aparecida Malaguti Spina, Moacir Ricci, Dercio Bottecchia, Marinez Lisboa Moreira e José Quarati Spagnuolo. Ausentes: Gilberto José Vallin e Ernesto Parente

estavam inseridas dentro de um programa que já pertencia à grade normal da Rádio Cacique. Era o programa ABC Social, comandado por Carlos Neves. Como essa participação teve uma boa aceitação no meio estudantil, logo seus idealizadores ganharam um programa próprio, com 25 minutos de duração, com muitas notícias, músicas e comentários. Era 11 de janeiro de 1964, e nesse dia se oficializou a criação do Entre Estudantes.

Odair Vituri

Oratórias do SESI (Serviço Social da Indústria)-SCS, ministrado nas manhãs de domingo na própria sede do SESI: Rua Santa Catarina, nº 25. Numa dessas manhãs de domingo, depois da costumeira aula de práticas oratórias, Moacir, Odair, Nilton e Admir, caminhando pela Rua Santa Catarina, discutiam maneiras de como manter ativos os conhecimentos de oratória aprendidos em sala de aula quando, parando bem defronte do prédio nº 97, da Rádio Cacique, tiveram uma idéia: *por que não realizar um programa nessa rádio para falar dos temas que interessam aos estudantes?* Nessa ocasião, Moacir Ricci já havia comparecido ao e participado do programa A Voz do Estudante, transmitido pela Rádio Nove de Julho, de São Paulo, e também de um programa estudantil levado ao ar pela Rádio Emissora ABC, de Santo André.

Com o ímpeto da juventude subiram os degraus até o segundo andar e foram conversar com o então diretor da emissora, Mário Ferreira, que ouviu atentamente o plano dos jovens. Provavelmente num estado de espírito oscilando entre a incredulidade e a curiosidade, o diretor deixou que os rapazes apresentassem por escrito o projeto e fizessem um programa piloto já em novembro de 1963.

As primeiras transmissões ocorreram de fato em novembro de 1963. Duravam dez minutos e

Em setembro daquele ano, o grupo decidiu que precisava de mais tempo no ar. Como a equipe já possuía um departamento de relações públicas, todos arregaçaram as mangas no intuito de conseguir o patrocínio necessário para ficar no ar por uma hora. O desafio foi vencido com o anúncio da General Motors do Brasil, durante três meses, a partir de oito de outubro 1964. Curiosamente, mesmo com o término do contrato o programa continuou com a hora cheia, das 14h00 às 15h00. Em pouco tempo, a Equipe 8, como era denominada, ficou conhecida em toda a cidade e em seus arredores.

Num folheto promocional está a finalidade do programa. Nele podemos ler que o objetivo era levar aos estudantes do ABC notícias da vida estudantil em geral, com muitos comentários, opiniões, notas sociais, notícias estudantis, literatura e promoções de campanhas públicas com fins educativos. O programa também transmitia colaborações dos ouvintes e tratava de arte e poesia. Era possível ouvir músicas e ficar sabendo da programação dos filmes exibidos nos cinemas do ABC. Também eram dadas informações sobre festas e bailes estudantis. Na verdade, Entre Estudantes era uma espécie de porta-voz dos centros acadêmicos e grêmios estudantis que fervilhavam nas escolas da região.

A Equipe 8, produtora e apresentadora do programa Entre Estudantes, sempre fez questão de afirmar que seu trabalho era estritamente apolítico. O slogan que comunicavam nas transmissões era: *O estudante dá um esforço maior para um futuro melhor.*

No trabalho de pesquisa produzido por Odair, a partir de preciosas recordações guardadas por Nilton, Admir e Moacir, conseguiu-se reunir toda a documentação da época, especialmente as correspondências que a equipe emitiu e recebeu, tanto para se apresentar à sociedade como para solicitar o envio de notícias e convidar personalidades para entrevistas no rádio. (Entre essas correspondências consta o convite dirigido ao então prefeito de São Caetano do Sul, Anacleto Campanella, bem como o encaminhado ao então presidente da Comissão de Festejos do Aniversário de SCS, João Dal'Mas.)

Tivemos acesso também à correspondência

interna, já que era comum o uso desse meio para convocar os membros para as muitas reuniões que faziam para analisar a programação. Curioso relatar que os faltosos apresentavam justificativas para as suas faltas nas reuniões.

Uma dessas convocações, ocorrida para a reunião do dia 23 de maio de 1964, explicava que o assunto a ser tratado seria a solicitação junto à direção da emissora para conseguir uma credencial, a fim de que se pudesse entrar livremente em qualquer evento estudantil, político e social.

PROGRAMAÇÃO

Para se entender melhor o programa, apresentamos os itens definidos e perpetuados em um dos documentos recolhidos. Nele vemos o seguinte: a) No ar o programa Entre Estudantes... 1º) Abertura padronizada a ser feita por Dercio Bottecchia. 2º) Nossa Opinião, por Odair Vituri. b) Curiosidades, por José Spagnuolo. 3º) Notas Estudantis, lidas por Admir Vituri e Nilton Moreto. c) Curiosidades, por José Spagnuolo. 4º) Página Musical, apresentada por José Spagnuolo. 5º) Momento da Poesia, com Gilberto Vallim e Nilton Moreto. d) Curiosidades, com José Spagnuolo. 6º) A 7ª Arte em Foco, com Dercio Bottecchia e Gilberto Vallim. 7º) Literatura em Revista, com Nilton Moreto e Moacir Ricci ou Odair Vituri. 8º) Variedades, a cargo de Admir Vituri e Mário Bardella Jr. 9º) Encerramento, feito por Moacir Ricci.

O serviço de *garimpagem* conseguiu também obter os textos de propaganda que eram lidos durante o programa, e que aqui são reproduzidos. Leiam:

1 - Inicial. *A Rádio Cacique de São Caetano do Sul, sob o patrocínio exclusivo da General Motors do Brasil, orgulhosamente passa a apresentar... "Entre Estudantes"... um programa levado ao ar todos os sábados neste horário. Produzido e apresentado pela Equipe 8, sob a direção de Moacir Ricci e técnica de som de Anselmo Amorim.*

2 - *Você está ouvindo pela Rádio Cacique de São Caetano do Sul "Entre Estudantes", oferecido pela General Motors do Brasil, a empresa que confia na juventude estudantil de hoje.*

3 - *A General Motors do Brasil, que tem confiança nas realizações estudantis de todo o*

Cópia do ofício emitido pela General Motors do Brasil, em outubro de 1964, firmando o patrocínio para o programa Entre Estudantes



... mundo, está oferecendo por esta emissora o “Entre Estudantes”.

4 - A General Motors do Brasil, entusiasta no desenvolvimento da juventude estudantil brasileira, está apresentando pela Cacique de São Caetano do Sul o “Entre Estudantes”.

5 - A General Motors do Brasil produz caminhões e refrigeradores e o “Entre Estudantes” incentiva os estudantes de hoje, que serão os técnicos de amanhã.

6 - Final - A General Motors do Brasil cumprimenta a classe estudantil brasileira e os (sic) convida para a próxima audição, pela Rádio Cacique, do programa “Entre Estudantes”, e aproveita o ensejo para lembrar que “o estudante dá um esforço maior para um futuro melhor”.

Cada componente ficava encarregado de conseguir o material a ser lido no programa. Tivemos acesso a uma dessas ordens de trabalho. Vejam:

1- Admir Vituri - Comentário Nossa Opinião e cinco notícias.

2- Odair Vituri - Duas notícias

3- Nilton Moreto - Comentário Artes em Revista e cinco notícias, mais efemérides.

4- Marinez Lisboa - Poesia, cinco notícias. Trazer livro de visitas e discos.

5- Dercio Bottecchia - Programa cinematográfico do fim de semana, notícia sobre cinema e mais duas notícias.

6- Mário Bardella Jr. - Pensamento da Semana. Cinco notícias. Relação contendo a seleção das músicas e dos fundos musicais do programa.

Com o passar dos meses, a Equipe 8 foi recebendo novos componentes, como se pode perceber acima mediante a citação da participação de Marinez Lisboa Moreira. Ainda outros nomes se juntaram aos que já faziam parte da equipe, o que é possível ver nestas duas ordens de trabalho:

Obrigações de Maria Aparecida Malaguti:

1) Trazer o comentário sobre “Artes em Revista”. 2) Trazer no mínimo duas notas estudantis ou sociais. 3) Chegar no mínimo 30 minutos antes do início do programa. 4) Apresentar à direção a matéria trazida. 5) Comparecer às 13,50 horas no departamento artístico da Rádio para receber as últimas instruções para o programa do dia. 6) Entregar no final do programa, ao secretário, cópia da matéria transmitida.

Obrigações de Ernesto Parente: 1) Trazer o comentário “Nossa Opinião”. 2) Trazer no mínimo duas notas estudantis ou sociais. 3) Chegar no mínimo 30 minutos antes do início do programa. 4) Apresentar à direção a matéria trazida. 5) Comparecer às 13,50 horas no departamento artístico da Rádio para receber as últimas instruções para o programa do dia. 6) Entregar no final do programa, ao secretário, cópia da matéria transmitida.

Como destacado no início, tratava-se de uma brincadeira, porém, levada muito a sério. A afirmação fica bastante evidenciada no comunicado n.º 2, produzido em 1964, onde podemos ler o seguinte: *A direção do programa, baseada em decisões tomadas em reuniões efetuadas anteriormente pela equipe, vem comunicar que desta data em diante serão rigorosamente observadas as seguintes deliberações: a) cumprimento completo das atribuições por parte dos componentes da equipe, que vão anexas a esta. b) o componente da equipe que não cumprir com o máximo rigor as deliberações sofrerá penas as quais serão impostas pela direção e pela equipe posteriormente. c) A punição por parte da direção será da não permissão da participação no programa do dia, do componente que não trouxer a matéria completa, sendo que a matéria trazida (incompleta) será fornecida à direção para que esta se incumba de dá-la ao substituto. d) A punição da equipe será imposta através de posterior reunião. e) O componente que não estiver às 13,50 horas no departamento artístico da Rádio para receber instruções não participará do programa do dia.*

PRESENTE

Os integrantes do grupo (todos já se aposentando) têm se reunido algumas vezes para matar a saudade, lembrando o proffico passado, as grandes contribuições dadas à sociedade de então, os exemplos de responsabilidade diante dos microfones e, sobretudo, a coragem de uma juventude arrojada e madura, que soube desenvolver um patriótico trabalho apesar da feroz censura aos meios de comunicação social exercida pelos militares que implantaram a ditadura no Brasil em 1964.

(*) Humberto Domingos Pastore é jornalista e escritor. Atualmente dirige o Museu Histórico de São Caetano do Sul

Clube Pan-Americano



Instituto de Ensino de São Caetano durante a instalação do Clube Pan-Americano, em 1954. 1-) Sebastião Sampaio de Assis, 2-) Oswaldo Luiz, 3-) Carmo Barile, 4-) Antônio de Mello Neto, 5-) Mário Porfírio Rodrigues, 6-) Manoel Gutierrez Duran e 7-) a professora Maria Tereza Leme da Costa Guancialle presenciaram, ao lado dos 22 alunos integrantes do Clube Pan-Americano, os trabalhos de instalação do clube

Em três de maio de 1954, o *Rotary Club* local instalou o Clube Pan-Americano de São Caetano do Sul, graças ao competente trabalho dos rotarianos Manoel Gutierrez Duran e Celso Marchesan e à colaboração do professor Vicente Bastos, diretor do Instituto de Ensino São Caetano do Sul.

Os 22 alunos (e membros do clube), bem como a orientadora, professora Maria Tereza Leme da Costa Guancialle, demonstraram grande entusiasmo, fizeram reuniões, palestras sobre várias nações e escreveram uma dezena de cartas a países ibero-americanos. Por intermédio do presidente do *Rotary*, Mário Porfírio Rodrigues, essas cartas foram enviadas aos destinatários, no exterior, possibilitando excelente intercâmbio internacional.

Idealizado com a finalidade de incremen-

tar o companheirismo entre os jovens, incentivando-os a realizar trabalhos em benefício da coletividade e da paz mundial, acompanhando padrões internacionais, o Clube Pan-Americano desenvolveu um ótimo trabalho na década de 50 do século passado. Isso, entretanto, só foi possível graças à dedicação da professora Maria Tereza Leme da Costa Guancialle e ao esforço do rotariano Manoel Gutierrez Duran.

Com apenas alguns meses de existência, o Clube Pan-Americano solicitou aos seus jovens associados que fizessem um trabalho sobre o ameríndio, trabalho esse que exigiu muito esforço, renúncia de lazeres e divertimentos por parte dos membros da agremiação, todos com idade aproximada de 18 anos. Os resultados mostraram, porém, que se tratou de uma idéia brilhante da professora orientadora do clube.

Um dos trabalhos, de autoria da filha da

professora Maria Tereza e então aluna e membro do Clube Pan-Americano, ficou guardado na sede do *Rotary Club* de São Caetano do Sul durante décadas. Alguns meses atrás, porém, foi oferecido à Fundação Pró-Memória pela ex-presidente do *Rotary*, Mosavi Ribeiro.

O Índigena na Formação da Família Brasileira é composto de cinco volumes ricamente encadernados, escritos à mão pela associada do clube Flora Leme da Costa Guanciale e concluído em novembro de 1955. O trabalho está dividido em três partes: *Introdução*, *Os índios da América Latina* (exceto o Brasil) e *Os índios do Brasil*.

O início está baseado no famoso livro de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, mas também serviram de inspiração à aluna vários outros autores importantes, todos indicados na bibliografia, publicada no final do trabalho, que relaciona ainda os capítulos, mapas e gravuras que constam da obra. Em suma, um trabalho realmente digno de elogios. (A Fundação Pró-Memória estuda no momento a possibilidade de se promover uma mesa-redonda para avaliar o trabalho e estabelecer os critérios de uma possível publicação.)

Para finalizar, gostaríamos de expressar nosso desejo, meu principalmente mas também da Fundação Pró-Memória, de ter notícias sobre a sra. Flora Leme da Costa Guanciale, autora do trabalho mencionado, e/ou de seus familiares.

(*) *Mario Porfírio Rodrigues*, ex-presidente do *Rotary Club* de São Caetano do Sul (1953-54)



Mário Porfírio Rodrigues

Foi durante o exercício de 1954-1955 do rotariano Manoel Gutierrez Duran (primeiro à esquerda) que se desenvolveu em São Caetano o Clube Pan-Americano. Ao centro, Oséas Fialho dos Reis e, à direita, José Luiz Flaquer

Composição da Diretoria

Presidente: José Belotti dos Santos
 Vice-Presidente - José Ferreira da Silva Filho
 Primeiro Secretário - Maria Helena Pacheco Teani
 Segundo Secretário - Luiz José Vincenzi
 Coordenador junto à Imprensa - Maria F. Fraissat Paez
 Coordenador junto ao Rotary - Sarah Zimmermann
 Primeiro Orador - Guilherme Rodrigues da Silva
 Segundo Orador - Josmar Martins

Composição do Clube

País	Aluno	Padrinho
Argentina	Sarah Zimmermann	Oswaldo Falchero
Bolívia	José Belotti dos Santos	Sebastião S. de Assis
Brasil	Isaac Gafanovitch	Anton Holger Wilhelmsen
Canadá	Maria Helena Pacheco Teani	Armando Marcon
Chile	Neusa Dal Poggetto	Jordano P.S.Vincenzi
Colômbia	Cleide Morato	Filomeno Silvestre
Costa Rica	Luiz Golberstein	Avelino B. Poli
Cuba	Waldir Borges	Antonio Caparrós Guevara
Equador	José Ferreira da Silva Filho	Keigo Toyoda
Estados Unidos	Luiz José Vincenzi	Odilon de Souza Mello
Guatemala	Guilherme Rodrigues da Silva	Cristovam Miguel Sanchez
Haiti	Jorge Lucas	Urames Pires dos Santos
Honduras	Júlio Zimmermann	Carmine Walter Barile
México	Neusa Moledo	Geraldo Cambaúva
Nicarágua	Josmar Martins	Jayme da Costa Patrão
Panamá	Delma de Magalhães	Léo Lucas Aloi
Paraguai	Maria Frsca. Fraissat Paez	Girsz Kogan
Peru	Ermani Gianini	Thomaz Pirossi Neto
Salvador	Dalva de Matos	José J. Domingues Guerra
S. Domingos	Elio Pisaneschi	Mário Porfírio Rodrigues
Uruguai	Wilma S. Vincenzi	José Luiz Flaquer Neto
Venezuela	Maria Panarelli	Anacleto Campanella
ONU	Flora L.C.Guanciale	Antônio Júlio S. Margarido

Contrariando os dados

A Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá, há 90 anos funcionando com sucesso em São Caetano do Sul, contraria as estatísticas contemporâneas, que já há um bom tempo apontam a progressiva saída das indústrias do município e da região

A

Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá Ltda., fundada em 1915 pelo imigrante italiano Romeu Masini e que chega em 2005 aos 90 anos de idade, atravessou intacta os principais períodos do crescimento moderno da cidade. (Tomando-se como data de fundação 28 de julho de 1877, São Caetano possui apenas 38 anos a mais que a metalúrgica criada em 1915, de sorte que ambas, cidade e indústria, são quase contemporâneas.) O negócio de Romeu Masini acompanhou de perto as três fases principais do desenvolvimento urbano de São Caetano: a das olarias, que, embora de início bastante longínquo, remontando ao período colonial, durou até mais ou menos o começo dos anos 20 do último século; a das indústrias de transformação, entre elas as metalúrgicas, até por volta do fim dos anos 70 do século XX; e, finalmente, a dos serviços, que já desde as duas últimas décadas do século passado, especialmente nos anos 90, em razão da saída progressiva de indústrias, não apenas de São Caetano do Sul, mas de todo o ABC, vem caracterizando a região. A Itá, em certo sentido, antecipou-se à chegada efetiva das indústrias de transformação em São Caetano, já que sua fundação data da metade da primeira década do século XX, e contrariou a tendência que marcou as últimas duas décadas desse mesmo século, uma vez que até hoje se mantém ativa no reduzido cenário industrial do município e de todo o ABC. É a história dessa bem-sucedida empresa familiar, história essa marcada por algumas datas significativas, que se segue em detalhes nos próximos parágrafos.

1915

Em 1915, Romeu Masini, imigrante italiano, adquiriu um terreno de 1000 m², perto da estação ferroviária de São Caetano (na época apenas um distrito de Santo André), e deu início às atividades da então Fábrica de Artefacto Metalúrgica Italiana, produtora de artigos de adorno para o lar, artigos para

Romeu Masini (à direita), fundador da Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá Ltda., ao lado de um representante de vendas



Metalúrgica Itá



Alguns funcionários da Metalúrgica Itá, localizada na Alameda São Caetano, 2790, Bairro Santa Maria. Ano 2005

barbeiros, peças fundidas e reparos em peças de corte. Além disso, a pedido de clientes, passou a fabricar artigos médicos como estojos e tambores.

Romeu Masini chegou a São Paulo (Bairro do Brás) no final do século XIX. Vinha fugido da Itália, país em que conhecera Margarida Lerda e de onde, contrariando os familiares dela, (que não desejavam o casamento dos dois), partira (com a moça) para o Brasil. Quando se instalou no Brás, o imigrante italiano tornou-se amolador ambulante de facas.

Depois de um certo tempo trabalhando na rua, conseguiu adquirir um armazém, na Rua Rangel Pestana, no qual, além de amolar facas, executava outros serviços semelhantes. A renda extra advinda desses serviços paralelos permitia que Romeu Masini viajasse regularmente à Europa, a fim de visitar seus parentes. Nessas viagens, contudo, não somente revia os familiares na Itália, mas também perambulava por outros países, como a Alemanha em particular, de onde costumava trazer artigos de cutelaria para revender no Brasil. (Tais artigos fizeram tanto sucesso que o imigrante teve de abrir uma loja exclusiva de cutelaria, artigos de toucador e armas, na Avenida São João, 3, em São Paulo.)

Quando, em 1914, estourou a Primeira Guerra

Mundial, Romeu Masini ficou impossibilitado de viajar para a Europa e de lá trazer os artigos que revendia na loja. Foi então que veio para São Caetano e adquiriu o terreno no qual se iniciou a história da Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá.

1928

Na época em que possuía armazém onde afiava facas e realizava outros serviços desse gênero, Romeu Masini, a esposa e as três filhas pequenas do casal (Josephina, Tosca e Odete) eram vizinhos de Concetto Constantino, dono de um armazém de secos e molhados e pai de Matheo Constantino, moço que acabou se casando com Josephina. Quando, em 22 de janeiro de 1928, vítima de uma doença respiratória, Romeu Masini faleceu, foi Matheo Constantino quem assumiu a direção da metalúrgica.

Matheo Constantino, embora fosse um homem de múltiplos talentos e grande capacidade política, (foi fundador de várias agremiações locais importantes, entre elas a *Società Principe di Napoli* e o Clube Ideal, além de ter participado ativamente da vida cultural da cidade), não possuía muito tino comercial, e por isso enfrentou grandes dificuldades para gerenciar a indústria que recebeu das mãos do sogro.

1945

Por volta do ano de 1945, Concetto Constantino (que possuía o mesmo nome de seu avô), filho de Matheo Constantino, assumiu o comando da metalúrgica. Concetto, além de talentos políticos e artísticos, também era dotado de tino comercial, e em razão desse detalhe foi melhor administrador que o pai. Várias mudanças foram promovidas pelo filho de Matheo, sendo que a principal foi a adoção de uma filosofia de produção em série, facilitada bastante por uma prensa mecânica de repuxo importada da Alemanha. (Foi ainda nessa época que outra mudança – dessa vez “na marra” - significativa ocorreu: a Segunda Guerra Mundial e a pressão sobre os imigrantes forçaram a modificação do nome da empresa, que de Fábrica Artefacto Metalúrgica Italiana passou a se chamar Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá.)

1989

Em razão da morte de Concetto Constantino, a direção da fábrica passou para as mãos de Wellington Pesinato, casado com uma das filhas – Marieta – de Concetto Constantino. Nessa época, contudo, a empresa correu sério risco de desapa-

recer, pois os novos donos achavam difícil mantê-la ativa num cenário modernizado e competitivo. Apesar dos temores, Pesinato resolveu arriscar e deu início ao processo de modernização da metalúrgica.

1992

No início dos anos 90 do século passado, mais precisamente em 1992, William Pesinato, filho de Wellington, passou a ajudar o pai na gerência da empresa, que definitivamente se modernizou, através da informatização de toda a área administrativa. Paralelamente, uma consultoria foi contratada, a fim de reorganizar os negócios e avaliar o custo real de todos os produtos feitos pela indústria.

2005

Atualmente, a Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá Ltda., especializada na produção de estojos, bandejas, cubas, comadres e outras ferramentas de trabalho de médicos, dentistas e veterinários, possui apenas um concorrente à sua altura em todo o Brasil e praticamente controla o setor em que atua, favorecida que é por uma espécie de barreira alfandegária natural: o baixo valor unitário e o grande espaço físico ocupado pelos produtos nos fretes não tornam viável o comércio internacional. Esse favorecimento natural, contudo, não implica estagnação. Pelo contrário, nos últimos anos a metalúrgica tem desenvolvido novas linhas de bandejas e estojos perfurados, além de produtos que agregam mecanismo para troca de tecidos médicos descartáveis. Essas e outras inovações colocam a Fábrica de Artefatos metalúrgicos Itá em sintonia com as mudanças do mercado médico e odontológico internacional e em posição de destaque no cenário industrial da região, do estado e do país. (*Pesquisa e texto a cargo do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*)

Fábrica de
Artefatos
Metalúrgicos Itá
em seu primeiro
endereço: Rua
Amazonas





Visita do prefeito Oswaldo Samuel Massei à Fábrica Porcelanas Teixeira. Década de 50 (séc XX)

A participação portuguesa na cidade

A rica contribuição da comunidade portuguesa em nossa região pode e deve ser contada a partir do personagem João Ramalho, ainda nos idos de 1550. Já nas terras de *Tijucuçu* essa participação tem como primeiro registro o nome de Manoel João Branco, que em seu inventário de 1643 cita o curral de Tijucussu. Os registros seguintes apontam Duarte Machado e Manoel Temudo como proprietários de glebas nesse local que viria a ser a nossa São Caetano do Sul atual.

O capitão Duarte doou sua parte para os monges da Ordem de São Bento. Já Manoel vendeu a parte que lhe competia a um outro ilustre português, o bandeirante Fernão Dias Paes Leme, que por 7500 réis passou a ser o dono de grande parte da chamada terra de *Tijucussu*. Fernão, curiosamente, a repassou para os beneditinos em troca de poder ser enterrado, juntamente com sua esposa, no mausoléu existente nesse mosteiro.

A estrada de ferro construída pelos ingleses em 1867 foi outro fator importante para a vinda dos portugueses para a nossa região. A antiga *São Paulo Railway* (SPR) foi tocada por muitos portugueses, que escolheram a Vila de Paranapiacaba como primeira moradia, mas se transferiram para São Caetano nos idos de 1900.

Uma ilustre personagem da história local é Deolinda Maria da Conceição, que em 1870, antes portanto dos italianos, se mudou da Mooca para São Caetano, vindo a morar no hoje Bairro Barcelona. Essa senhora veio a ser a mãe de José Mariano Garcia Júnior, o primeiro juiz de paz do Distrito de São Caetano, e hoje nome de uma EMEI na cidade.

Por volta de 1920, um outro português ganhou destaque em São Caetano. Foi o curandeiro Vicente Rodrigues Vieira, que, através de suas rezas, curava a grande multidão que o procurava no hoje Bairro Santa Maria. Ele veio a falecer com 52 anos, no dia nove de Março de 1925.

Também em 1920 muitos outros portugueses se transferiram para cá, a fim de trabalhar na antiga Mecânica São Caetano.

Logo passaram a atuar no ramo de secos e molhados, nas padarias, nas confeitarias, nas serralharias e até mesmo na construção, onde o nome de Anacleto Pires Laranjeira se destacou.

Já no setor industrial podemos destacar nomes como os de Manoel Barros Loureiro, que com seus filhos fundou a Fábrica de Louças Adelinas, ou de Francisco Branco Santos Prior, da Cerâmica Tupi, ou ainda de Antônio Coelho de Souza e Alberto Ferreira da Silva, das Fábricas Reunidas Santana, bem como dos irmãos Manoel e Armindo Ribeiro com suas carpintarias.

A década de 40 do último século trouxe outras significativas participações lusitanas. Tivemos inicialmente a Moagem de Pedras São Caetano, de Alfredo Rodrigues, que anos depois fundou a Cristaleira Sul América. Tivemos os irmãos José e Vergílio Teixeira que, em 1945, fundaram a Porcelana Teixeira, ainda hoje em funcionamento através da marca Porcelana São Paulo.

No ano de 1950 chegou a São Caetano um jovem médico, também descendente de portugueses, que aqui constituiu sua vida profissional e familiar. É ele o ex-vice-prefeito da cidade, dr. Sílvio Torres.

No campo social e filantrópico, a garra da comunidade portuguesa está muito bem representada na Sociedade Portuguesa de Beneficência, mantenedora do Hospital Nossa Senhora de Fátima. O hospital, sem dúvida nenhuma, coroa a rica e valiosa contribuição dada por portugueses e seus descendentes para o progresso e desenvolvimento dessa que é hoje considerada uma cidade de primeiro mundo, a nossa querida São Caetano do Sul.

O capitão Duarte doou sua parte para os monges da Ordem de São Bento.

(Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória.)



Lauro Garcia (1916 - 2004): 88 anos dedicados à comunidade

Câmara de Vereadores de Santo André em 1947. Da esquerda para a direita: Otaviano Gaiarsa, João Dal'Mas, Lauro Garcia e (?)

Mo dia 17 de dezembro de 2004, São Caetano do Sul perdeu dois de seus mais ilustres políticos: o prefeito Luiz Olinto Tortorello e Lauro Garcia, vice-prefeito em duas legislaturas (quatro de abril de 1957 a quatro de abril de 1961 e quatro de abril de 1961 a quatro de abril de 1965).

Lauro Garcia nasceu em São Caetano do Sul no dia 17 de novembro de 1916. Era filho de José Mariano Garcia Jr. e Angelina Tomazella Garcia. Fez seus estudos primários no Grupo Escolar Senador Flaquer, no Bairro da Fundação, local que marcaria sua vida política, familiar e profissional.

Lauro Garcia cresceu na Rua Perrella, no



Lauro Garcia, em discurso na Câmara Municipal de Santo André, representando o Distrito de São Caetano (1947)



Lauro Garcia, como vice-prefeito de São Caetano, entregando ao vereador Hermógenes Walter Braido o diploma conferido pela Comissão dos Festejos de São Caetano do Sul (1957)



Casa da Rua Perrella, nº 339, onde Lauro Garcia passou sua infância. Essa residência pertencia ao seu pai, José Mariano Garcia Júnior. Ano de 1995

mesmo casarão em que seu pai, “Juca Garcia”, promoveu as reuniões para o primeiro movimento de emancipação política do Distrito de São Caetano, em 1928.

(As conseqüências deste movimento iriam frutificar em 1948, 20 anos depois, com a emancipação política do então distrito do Município de Santo André após o plebiscito realizado em 24 de outubro de 1948.)

Em 1947, Lauro Garcia foi eleito vereador do Município de Santo André, representando o Distrito de São Caetano. Seu trabalho na Câmara Municipal de Santo André coincidiu com o segundo e bem-sucedido movimento autonomista de São Caetano, e Lauro Garcia fez de sua tribuna em Santo André uma trincheira do movimento autonomista sancaetanense. Sua atuação política em São Caetano foi das mais eficientes. Foi eleito vice-prefeito, por duas vezes consecutivas, numa época em que a eleição para vice-prefeito era independente da eleição para prefeito. Na primeira vez, Lauro Garcia foi eleito com 8.703 votos pela coligação UDN, PR, PTN; na segunda vez, com 10.093 votos, pelo PSP. Assim Lauro Garcia teve a honra de ser vice-prefeito de Anacleto Campanella e Oswaldo Samuel Massei, dois adversários políticos muito fortes nas décadas de 50 e 60 do século passado.

Sua vida social não se restringiu somen-

te à política. Foi também um empresário industrial de muito sucesso e teve uma participação constante e ativa nas instituições filantrópicas, esportivas e de caráter benéfico e religioso.

Já sua vida profissional começou nas Louças Adelinas, onde trabalhou como mensageiro. Mais tarde se tornou proprietário das Indústrias Reunidas São Caetano, fábrica de botões para vestuário.

No tocante à vida pessoal, foi casado com Bárbara Galuzzi Garcia e teve dois filhos: Lauro e Tânia.

Em suma, a folha de trabalho de Lauro Garcia, em São Caetano, foi extensa e se prolongou por uma vida de 88 anos, como podemos observar pelo seu currículo em anexo.

(*) José Roberto Gianello, sociólogo, é assessor cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Lauro Garcia diante de sua residência, em 1995



Lauro Garcia

Começou seus estudos na Escola Italiana de São Caetano do Sul Carlos Cardos, em 1924, transferindo-se para a Escola Preparatória de Comércio Juvenal Cunha, onde terminou o período de aprendizado.

Fez o curso primário no Grupo Escolar Senador Flaquer, diplomando-se em 1928.

Perito-contador formado pela Escola de Comércio 30 de outubro, da Capital.

Bacharel em Ciências Econômicas e Finanças formado pela Faculdade de Ribeirão Preto em 1951.

Foi empregado da Fábrica de Louças Adelinas, admitido em julho de 1932, época da Revolução Constitucionalista, trabalhando até fins de 1939.

Ao retirar-se da Fábrica de Louças Adelinas, organizou seu escritório de despachante municipal, que funcionou por mais de dez anos.

Fundador das Indústrias Reunidas São Caetano Ltda.

Sócio-fundador do Hospital São Caetano.

Sócio-fundador da Sociedade Amigos de São Caetano.

Sócio-fundador do Rotary Club local e membro da Comissão de Programa e Publicidade.

Sócio-fundador do Partido Republicano (local).

Sócio-fundador do Clube de Aeromodelismo

Presidente da diretoria e do conselho deliberativo do São Caetano Esporte Clube (1944- 1946).

Secretário geral da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano do Sul.

Vice-presidente da Comissão Municipal de Preços do Município de Santo André.

Presidente da Comissão de Festejos da Matriz Velha em homenagem ao 75º aniversário da fundação da cidade.

Presidente dos festejos municipais, pelo 25º aniversário da Revolução Constitucionalista, ocasião em que diplomou todos os combatentes de São Caetano do Sul (1957).

Membro patronal da Federação Estudantil do Município de Santo André.

Organizador e filatelista.

Recebeu o diploma comemorativo da Nova Capital (Brasília), conseguido por intermédio do Intercâmbio Municipalista; diploma de honra ao

mérito fornecido pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul; diploma de colaboração nos festejos municipais do 88º aniversário de São Caetano do Sul.

Foi agraciado com a medalha cultural e cívica José Bonifácio de Andrade e Silva, outorgada pela Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística.

Vereador da Câmara de Santo André e membro da Comissão de Finanças durante três anos.

Vice-prefeito de São Caetano do Sul, eleito pela primeira vez em 26 de março de 1957, com 8.703 votos, e pela segunda vez em 26 de março de 1961, com 10.093 votos.

Um dos primei-



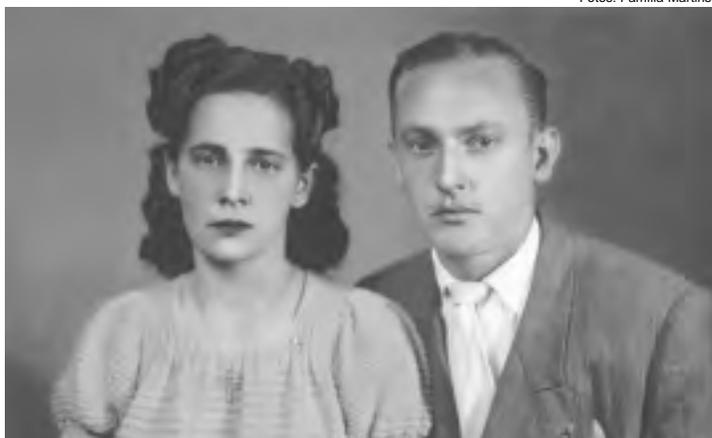
ros e principais líderes da autonomia de 1948.

Cidadão Emérito de São Caetano do Sul, diploma outorgado pela Câmara Municipal de São Caetano do Sul.

Diretor geral do Departamento de Esportes e Bem-Estar Social da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.

Lauro Garcia recebendo homenagem da Fundação Pró-Memória em dezembro de 1997

Fotos: Família Martins



Felipe e Maria Aparecida, em 26 de novembro de 1947



Turma do Batura. Da esquerda para a direita: (?), Otávio, Antônio, Felipe e a criança Tico. Ano 1947

Quadros de vida

Felipe Martins vive em nosso município há 80 anos. Recém-nascido, mudou-se, em 1924, junto com sua família, de Piracicaba para São Caetano. Suas memórias cobrem um período da história da cidade que se inicia em 1930 e se estende até hoje. Delineia-se, a partir de seus relatos acerca da infância, da mocidade e da vida adulta, todo um quadro histórico bastante peculiar, com um pouco mais de tinta sobre os contornos que formam as dificuldades enfrentadas durante os turbulentos anos 30 do século XX. Com traços menos carregados são pintadas a variedade de indústrias no ABC como um todo e a vida esportiva da região e em geral. Finalmente, as linhas mais suaves e harmoniosas fazem aparecer a história de seu casamento, em 1947, e de sua vida com Maria Aparecida Bordon Martins. A suavidade das linhas corresponde a um abrandamento das dificuldades, que depois do matrimônio passaram a ser divididas. Já a harmonia resulta de



Felipe Martins em foto do documento de identidade. Ano 1942

uma espécie de acordo entre os traços de Felipe e os de Maria, que a partir do matrimônio passou a interferir no quadro da vida do marido. É verdade, por outro lado, que essa mesma interferência harmoniosa também ocorre na tela que Maria vinha compondo sozinha até antes de seu casamento. Com efeito, Maria passa, a partir de 1947, a dividir as pinceladas, suavizar as linhas e harmonizar as formas de seu traço com as formas do traço de Felipe.

São os quadros da vida dessas duas pessoas, quer antes das interferências que eles sofreram quando elas se conheceram, quer depois das alterações ocorridas e que vêm ocorrendo desde então, que pretendemos apresentar, exatamente como eles nos foram apresentados, isto é, desprovidos da seqüência lógica mas artificial dos textos lapidados e marcados por uma falta de linearidade característica das emoções suscitadas pelas lembranças, ao leitor de *Raízes*.

Felipe Martins

Meus pais chegaram [ao Brasil] mais ou menos em 1914 ou 1915. Foram morar em Piracicaba e [lá] ficaram até 1924. Antes disso ela [a mãe] teve minha irmã Bárbara Martins. Eu é que nasci em 1924, filho do Martins, e cheguei aqui em São Caetano com nove meses de idade [pois em 1924 o pai se mudou para São Caetano] (...) Me formei (sic) no Segundo Grupo Escolar de São Caetano do Sul (...) Com seis ou sete anos é que comecei a freqüentar a escola (...) Me lembro da(s) revolução(ões) de 1930 e 1932 [em 1930 tinha seis anos de idade; em 1932, oito] (...) Passei fome (...) me lembro da queima de café em Utinga, que [acontecia de] era dia e noite na [durante a crise] quebra que deu em 30, 32 (...) Passamos fome (...) Lembro ainda que nós (sic) ajudava o meu pai a fundar [escavar] poço (...) Naquele tempo não existia água encanada, não existia nada (...) Com a idade de seis ou sete anos eu comecei a freqüentar salão de barbeiro, e, naquela época, tinha (sic) em São Caetano uns quatro ou cinco salões. Não tinha mais do que isso ... (...) Eu freqüentava o salão do Fiori, e ali aprendi o ofício de barbeiro (...) Depois, com 16 ou 17 anos, eu fiquei com o salão de barbeiro.

(...) E meu pai trabalhou na Mecânica, antiga Mecânica (...) Trabalhou também naquele gasoduto da Mooca ... Meu falecido pai.

(...) Me lembro da Argilex. A gente ia brincar de Tarzan lá. Naquele época a gente assistia [ao] seriado de sexta-feira, a gen-

te via o Tarzan. E aí, no meio daquele mato lá, aquele cipó ... Lembro que rasguei toda a sobrançelha porque, fugindo dele [dono do terreno], eu não vi a cerca e rasguei toda a vista (...) É que vinham roubar muita taquara e bambu dele, então ele saía com uma espingarda para assustar o pessoal. Quando rasguei a vista ele também tinha saído com a espingarda e a gente saiu correndo (...) Só sei que lavei meu olho na fonte onde as mulher (sic) lavava [a roupa] e, quando cheguei em casa, apanhei pra caramba da minha mãe.

(...) Meu pai tomou conta de uma chácara por 30, 31 anos. Ele ficava lá sem pagar aluguel ... A chácara ficava lá na frente de um senhor chamado Biagio ... Meu pai sempre teve intenção de voltar para o interior (...) Ele trabalhou aqui na Mecânica, antiga Mecânica, que depois foi chamada de Saad, e depois trocou de nome (...) Também trabalhou na Metalúrgica São Francisco, trabalhou na fabricação e na montagem da General Motors, trabalhou no gasoduto lá da Mooca.

(...) Eu só estudei até a quarta série [primário]. Tenho o meu diploma, aí, junto com o meu passe de quando eu jogava no Monte Alegre, com meus 19, 20 anos (...) Eu não tive estudo nenhum porque não dava ... Naquele época era muito difícil ... Não existia ginásio nem nada ... Só escola, e pra estudar a gente precisava ter dinheiro.

(...) Meu irmão nasceu aqui, o terceiro ... Teve minha irmã Bárbara, teve eu. E meu irmão nasceu em São Caetano, mas faleceu com sessenta e poucos anos ... Ele



Setor de fundição da Elevadores Atlas. Felipe e colegas de trabalho. Ano 1950



Campo do Cruzeiro, no final da Rua São Paulo com a Av. Guido Aliberti. Da esquerda para a direita: Belo, Felipe, Vídio, (?), (?). Ano 1940

jogou no Bom Sucesso ... Jogava um grande futebol ... Ele se chamava Aurélio Martins, apelido Picão ... Chamaram ele pro Corinthians, mas meu pai não queria de jeito nenhum. E ele não foi, porque naquela época a gente obedecia muito [aos] “velhos” (...) Eu me lembro do Pelé, quando começou a jogar ... Mas antes teve o Leônidas, inventor da “bicicleta”, que eu acho que era melhor do que o Pelé (...) O Leônidas jogava um futebol que “pelo amor de Deus!” ... Na Copa do Mundo de 1934, Domingos da Guia fez um pênalti e a Itália ganhou por 1x0. A gente ouviu pelo radinho, porque não tinha TV naquela época.

(...) Minha irmã era cega ... Enxergou até os oito anos, mas, depois disso, ficou cega pro resto da vida ... Mas mesmo assim ela ajudou muito a gente ... Eu e ela, quando deu aquela crise de 1932, fomos ajudar a afundar o poço da Portuense, a padaria mais velha de São Caetano (...) Deixamos cair um balde lá embaixo ... O balde escapou ... Meu pai tava lá embaixo ... Ouvimos meu pai gritando e pensamos: “Matamos o pai!” ... Que nada ... ele queria que a gente jogasse uma corda para ele subir ... Eu tinha uns nove, dez ou 11 anos (...) A situação era difícil, porque tava tudo parado com aquelas greves ... Passamos fome mesmo.

(...) O Relá ... A minha mãe lavava roupa pra família e ele tinha uma padaria aqui na Rua Rio Grande do Sul ... Ele era juiz de paz (...) Minha velha mãe, minha falecida mãe, lavou muita roupa pra ele.

(...) Nasci aqui, cresci aqui. Tô (sic) com 80 anos. Tenho minha “véia” de 75. Tenho sete filhos. Tenho oito netos e três bisnetos. Moro na Rua das Mangueiras, 110. Já morei na Rua Josué Fiorotti, na Rua Oswald Cruz, na Rua Nossa Senhora de Fátima e na [Avenida] Roberto Simonsen.

A Rua Amazonas era de terra ... São Caetano, bem dizer (sic), não existia. Existia da Rua Gonzaga para baixo: o resto era tudo terra, casas velhas (...) E tinha [também] uns clubes de futebol, eu me lembro (...) Eu joguei no Paraíso, no Tamoyo, no Esporte Clube Monte Alegre (...) Tinha também o São Caetano [Esporte Clube], que tinha [possuía] um cam-



Família Martins

po grande. Depois [alguns anos depois] todos os times grandes de São Paulo vieram jogar aqui (...) Teve (sic) muitos jogos com o Corinthians, com o Palmeiras, com o São Paulo (...) Vinham todos jogar aqui em São Caetano do Sul (...) Me lembro do clube da General Motors (...) Me lembro que o meu pai foi um dos que construíram a General Motors (...) Me lembro do clube da General Motors [principalmente] quando cresci, [pois] dancei muito naquele clube.

(...) Me lembro da formação da Fábrica de Chocolates Pan (...) Eles fizeram uma propaganda tamanha, medonha, com um foguete que andava em cima de um carro pelas ruas de São Caetano (...) [Eles] diziam que ia chover foguete e todo mundo acreditava igual bobo (...) Mas era um marketing que eles estavam fazendo para a inauguração do chocolate (sic).

(...) Posso ainda falar dos Benedetti (sic), que eram fundadores de São Caetano e freqüentavam meu salão (...) Até quando tive salão, porque depois fui servir o gover-

Da esquerda para a direita: Vanice, Maria Aparecida, Felipe, Valdir. Crianças: Valmir, Valquíria, Velci e Vânia. Residência na Rua Josué Fiorotti, 37, Bairro Cerâmica. Ano 1965

no [Exército] (...) Até os 21 anos minha vida foi toda num salão de barbeiro ... porque naquele tempo a gente servia [o Exército] aos 21 anos, mas hoje é aos 18 (...) Depois vendi o salão, porque eu não gostava muito do serviço naquele tempo.

Lembro que meus colegas, um ano antes de eu servir, foram servir e acabaram indo para a guerra [Segunda Guerra Mundial] na Itália. Tive três colegas que participaram do Monte Castello [Batalha de Monte Castello].

(...) Me lembro dos Fiorotti (sic), que tiveram um filho que jogou futebol no São Paulo.

(...) Nós (sic) tinha a sede de futebol do Paraíso [clube] lá na Rua Visconde de Inhaúma, à luz de lampião a querosene (...) Quanto tempo faz! (...) Vi tudo de bom daquela época ... Não existia isso de droga, de porcaria ... Era tudo saudável ... Você podia andar à meia-noite na rua que era tudo tranqüilo.

(...) Trabalhei de barbeiro até os 21 anos (...) Depois servi o Exército (...) Depois trabalhei na fábrica do Caparrós ... Trabalhei lá um bom tempo, aprendendo a fazer chinelo, sapato ... De lá fui trabalhar na Barateli, outra fábrica de chinelos (...) Depois fui para a Elevadores Atlas ... Por lá aprendi o ofício de moldador de fundição. Trabalhei até 1952 ... Saí de lá e fiquei um pouquinho sem trabalhar ... Depois fui para a Metalúrgica São Francisco, onde trabalhei por 16 ou 18 anos ... Aí sofri um acidente e perdi um braço ... Foi então que me aposentei (...) Mas mesmo assim continuei trabalhando ... Trabalhei vendendo pipoca

na rua por 33 anos (...) Tive sete filhos: o Valdir, a Valquíria, a Vanice, a Viviana, a Velci, o Valmir e a Vânia.

(...) Casamento? Eu tô com uma “véia” há 57 anos (...) Meu namoro começou nas festas de Nossa Senhora de Candelária, que era uma pequena capelinha (...) Nessa capelinha o padre Êzio vinha todo fim de semana rezar a missa, e todo ano tinha Festa da Candelária. Uma festa linda: eles enfeitavam desde a Rua Gonzaga até a Candelária ... Tudo com bambu ... Bem enfeitadinho (...) Conheci minha esposa lá (...) Daí veio (sic) o casamento e os filhos (...) Morei na Rua Capotira, antiga Rua Capotira, ... acho que não chama mais Capotira ... Hoje é Nossa Senhora de Fátima ... A casa ainda está lá.

(...) O Toscano era maestro da Orquestra Cerâmica ... Me lembro que um dia eu tava vendendo pipoca e ele foi lá no Joana Motta e me pediu para ir numa Festa de São João no Cerâmica, antigo Cerâmica, não sei se existe mais ... Fiquei até às 4h30 da manhã com minha filha Vanice, porque precisava da ajuda dela (...).

(...) O Joanim jogava futebol junto comigo no Vila Paraíso. Jogava de goleiro ... Terminava o jogo nós (sic) descia e parava aqui perto do Joanim [Supermercado Joanim], onde tem hoje um posto de gasolina mas onde antes ele [Joanim] tinha uma vendinha, e mandava trazer dois, três litros de pinga pra gente beber (...) Ele era uma boa pessoa (...) Jogou futebol comigo lá pra 1945 ... Devia ter uns 18, 19 anos.

(...) O Massei também foi uma grande pessoa. Além de ser prefeito, ele também foi um grande goleiro. Ele jogava no Cerâmica [Futebol Clube]. Só não virou profissional porque o pai dele, o Chicão, não quis que ele fosse ... Não precisava daquilo, pois tinha a venda que depois virou supermercado. Ele trabalhava no escritório da Cerâmica mas era goleiro ... Ganhava o dinheiro dele ... Foi um grande goleiro e um bom prefeito também.

(...) Uma vez eu tava de barbeiro [trabalhava como barbeiro], eu era empregado do Fiori, e o Gildo veio de charrete buscar ele. Queria que ele cortasse a barba do “véio” que tinha morrido lá, porque o filho queria enterrar o “véio” de barba feita (...) O

Fiori (dono de barbearia) e Felipe Martins (à direita), em cinco de fevereiro de 1939



Família Martins



Fotos: Família Martins



O pipoqueiro Felipe Martins diante da Igreja Nossa Senhora da Candelária (1973)

Bodas de Ouro de Felipe Martins e Maria Aparecida

Fiori não teve coragem e eles falaram para que eu fosse. Eu falei: “Eu vou. O morto não vai me fazer nada ... Ele já tá morto mesmo”. (...) Fui lá e fiz a barba do véio”(...).

O Pellegrino [Ângelo Raphael Pellegrino] foi o melhor prefeito dessa cidade (...) Ele só quis ficar quatro anos, mas a turma queria que ele ficasse mais (...) [Antes de ele entrar] a gente pertencia a Santo André, e Santo André deixou a gente sem nada (...).

Depois veio o Massei. O Massei foi um dos melhores prefeitos de São Caetano do Sul ... O Massei, o Campanella, o Braido, esses foram os verdadeiros prefeitos de São Caetano do Sul: fizeram esgoto, fizeram as guias, fizeram o asfalto, puseram tudo em São Caetano esses quatro prefeitos: Pellegrino, Massei, Campanella e Braido.

Maria Aparecida Bordon Martins

Meu nome é Maria Aparecida Bordon Martins. Eu nasci em Olímpia, em 1929. Eu vim para cá, para São Caetano, quando eu tinha 11 anos. Meus pais se chamavam Bruno Bordon e Rosalina Flor Bordon.

Eu tive pouca infância. Eu trabalhei como copeira, governanta, mas eu era feliz. Tinha meus irmãos, meus pais. Era uma família grande ... Tinha muitos irmãos ... Sou a filha maior. Eu ajudei a criar meus irmãos. Quando eu ainda não tinha idade para trabalhar, trabalhava em casa de família. Depois, quando atingi a idade de trabalhar, 14 anos, trabalhei no Matarazzo por

cinco anos. Depois conheci meu marido. A gente namorou ... A gente se casou em 1947. Dessa união tive sete filhos.

Criei todos os meus filhos, graças a Deus! Sou de família pobre, mas a gente era feliz e nem sabia! Eu tô (sic) feliz porque meus filhos estão bem encaminhados, porque eles são felizes (...). Graças a Deus estão todos com saúde.

(...) Quando solteira trabalhei no Matarazzo ... Agora, no momento, moro lá na Rua das Mangueiras, 110, mas já morei em muitos lugares ... Na Rua Capotira e assim por diante.

(...) Nós (sic) era em 11 irmãos, mas faleceram todos pequenos. Mas também faleceram [alguns quando] grandes ... Perdi meus irmãos, perdi meus pais ... Agora somos só quatro irmãos.

(...) Tenho oito netos e três bisnetos que são uma gracinha (...) Eles não me chamam de “bisa”, eles me chamam de “vó”, “vó Cida”.

(...) Meus pais não gostavam do meu marido, porque meu pai era italiano e queria que eu casasse com italiano. E meu marido é de família espanhola (...) Mas depois que a gente se casou, meu pai começou a gostar do meu marido. Queria ele como a um filho (...) A gente namorou, a gente casou em 1947. Depois de 50 anos, fiz bodas de ouro, e o padre Ézio, que casou a gente em 1947, casou a gente de novo nas bodas de ouro.

(*) Sônia Maria Franco Xavier, professora, é a presidenta da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Lauro “Barbeiro”: amor à profissão, ao Clube Atlético Monte Alegre, as raízes

L

auro Escaño Campos, natural de Jaú, Estado de São Paulo, nasceu em três de junho de 1936. Chegou a São Caetano do Sul em 1939 com os pais e irmãos.

O pai, Antônio Escaño Escaño, espanhol de Málaga, já exercia a profissão de barbeiro no interior de São Paulo, e Lauro, aos 13 anos de idade, começou na mesma profissão, ajudando na barbearia da família.

Não parou mais. Até hoje, depois de 56 anos, continua atuando em salões de barbeiro localizados na Rua Amazonas, rua que marca exatamente a divisa entre os atuais bairros Santa Paula e Santo Antônio - esse último bairro, aliás, era conhecido como Bairro Monte Alegre, verdadeiro reduto da colônia espanhola em São Caetano.

Apresentaremos agora, na íntegra, o

Lauro como técnico do juvenil do Monte Alegre, em 1963, no campo do General Motors Esporte Clube. Da esquerda para a direita, em pé: Alfredo Campos, Clodoaldo Vecchi, Tomas, Márcio Crano, Celsinho, Zé Carlos e Lauro. Agachados: China, Walter, Mosquinha, Valtinho e Gordinho



Salão de Lauro, na Rua Amazonas, 965, onde trabalhou como barbeiro por 40 anos. Ao fundo, o sr. Antônio Escaño, pai de Lauro. Da esquerda para a direita: Chico da Farmácia e Lauro. Os meninos não foram identificados

depoimento de Lauro Escaño Campos a respeito de sua própria vida, registrado em sete de março de 2005, na Fundação Pró-Memória.

Antes de começar a trabalhar com meu pai, aos 13 anos de idade, eu ajudava meu tio, sr. Antônio Gomes, em seu armazém de “secos e molhados”, em serviços gerais de atendimento e entrega de mercadorias. Meu tio era pai da dona Vitória, que viria a se casar com o Ricieri Lorenzini, dono de uma rede de cinemas em São Caetano.

Nossa primeira casa, na Rua Amazonas, estava localizada pouco abaixo da atual Padaria Brasília e onde hoje, por sinal, funciona um salão de cabeleireiros. Fiz o curso primário no Segundo Grupo Escolar de São Caetano, em um casarão localizado na Rua Monte Alegre, que depois foi transferido [o grupo escolar] para a atual Escola Estadual Bartolomeu Bueno da Silva, inaugurada em julho de 1954, na esquina da Rua Maranhão com a Espírito Santo.

A minha família não tinha recursos para pagar meus estudos após o curso primário. E também devido aos problemas de saúde do meu pai, (ele sofria de reumatismo), minha mãe vivia pedindo: “Filho, vai



ajudar seu pai na barbearia, ele não agüenta trabalhar sozinho”.

Enquanto ajudava meu pai, minhas irmãs trabalhavam na fábrica de louças da família Toyoda, e uma delas era telefonista da Companhia Telefônica Brasileira, que funcionava na Rua Amazonas, esquina com a Rua Niterói.

Tenho muita saudade daquela época, principalmente das brincadeiras nos parquinhos de diversão, nos campinhos de futebol, onde comecei a tomar gosto pelo esporte, e, apesar de morar no bairro onde estava localizado o Clube Atlético Monte Alegre, comecei a jogar no Piratininga Futebol Clube, que era lá no fim da Rua São Paulo, esquina com a Alameda São Caetano, onde hoje existem as duas pistas da Avenida Presidente Kennedy. Só vim a jogar no Monte Alegre quando o clube construiu seu campo de futebol, na Avenida Goiás, onde hoje está localizado o antigo Paço Municipal. Foi também quando o time precisava de reforços em seu segundo quadro, e nós, ainda garotos, tínhamos que completar o time.

(Na realidade, o clube de futebol do Monte Alegre teve duas fases distintas: o Monte Alegre Football Club foi fundado em 20 de março de 1917, e sobreviveu até o fim dos anos iniciados em 1940, quando foi fechado por problemas políticos: o Partido Comunista Brasileiro utilizava suas dependências para o proselitismo político e ideológico. A segunda fase do clube começou em 1951, com a fundação do Clube Atlético Monte Alegre, que sobreviveu até os anos 70 do século passado.)

Com a morte de minha mãe, em 1954, resolvi casar. Arrumei uma namorada, que é minha esposa até hoje: Ana Escaño, natural de Vinhedo, São Paulo, com quem me casei em 1959. Depois do meu casamento, (eu ainda trabalhava no salão da família), meu pai chegou para mim e disse: “A partir de hoje esta gaveta é minha, e esta outra é sua. Todo o dinheiro que você receber dos seus clientes é seu, pois agora você tem família e vai ter que sustentá-la”. Nesta época meu pai tinha comprado uma máquina elétrica de cortar cabelo, e tenho a impressão que foi uma das primeiras adquiridas aqui em São Caetano.

Nossos fregueses eram todos moradores do bairro, e, como o uso doméstico das lâmi-



Fundação Pro-Memória

nas de barbear ainda não estava difundido, a maioria fazia a barba nos salões, principalmente aos sábados, quando o movimento era dobrado.

MONTE ALEGRE

Eu sempre gostei de futebol. Mais por causa do meu irmão, que jogava muito bem, e eu era apenas um perna-de-pau. O nome dele era Dario, mas todos o conheciam como Úria, e ele jogou no juvenil do Corinthians Paulista e do XV de Novembro de Jaú. Atualmente ele anda muito doente, após ter sofrido um derrame (...). Um dia que nunca esqueci em minha vida foi quando morreu o cantor Francisco Alves [27 de setembro de 1952]. Eu tinha 16 anos e era fã incondicional do cantor, e muito triste tive que jogar futebol na manhã de domingo. Em São Caetano a morte de Francisco Alves causou uma comoção muito forte, pois todo o povo

Lauro “Barbeiro” atendendo seu cliente e amigo Barbosinha, em 18 de março de 2005

Lauro na porta do seu atual salão, na Rua Amazonas, 1022, em 18 de março de 2005



da cidade adorava suas músicas e as cantava pela cidade.

Por sempre morar no bairro chamado Monte Alegre, [o nome nunca foi oficial], minha ligação com o clube que levava o nome do lugar era muito afetiva e emocional, pois fui técnico do

Juvenil Monte Alegre, no início dos anos 60

[do século XX], e lembro que os jovens jogadores

se reuniam, além do futebol, para os bailinhos de domingo ao som da "Pick-up e seus neguinhos". A sede do Monte Alegre ficava na Rua Amazonas, perto da esquina da Rua Piauí, mas depois foi transferida para a

Rua José Benediti, antiga Rua Minas Gerais.

Na década de 50 [do século XX], fui lateral direito titular do segundo quadro do Monte Alegre. No começo dessa década, o clube começou a disputar os jogos pela Liga Sancaetanense de Futebol. Seus maiores rivais eram o 7 de Setembro FC, o Progresso FC, o São Cristóvão, o América do Sul e muitos outros. Nessa época o presidente do clube era o sr. Vítor Cury, mas, por ele ser estrangeiro, a responsabilidade ficava por conta do sr. Sílvio Longo, sendo que o torcedor mais apaixonado pelas cores do clube, que ainda está vivo [esse torcedor], era o sr. José Mombelli, que por sinal é meu freguês. Eu o considero o torcedor "eterno" do Monte Alegre. Em 1963, o Monte Alegre resolveu profissionalizar o time de futebol e participou da terceira divisão de profissionais da Federação Paulista de Futebol. Em 1964 foi campeão da série B, e em julho desse mesmo ano subiu para a segunda divisão de profissionais.

A sua ascensão para a segunda divisão foi devido à desistência do Promeca, clube de Jundiaí. Um dos meus maiores orgulhos como

esportista ligado ao Monte Alegre foi em um jogo decisivo contra o Bandeirantes de Birigui realizado na minha cidade natal, Jaú.

CLIENTELA

A minha freguesia no salão foi formada em décadas de trabalho, com muita tradição, amizade e respeito. O meu salão sempre se localizou na Rua Amazonas, em quatro diferentes locais. O primeiro foi no nº 864; o segundo foi onde hoje é a Casa Lotérica, onde ficamos por pouco tempo; o terceiro, no nº 965, foi onde permanecemos por 40 anos, em um prédio que foi demolido; e, finalmente, onde estamos hoje, no nº 1022. Se eu listar os nomes de todos os meus antigos clientes, serei capaz de cometer injustiças, pois sou capaz de involuntariamente esquecer alguém. Mas citarei os mais conhecidos. Os ex-prefeitos Antônio José Dall'Anese e Luiz Olinto Tortorello, Luiz Antônio Cicarani, Manoel Gutierrez, Luiz Emiliani, Antônio Emiliani, Wenceslau Teixeira, Paulo Tachinardi, Mário Pato Júnior, Oscar Ismael Zanini, Claudemir Costa, Antônio Cruz, José "da Loja Mariana" e centenas de outros.

FAMÍLIA

Sou casado com Ana Escaño e tenho três filhos: Lauro Escaño, Alexandre Escaño e Márcia Maria Escaño. Seis netos: Marília, Cezar, Icaro, Heitor, Murilo e Felipe.

Em resumo, esta é a vida do Lauro "Barbeiro", figura muito popular e querida em São Caetano do Sul. Em 2002, Lauro foi homenageado pelo Rotary Club de São Caetano - Bairro Olímpico por ocasião do Dia do Barbeiro, comemorado anualmente em seis de setembro.

E o futuro, Lauro?

Eu não penso em parar, não! O círculo de amizades que fiz na minha profissão impede que eu abandone o meu salão e meus fregueses, e, além de tudo, preciso trabalhar para manter o nível baixo de vida que eu tenho.

Este é o jovem e eterno Lauro "Barbeiro". (Depoimento gravado na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em sete de março de 2005)



Fundação Pró-Memória

Símbolo da Barbearia do Lauro, desenhado por seu amigo de infância Fernando, na década de 50

Depoimento

Agueda Braido Molinari, 90 anos de memória

mais velho, Pietro, que morou com o pai até se casar, ajudou muito no sustento dos irmãos menores.

AVÓS MATERNOS

Luiz Fiorotti e Rosa Zanetta, imigrantes italianos, vieram para o Brasil no século XIX, instalando-se em São Caetano, onde se apossaram de terras oferecidas por dom Pedro II, terras que passaram a fazer parte do grande sítio da família Fiorotti, situado na antiga Vila Gerty. Nesse sítio, o sr. Luiz Fiorotti cultivava videiras e fabricava um bom vinho que era comercializado na Capital. Segundo a sra. Agueda Braido Molinari (nossa entrevistada), o sr. Luiz Fiorotti deixava os filhos trabalhando no sítio e procurava outros tipos de trabalho. (Foi, por exemplo, servente de pedreiro durante a etapa final da construção do Museu Paulista, no Ipiranga.) Conta-nos, ainda, dona Agueda, que dona Rosa Zanetta, sua avó, foi chamada para amamentar a filha do barão

Escola Italiana
Principe Di Napoli,
1922. Agueda
Braido Molinari é a
sexta criança da
terceira fila (de
cima para baixo e
da direita para a
esquerda)

Maria Carmela e Pietro Braido no jardim atrás da residência do casal em São Caetano do Sul

AVÓS PATERNOS

Giovanni Braido nasceu na Itália, onde se casou com Agata Coan, também italiana. Pouco depois do casamento, a esposa

de Giovanni Braido faleceu, deixando um único filho: Pietro Antônio Braido, com oito meses de idade. Sozinho e com uma criança tão pequena, o sr. Giovanni, sem saber que rumo tomar, decidiu vir, como imigrante, para o Brasil. A viagem de navio foi bastante difícil, e durante ela o menino Pietro foi amamentado por várias senhoras que viajavam para o mesmo destino e com o mesmo objetivo: a busca de uma vida nova e melhor.

Uma vez no Brasil, o sr. Giovanni foi recebido pela família Fiorotti, que já morava em São Caetano, num sítio na antiga Vila Gerty. Nesse local, Pietro ficou aos cuidados da sra. Rosa Zanetta, que o amamentou, pois também tinha uma filha recém-nascida, Tereza.

Algum tempo depois, o sr. Giovanni Braido se casou com Tereza Garbelotto, com quem teve mais nove filhos, e Pietro passou a morar com o pai e a madrasta. Como filho



Agueda Braido Molinari com seis meses de idade



do Rio Branco, em cuja casa permaneceu hospedada, confortavelmente, durante dois anos, com seu bebê. Dona Rosa só voltou para São Caetano quando o filho Daniel, vitimado por um coice de cavalo, adoeceu e veio a falecer. Quando jovem, a filha do barão do Rio Branco, amamentada por dona Rosa Zanetta, vinha sempre ao sítio dos Fiorottis para visitá-la, trazendo-lhe muitos presentes.



Agueda aos 22 anos de idade. Dezembro de 1937



Primeira comunhão de Agueda, na Igreja Matriz Velha, do Bairro da Fundação



Agueda aos 15 anos de idade - 1930

PIETRO BRAIDO

Nascido na Itália, no dia 30 de julho de 1886, Pietro Antonio Braido, órfão de mãe aos oito meses de idade, veio para o Brasil, como imigrante, com o pai, Giovanni Braido. Amamentado por Rosa Zanetta, passou sua infância e parte da juventude no sítio da família Fiorotti, em São Caetano.

Aos cinco anos de idade começou a trabalhar em olarias, trabalho que ocupou a maior parte de sua vida. Em 1914, Pietro Braido casou-se com Maria Carmela Fiorotti, com quem teve seis filhos: Agueda (nossa entrevistada), Renato (falecido), Geraldo, Laura (falecida), Valdemar e Rosa.

Enquanto a esposa, Maria Carmela, cuidava da casa, dos filhos e costurava para fora, Pietro Braido continuava a trabalhar em olarias, já na qualidade de chefe.

Após seu casamento, Pietro passou a morar, com a família, na Rua Heloísa Pamplona (Bairro da Fundação). Alguns anos depois, Pietro Braido ganhou, como prêmio por seu trabalho nas olarias, uma casa, situada na Rua Rio Branco (Bairro da Fundação). Foi a família Perrella, através do sr. João Domingos Perrella, que lhe ofereceu essa casa, onde Pietro morou até 1930. Foi, então, que conseguiu construir uma nova casa para sua família, na Rua Maximiliano Lorenzini (Bairro da Fun-

Fotos: Agueda Braido Molinari

dação). Nessa época, tendo deixado o trabalho nas olarias, montou, com os filhos, um depósito de bebidas - *Depósito de Bebidas Braido*. Foi, segundo nossa entrevistada, sra. Agueda, o primeiro depósito a comercializar o refrigerante Guaraná.

Por volta de 1940, Pietro Braido comprou a venda de José

Fiorotti, junto às porteiças da estação da estrada de ferro, onde Agueda e os irmãos passaram a trabalhar. Entretanto, como Pietro Braido não se sentia com talento para o comércio, vendeu o armazém, por volta de 1944, e parou de trabalhar, dedicando-se, a partir de então, a ajudar os filhos, que estudaram e constituíram família. Gostava de cultivar amizades, relacionando-se muito bem com vários políticos da época.

Com 92 anos de idade, o sr. Pietro Braido faleceu, em 1978. Dois anos depois, em 1980, faleceu sua esposa, sra. Maria Carmela Fiorotti.

AGUEDA BRAIDO MOLINARI

Filha mais velha de Pietro Braido e Maria Carmela Fiorotti, Agueda Braido Molinari nasceu em São Caetano, no Bairro da Fundação, em 12 de fevereiro de 1915.

Agueda estudou, até o terceiro ano, na Escola *Principe Di Napoli*. Muito cedo, come-



Giovanni Braido, pai de Pietro Antonio Braido



Casamento de Agueda e Egídio - Bairro da Fundação

çou a trabalhar. Seu primeiro emprego foi na Indústria Aliberti, onde permaneceu durante sete anos. Trabalhou, depois, nas Louças Cláudia, numa fábrica de botões (Rua Manifesto, Ipiranga - SP) e numa fábrica de meias de fio natural (Mooca - SP).

Em 22 de setembro de 1938, Agueda Braido casou-se com Egidio Molinari, nascido no dia 23 de março de 1910, em Santo Amaro (SP), oriundo de uma família que havia se instalado em São Caetano quando ele ainda era criança. O jovem casal teve duas filhas: Maria Helena e Marta Maria. Com as filhas pequenas, Agueda passou a trabalhar com os irmãos na venda do pai.

O marido de Agueda, Egidio Molinari, que também trabalhara na Indústria Aliberti, passou a confeccionar colchões, ofício que aprendera com o pai e com seu tio Benedito Molinari. Chegou a trabalhar por algum tempo numa loja de colchões, em Santo André, mas preferiu continuar fazendo colchões, em casa, por encomenda.

Egidio Molinari, marido de Agueda, nossa entrevistada, faleceu em 1965, com apenas 55 anos, o que obrigou a mulher a continuar trabalhando. Diante disso, (ela já viúva), o pai de Agueda conseguiu com seus amigos políticos que ela trabalhasse, como servente, numa escola, no Bairro Campestre, em Santo André.

A diretora gostou de minha letra e me encarregou de trabalhar na secretaria, fazendo o livro de ponto e cuidando da escola em sua

Fotos: Agueda Braido Molinari



Geraldo Braido, Agueda Braido e Valdemar Braido

ausência, declara a sra. Agueda Braido Molinari, nossa entrevistada.

Ainda graças à influência política do pai, sr. Pietro Braido, Agueda conseguiu ser funcionária do Estado, passando a trabalhar na Escola Dr. Carlos de Campos, também em Santo André, onde permaneceu por dois anos. Segundo ela, para tomar a condução que a levava para o trabalho todas as manhãs, passava diante da Escola Senador Flaquer, e o sr. Nobre, funcionário dessa escola, vendo-a todos os dias, penalizou-se e convidou-a para ocupar uma vaga que surgira com a morte de um servente. Foi assim que a sra. Agueda Braido Molinari, muito feliz e agradecida com o convite, começou a trabalhar na Escola Senador Flaquer, onde permaneceu até se aposentar, em 1968.

ATUALMENTE

Por herança do marido, dona Agueda ficou com a casa, onde mora até hoje, situada na Rua Senador Roberto Simonsen, 1171. Agora, já com 90 anos, mora sozinha na casa, mas nos conta que suas duas filhas - Maria Helena Molinari (viúva - mãe de três filhos: Maurício, Clarice e Rogério) e Marta Maria Molinari (professora - mãe de Maria Alice)

estão sempre presentes.

Interrogada sobre o que gosta de fazer para ocupar seu tempo, a sra. Agueda Braido Molinari nos disse que cuida da casa e das plantas, que são muitas e lindas. Gosta de assistir a novelas na televisão e, sempre que pode, vai ao Estádio Lauro Gomes, quando joga o Azulão.

A sra. Agueda Braido Molinari, enfim, muito feliz e bem-humorada, declara-se orgulhosa por ser sancaetanense e fala, com muito carinho, de seus quatro bisnetos (Tiago, Camila, Letícia e Bárbara) e dois tataranetos (Gabriel e Ana Clara).



Agueda e Eunice Nobre no Grupo Escolar Senador Flaquer, em São Caetano do Sul

(*) Yolanda Ascencio é professora, pedagoga, advogada, escritora e poetisa



José Bonesso, espelho para uma vida longa e bem-vivida

José Bonesso, em 1989, diante da praça de Esportes Francisco Paolillo, no São Caetano Esporte Clube

Ele tem aquele jeito quase ingênuo de lidar com as pessoas e com a vida, jeito esse que é inerente a todos aqueles que nasceram e foram criados longe das grandes metrópoles. Ao mesmo tempo, convive com um misto de consciência e intuição que lhe proporciona uma inesgotável energia criativa, bem como com uma capacidade encantadora de se voltar para as tendências de outras terras, sem perder as próprias origens.

O massagista profissional José Bonesso nasceu na pequena cidade de Santa Ernestina, (a cerca de 360 km de São Paulo, perto de Taquaritinga), onde viveu apenas oito anos. Com sete meses de vida perdeu sua mãe, Iluminata Bianco Bonesso, o que agravou a já debilitada situação financeira da família, que se ocu-

pava de trabalhos na roça, insuficientes para garantir sustento digno. José recorda-se que estava encarregado de levar o almoço para seu pai, Luiz Bonesso, nos duros trabalhos

na roça. Na realidade, essa tarefa constituía-se num dos poucos momentos de descontração do menino, pois, no mais, era obrigado a realizar trabalhos domiciliares, a fim de ajudar a suprir a ausência da mãe.

Pouco depois de completar oito anos, o pequeno José mudou-se, com a família, para a cidade de Mirassol, mais especificamente para a Fazenda Três Barras, onde viveu até completar 24 anos, enfrentando dificuldades e superando-as com altivez. José já possuía a consciência de que um jovem de pouco mais de 20 anos, que em geral tende a crer que "já sabe tudo", está tão distante da realidade, em sua ignorância faceira, quanto um homem de 80



José Bonesso com o jogador Luiz Pereira, em 1991

anos que tenha a impenetrável soberba de achar que já viu, viveu e entendeu tudo o que tinha para ver, viver e entender.

Daí a razão pela qual, envolto pela humildade de reconhecer suas limitações e ávido por conhecer novas emoções e novos jeitos de viver, conseguiu convencer seu pai a mudar-se para a Capital, atendendo a convite de parentes que residiam em São Caetano do Sul. Este o breve resumo da história de José Bonesso até

chegar à nossa cidade, onde permanece lúcido e saudável aos 91 anos de idade completados no dia 14 de fevereiro último. Reside na Rua Amazonas, número 150, no centro da cidade. Vende saúde e vibra como poucos com as vitórias do seu clube do coração, o Palmeiras, especialmente quando o derrotado é o Corinthians.

Trabalhou na Texaco, na General Motors e na Ford, onde se aposentou aos 65 anos de idade. Em 1945, matriculou-se na Academia ONO, na Capital, onde se formou como massagista profissional. Mas o que de fato o emociona é a lembrança do dia em que conheceu aquela que seria sua esposa e companheira por longos anos. José conta com entusiasmo que tudo aconteceu numa noite de quermesse na igreja do Bairro da Fundação. A jovem Maria Fiorentina estava conversando com uma amiga, o que dificultava a aproximação. No momento oportuno, porém, aproximou-



José Bonesso,
com 91 anos

se, fez a conquista, e seis meses depois estavam casados, em cerimônia realizada na Igreja Sagrada Família.

Da feliz união conjugal nasceram cinco filhos: Luiz Bonesso, atualmente residindo em Franca, interior do estado, casado com Nanci e em segundas núpcias com Aparecida, pai de dois filhos, Luiz Felipe e Viviani, e avô de Beatriz; Pedro, casado com Dolores, pai de uma filha, Renata; Mercedes, mãe de dois

filhos, Wlaber Renato e Ronise Aparecida; Maria Ângela, solteira; e Sônia, residente em Santo André, casada com Décio Vestucci e mãe de Fernanda e Carla.

ESPORTE

O esporte sempre esteve presente na vida de José Bonesso. Trabalhou como massagista no São Cristóvão - tradicional clube do Bairro da Fundação, no América do Sul FC (do mesmo bairro), no General Motors EC, no EC Ford, no time das Casas Bahia, no São Caetano EC e encerrou a carreira na AD São Caetano (quando a equipe disputava a segunda divisão do futebol profissional). A única mágoa dessa carreira, (mágoa essa que José encontra dificuldades para esconder), foi a dispensa,

Com 90 anos, José Bonesso posa ao lado das filhas. Da esquerda para a direita: Mercedes, Sônia e Maria Ângela (em pé)





Estádio Lauro Gomes de Almeida, em 1968, ano em que o América do Sul foi campeão de São Caetano do Sul pela Divisão Especial. Em pé, da esquerda para a direita: Andréa Perrella Neto (presidente do clube), Pavin, Paraná, Tin, Ade, Walter Codelo, Moacir e Pinduca. Agachados: José Bonesso (massagista), Din, Ney, Zezinho, Xixela e Helinho

sem explicações, do São Caetano EC, agremiação que amava.

José Bonesso conta, com brilho nos olhos, três momentos importantes de sua vida como massagista. O primeiro ocorreu na Ford, quando um colega certa vez se sentou em um determinado lugar e imediatamente se viu "travado" e com dores na coluna. Chamado às pressas, José socorreu o homem e, poucos minutos depois, o mal foi debelado. Outro aconteceu quando ele voltava (de ônibus) de um dia de trabalho na Ford do Brasil. O ônibus passava pela Rua Mariano Pamplona, no Bairro da Fundação. Ele foi visto em seu interior e chamado para uma emergência. Desceu do coletivo e se dirigiu a um posto de gasolina, onde um homem estava deitado, gemendo, sem condições de se levantar. O massagista José colocou-o em pé em poucos minutos. Um terceiro momento importante em sua vida teve lugar durante uma partida entre a AD São Caetano, o nosso Azulão, e a Matonense, da cidade de Matão, pelo campeonato paulista. Um atleta adversário caiu com mal súbito. Ele correu na direção do atleta e o socorreu através de respiração boca a boca. Aos poucos o jogador foi se recuperando e, depois de observa-

do pelo médico do clube interiorano, foi encaminhado para o hospital.

José Bonesso pautou sua longevidade num planejamento baseado na ideologia e filosofia ambiental. Isto quer dizer: saúde mediante o respeito ao corpo humano, educação como matéria-prima para o desenvolvimento intelectual da sociedade, segurança e direção segura como elementos de uma boa qualidade de vida e cultura como forma de liberdade de expressão e sentimento.

(*) João Bresciani é jornalista e radialista



Filhos de José Bonesso. Pedro Bonesso (à esquerda) vive em São Caetano e Luiz Bonesso em Franca

Valentino Chies, um craque do passado

A

cidade de São Caetano do Sul sempre foi pródiga em oferecer

talentos para o futebol da Capital, do interior, de outros estados e até do exterior. Observem, no retrato aqui exposto do CA Ypiranga na década de 50 do século XX, que faziam parte dessa equipe quatro atletas formados aqui na cidade: Reinaldo, Gonçalves, Valentino e Elzo.

Um dos destaques dessa leva foi Valentino Chies. Na sua infância praticava vários esportes, e, como freqüentava as dependências esportivas da General Motors, um dia foi chamado para jogar no gol, em substituição ao titular Leonardo Sperate. Foi o suficiente: nunca mais deixou de ser titular. Depois, quando o CA Ypiranga já havia perdido a sua praça de esportes, no bairro de mesmo nome (Bairro Ipiranga), situada na Rua Sorocabanos, esquina com a Rua Silva Bueno, foi ele indicado para jogar no CA Ypiranga por outros atletas que moravam na cidade e jogavam nesse clube, tais como: Reinaldo Zamai, Sérgio Lorenzini, Antônio Gonçalves e Rubens de Almeida. Imediatamente foi contratado e não demorou para ser efetivado como titular. Ficou no CA Ypiranga até 1954.

Valentino, num jogo contra a Ponte Preta de Campinas, levou uma bolada no estômago, pas-



sou muito mal, e por isso ficou hospedado na casa do jogador Runtzer, argentino de Córdoba, residente no Bairro Ipiranga. Depois disso, quase não tivemos mais notícias dele (Runtzer). Muitos anos depois, porém, soube-se que Valentino foi para Córdoba assistir às partidas finais do Campeonato Mundial de Vôlei, e que levou consigo uma foto do CA Ypiranga, na qual estava o amigo Runtzer. Valentino descobriu o endereço e o telefone do argentino, para quem telefonou. A filha do argentino, porém, disse que o pai havia falecido.

O CA Ypiranga, na década de 50 do século passado, foi o maior revelador de jogadores para os grandes times. Num só ano, por exemplo, foram revelados 11 atletas: Osvaldo (Bangu); Valentino e Homero (Corinthians); Belmiro; Dema; Liminha e

General Motors EC, ano de 1950. Da esquerda para a direita, em pé: José Marcílio, Binha, Rino, Alemão, Fiume, Valentino, Exposito, Romeu e Francisco Campanella (diretor). Agachados: Navarro, Divino, Tite, Fubá, Nhenha, Pedrina e Cezar



Nacional AC, ano de 1957. Da esquerda para a direita, em pé: Gonçalves, Roderlei, Travalini, Nino, Valentino e Pixo. Agachado: Paulinho, Jorge, Pádua, Laborato e Élson

Rodrigues (Palmeiras); Rubens (Flamengo); Cilas e Bibe (São Paulo); Reinaldo (Portuguesa de Desportos).

Valentino foi contratado pelo SC Corinthians Paulista, em 1955, a fim de substituir o titular Cabeção, que havia se transferido para o Bangu do Rio de Janeiro. Nesse novo clube, sentia que a torcida não esquecia seu ídolo principal, Gilmar dos Santos Neves, posteriormente bicampeão mundial. Sua permanência não foi muito feliz, pois, numa partida amistosa em São Paulo, sofreu uma grave contusão, ficando oito meses afastado dos gramados, obrigando o clube a contratar outro goleiro.

Em 1957 foi contratado pelo Nacional AC, antigo SPR, clube da estrada de ferro, onde ficou até 1960 e finalizou sua carreira no futebol profissional.

Valentino teve boas e más recordações de sua carreira profissional. Sua maior emoção aconteceu em 1957 quando, já defendendo as cores do Nacional AC, foi convocado pelo técnico Zezé Procópio para a seleção paulista. No Maracanã, os paulistas empataram em um a um com os cariocas. No jogo seguinte, em São Paulo, os cariocas retribuindo a visita ao Rio, os paulistas venceram por um a zero.



Da esquerda para a direita: Santa Chies (mãe de Valentino) e os avós de Valentino: Maria V. Biscaro e André Biscaro

Conheceu no futebol grandes personalidades esportivas, e tem gratidão especial ao técnico Oswaldo Brandão e ao capitão Maurício Cardoso, que foram úteis nos ensinamentos da ingrata posição de goleiro.

Seus colegas de time, que contribuíram muito para seu sucesso no Corinthians, foram o zagueiro Homero e o médico Roberto Belangero.

Valentino, como goleiro, também teve seu dia de *azar*: levou um *frango* do Adãozinho em um jogo do CA Ypiranga contra o XV de Novembro de Jaú. Além disso, defendendo o Nacio-

nal AC, foi o goleiro na célebre goleada do Santos FC sobre o Nacional por dez a um. Nesse jogo, o Nacional saiu na frente, um a zero em menos de três minutos de partida, e isso parece ter mexido com os brios da famosa linha de frente santista: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Foi uma honra para ele, Valentino, enfrentar o jogador mais famoso do mundo: Pelé.

FAMÍLIA

Valentino nasceu em São Caetano do Sul, no dia 23 de março de 1930, na Rua Afonso Pena, nº 61, (casa ainda existente), filho de Martino Chies e Santa Biscaro. O pai, um imigrante italiano vindo de Treviso, chegou ao Brasil em 1921 e fixou residência em São Manuel, interior de São Paulo. Foi trabalhar com agricultura na fazenda do governador Ademar de Barros.

Após um ano de trabalho, Martino Chies transferiu-se para a cidade de Cerquillo, povoado de Chave de Barro, onde conheceu Santa Maria Biscaro, com quem se casou em 1928.

Algum tempo depois, o casal veio morar em São Caetano do Sul, onde nasceram os filhos Valentino e Mário (falecido).

A infância de Valentino foi muito pobre, mas bastante feliz. São boas as recordações dos amigos de infância, especialmente os que praticavam o futebol nos campinhos existen-

SC Corinthians Paulista, ano de 1956. Da esquerda para a direita, em pé: Olavo, Valentino, Alan, Idário, Valmir e Roberto. Agachados: Cláudio, Carbone, Paulo, Rafael e Zezé



tes na Vila Paula. Ele lembra das férias que passava em Cerquilha junto ao avô, André Biscaro, que construiu uma pequena igreja no povoado de Chave de Barro.

Aos sete anos de idade, matriculou-se no grupo escolar de Vila Barcelona, situado na Avenida Goiás, esquina com a Rua Tiradentes, onde concluiu o ensino primário. Dessa época se lembra com saudades dos mestres que lhe ensinaram as primeiras letras, como dona Nute e o professor Epa-minondas.

Matriculou-se no curso básico, no período noturno, no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, onde se formou contador em 1949. A sua foi a primeira turma de contadores formada por esse instituto.

Seu primeiro emprego foi na Repren-sagem e Armazenagem de Algodão, na Rua João Pessoa. Essa empresa foi englobada pela Anderson & Clayton, que cedeu aquele espaço para a General Motors do Brasil. Em 1946 foi trabalhar como auxiliar de escritórios na S.A. Tubos Brasilit, situada na Vila Prosperidade (atual Bairro Prosperidade), lá ficando até o ano de 1950. Posteriormente, iniciou carreira como atleta profissional.

Quando parou de jogar, em 1960, foi trabalhar como administrador na empresa Irmãos Acerbi Ltda., situada na Rua Alegre, em Vila Barcelona (atual Bairro Barcelona), onde deu início a uma nova etapa em sua vida profissional.

Em 1982, ingressou como sócio na empresa de seu sogro, Usinagem de Asfalto, em São Bernardo do Campo, cuja razão social é P. Manzini & Cia. Ltda., lá permanecendo até hoje. Valentino sempre morou em São Caetano do Sul, onde se casou com Odete A. Manzini, no dia 19 de julho de 1956, na Igreja Sagrada Família, em cerimônia realizada pelo saudoso padre Ézio. Deste casamento nasceram os filhos Enzo Chies e Maria do Carmo Chies. Enzo Chies posteriormente se casou com Marli Boucher, com quem teve os filhos Fernanda e Felipe; Maria do Carmo, por sua vez, se casou com Márcio Matandos, com quem teve os filhos Alex e Bruno.

Como admirador de todos os esportes, começou a interessar-se pelas Olimpíadas. Em 1980, foi para Moscou, e depois não perdeu nenhuma outra: 1984 - Los Angeles,



Fotos: Valentino Chies

Corinthians 2 x 1 Ypiranga, Pacaembu.
Da esquerda para a direita: Carbone, Vermelho,
Gonçalves, Travalini e Valentino

1988 - Seoul, 1992 - Barcelona, 1996 - Atlanta, 2000 - Sidney e 2004 - Atenas. Espera ansiosamente ir em 2008 a Pequim.

Valentino, quando regressa dessas viagens, sempre afirma: *Todas as vezes que retorno de minhas viagens, sempre digo que São Caetano do Sul é minha terra querida, onde tenho raízes profundas.*

(*) Narciso Ferrari é empresário e memorialista de São Caetano do Sul

Clube Atlético Ypiranga. Da esquerda para a direita, em pé: Reinaldo, Carabina, Valentino, Travalini, Gonçalves e Paulo. Agachados: Elso, Zé Carlos, Runtzer, Chuna e Belmiro



Exposições

Exposição do projeto Traços e Trilhas: Vestígios dos Antigos Caminhos do Mar em São Caetano do Sul

No dia 27 de janeiro a Fundação Pró-Memória abriu, no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes, exposição sobre o projeto *Traços e Trilhas: Vestígios dos Antigos Caminhos do Mar em São Caetano do Sul*.

O projeto consiste na sinalização de certas ruas de São Caetano que apresentam traçados irregulares, possíveis remanescentes dos antigos caminhos do mar, já que a atual região do Grande ABC tornou-se, entre os séculos XVI e XIX, em virtude de sua localização geográfica, uma área de passagem obrigatória de tropeiros que faziam o per-

curso Planalto-Litoral-Planalto.

A exposição, encerrada no dia 27 de março, foi

composta por textos, fotografias e até mesmo mapas que facilitaram o entendimento do projeto. Explicações sobre os três importantes caminhos que vinham da Serra do Mar em direção a São Paulo, réplicas das placas instaladas pela Fundação Pró-Memória e imagens antigas e atuais das ruas que constituem vestígios desses caminhos formaram os 30 painéis da mostra.



São Caetano em Desfile: A Moda da Cidade em Sete Décadas

A exposição *São Caetano em Desfile: A Moda da Cidade em Sete Décadas*, em cartaz de 22 de fevereiro a 29 de abril, no Salão de Exposições I, mostrou como as diferentes tendências mundiais refletiram-se nas roupas e penteados das pessoas que viviam em São Caetano. Exemplos disso são os vestidos longos e cheios de detalhes do início do século XX, as saias rodadas dos anos 50 e as calças bocas-de-sino da década de 70 do século passado.

A mostra apresentou 35 reproduções de fotografias do Centro de Documentação Histórica da Fundação, além de ilustrações representativas e textos, que fazem referência ao que foi moda em cada década. *São Caetano em Desfile* mostrou ainda reproduções de capas de revistas femininas que tiveram a moda como primeiro enfoque. Destaque ainda para sete manequins vestidos com roupas características de cada época.



Nos Tempos da Pharmácia



São Caetano dava seus primeiros passos como simples vila de São Bernardo quando, em 1914, surgiu a primeira *pharmácia* - com ph mesmo (norma ortográfica que permaneceu até 1943). Falamos de um tempo em que vigorava a medicina caseira. Époça em que começaram a surgir os primeiros estabelecimentos para a preparação e o comércio de medicamentos. E é essa história que o Museu Municipal contou na exposição *Nos Tempos da Pharmácia*.

A principal sala do Museu, denominada Jayme da Costa Patrão, transformou-se em uma verdadeira farmácia, com seringas de vidro, abaixadores de língua, tubos de ensaio, potes de vidro que armazenavam os

medicamentos, chupeteiras, esterilizadores, balanças e estufas. Nas paredes, fotografias mostraram as primeiras farmácias da cidade. A Pharmácia Paolone, instalada em 1921, apareceu em foto de 1927, ao lado de imagens da Pharmácia Monte Alegre, de 1928, da Pharmácia Européa, de 1931, e da Pharmácia Brasil, de 1931.

A exposição *Nos Tempos da Pharmácia* ficou no museu de oito de março a quatro de junho.



Gravura: Arte e Técnica



A primeira exposição de 2005 da Pinacoteca Municipal teve a gravura como tema. *Gravura: Arte e Técnica* ficou em cartaz de 17 de março a 14 de junho. Com curadoria de Roberto Gyarfi, mestre impressor que trabalha com gravuras desde 1973, apresentou 63 obras: 46 da coleção pessoal de Gyarfi e 17 do

acervo da Pinacoteca.

Do seu ateliê, o impressor trouxe múltiplos originais dos gravuristas Aldemir Martins, Alexis Iglesias, Carlos Oswald (o pioneiro da gravura no Brasil), Dumas, Edson Lourenço, Henrique Camargo, João

Tessarini, Lívio Abramo, Maria Bonomi e Paula Pedroso. Do acervo da Pinacoteca foram expostas gravuras, premiadas nos Salões de Arte Contemporânea realizados na cidade, dos artistas Ana Alice, Antonio Vitor, Duilio Galli, Elenir, Evandro Carlos Jardim, Hans Grudzinski, Hannah Brandt, Helio Vinci, Lucilia Mezzotero e Odair Magalhães.

Ao lado de litogravuras, xilogravuras, gravuras em metal, relevos e litogravuras em off-set, completaram a mostra matrizes em pedra, metal e madeira, além de uma bancada com todo o material utilizado no processo de criação e impressão de uma gravura.





Pelos Palcos de São Caetano

Com o objetivo de resgatar a trajetória do teatro amador em São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória promoveu, de 30 de março a três de junho, a exposição *Pelos Palcos de São Caetano*, no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes.

As 27 reproduções fotográficas da mostra apresentaram cartazes e flagrantes de algumas peças encenadas na cidade ao longo do século passado, além de imagens de atores que ajudaram a escrever uma página importante da História cultural sul-sancaetanense. Através da exposição foi possível conhecer os primeiros grupos de teatro que realizavam apresentações nos clubes e agremiações esportivas da cidade, e que mais tarde tiveram apoio de igrejas.



Retratos dos Anos 80

De um arquivo de 1780 negativos saíram 40 fotografias que resgatam paisagens, comportamentos, pessoas e edifícios de São Caetano no início da década de 80 do último século. Essas imagens, de autoria do fotógrafo Almir Pastore, formaram a exposição *Retratos dos Anos 80*, que a Fundação Pró-Memória promoveu de 17 de maio a primeiro de julho, no Salão de Exposições I.

Pastore atuou como repórter fotográfico dos jornais *Folha de São Caetano* e *Sancaentanense Jornal* entre os anos de 1981 e 1983. Registros que ilustraram reportagens de época formam esse arquivo do fotógrafo. Apreciando



os retratos dessa época tão marcante, foi possível recordar como eram alguns estabelecimentos comerciais, indústrias, ruas de São Caetano e, até mesmo, acompanhar o comportamento das pessoas, refletido, por exemplo, no vestuário.

Para complementar a mostra, alguns objetos, como capas de discos e brinquedos que marcaram a década de 80, estiveram expostos. Os visitantes puderam relembrar grupos musicais como Dominó, Menudo e Balão Mágico e brinquedos como os bonequinhos playmobil, a boneca Susi, um ferrorama, o robô Arthur e um Atari.



Ilustres Visitantes:

As Autoridades Políticas que passaram por São Caetano

A exposição *Ilustres Visitantes: As Autoridades Políticas que passaram por São Caetano*, que ficou em cartaz de quatro de junho a 29 de julho, no Salão de Exposições II, da Fundação Pró-Memória, mostrou as diversas autoridades políticas que já passaram pela cidade.

As 27 reproduções fotográficas comprovaram a passagem de importantes

políticos brasileiros e estrangeiros pela cidade, por motivos diversos, desde campanhas eleitorais até eventos culturais. Adhemar de Barros, Franco Montoro, Getúlio Vargas, Jânio Quadros, Laudo Natel, Mário Covas e Orestes Quécia são alguns dos representantes de governos que apareceram na mostra.



Palestra - Maria Bonomi

A artista plástica Maria Bonomi esteve em São Caetano do Sul no dia nove de abril e realizou uma palestra sobre arte pública. O evento, promovido pela Fundação Pró-Memória e pela Pinacoteca Municipal, aconteceu no Teatro Santos Dumont.

Maria Bonomi é italiana, naturalizada brasileira. Desenvolve trabalhos como gravadora, escultora, pintora, muralista, curadora, figurinista, cenógrafa e professora. É presença importante no cenário da gravura brasileira, e já obteve reconhecimento internacional. Doutora em Arte Pública pela Universidade de São Paulo, conta com mais de 40 criações de grandes dimensões instaladas em locais públicos, como o painel *Epopéia Paulista*, a maior obra de arte pública realizada pela artista, instalado na Estação da Luz, em 2004.

A artista já realizou várias exposições



individuais no Brasil e no exterior e tem coleções em museus como o Museum Art (Nova Iorque), Museu do Vaticano (Roma), Museu Bezelel (Jerusalém) e Museu de Arte Moderna (São Paulo).

Seis obras de Maria Bonomi estiveram na exposição *Gravura: Arte e Técnica*, que ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal de 17 de março a 14 de junho.

Dia Internacional dos Museus

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul comemorou o Dia Internacional dos Museus (18 de maio) em dois eventos. No dia 11 de maio, participou da *V Semana de Museus*, promovida pela Universidade de São Paulo, e, no dia 20, promoveu o *Encontro Patrimônio, Governo e Comunidade*, que reuniu instituições de memória do ABC.

A Universidade de São Paulo realiza a Semana de Museus desde 1997. Através de debates e intercâmbio de experiências sobre questões museológicas, tem como objetivo aproximar estudantes e profissionais interessados no desenvolvimento dos museus. A *V Semana dos Museus*, que aconteceu de nove a 13 de maio, teve como tema *Ações Afirmativas em Museus: educar e preservar*, dentro do qual foram discutidos os assuntos: inclusão social, processo curatorial, o papel da pesquisa e modelos de gestão.

Dentro do tema inclusão social, a Fundação Pró-Memória fez uma apresenta-

ção, no dia 11 de maio, sobre o projeto *Memória e Cidadania*, desenvolvido na cidade entre os anos de 2001 e 2003.

Esse projeto resgatou e valorizou a participação do idoso no desenvolvimento da cidade. Mais de 600 pessoas, entre os moradores mais antigos de São Caetano, foram homenageadas. Um dos resultados do projeto foi a publicação do livro *Vozes da Vizinhaça – os bairros de São Caetano por seus moradores*, que apresenta a história de vida de alguns desses moradores.

O Encontro *Patrimônio, Governo e Comunidade* foi promovido pela Fundação Pró-Memória para a discussão e a troca de experiências sobre as legislações, de cada um dos sete municípios do ABC, relacionadas à preservação do patrimônio histórico. Participaram do encontro instituições de memória, secretarias de cultura municipais, as comissões regionais de preservação do patrimônio e demais interessados no assunto.

VIII Encontro de Pesquisadores

No dia 30 de abril, a Fundação Pró-Memória participou do *VIII Encontro de Pesquisadores* promovido pelo Museu de Santo André. Representantes das instituições de memória de todo o ABC, além de dezenas de pesquisadores, participaram do

evento. *A Região do ABC no Tempo dos Bondes* foi o tema da apresentação de André Caram, arquiteto da Fundação Pró-Memória. Neusa Schilaro Scaléa, fotógrafa e coordenadora da Pinacoteca Municipal, falou sobre *Fotografia: Acervo de Memória*.

Uma exposição com o material gráfico produzido pela Pró-Memória desde 2001, como por exemplo as capas da revista *Raízes*, e algumas fotografias do Centro de Documentação Histórica, ficou em cartaz em uma das salas do Museu de Santo André durante todo o mês de abril.



Projetos



Revelando o Passado

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul lançou neste ano o projeto *Revelando o Passado*, uma parceria com a comunidade local que prevê a identificação de fotografias do Centro de Documentação Histórica da instituição.

O acervo conta com cerca de cinco mil imagens, mas algumas delas não possuem legendas de identificação e outras estão com as legendas incompletas. Através de reuniões, abertas ao público, a Fundação pretende finalizar a identificação das fotografias de seu banco de dados.

Nesses encontros, reproduções das fotografias circulam entre os participantes, que podem trocar informações na tentativa da total identificação de cada imagem. Os temas das fotos são variados: de cenas do cotidiano da cidade até assuntos como esporte, educação, política etc.

A participação de cidadãos que viveram diretamente os fatos retratados nessas imagens, bem como conheceram os protagonistas desses eventos, é extremamente importante para a documentação da história da cidade, afirma a presidente da Fundação e idealizadora do projeto, Sônia Xavier.

Todos os munícipes que, há pelo menos 50 anos, vivem em São Caetano do Sul, estão convidados a participar, na primeira quarta-feira de cada mês, das reuniões na sede administrativa da Fundação. Cerca de 50 fotografias passarão pelo processo de identificação a cada encontro.

(*) Paula Fiorotti é jornalista

Heranças e Lembranças

No dia seis de maio, a Fundação Pró-Memória assinou protocolo de intenções para uma parceria com a produtora Multi TV. A assinatura aconteceu no Gabinete do Prefeito. O acordo prevê a veiculação de um programa de televisão denominado *Heranças e Lembranças*, que apresentará depoimentos das pessoas mais representativas da cidade em diversos campos: profissional, político, científico, musical, artístico, comercial etc. As gravações já começaram e estão sendo feitas no Museu Histórico Municipal.

Fábio Ventura

Fotos: Centro de Documentação Histórica FPMSCS, Coleção Fábio Ventura



Arquivo Fábio Ventura 11 e 6 - Depósito de fardos de palha de madeira, década de 1950. Vemos Fábio Ventura sentado em um dos fardos

O Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória recebeu neste ano a doação de um importante conjunto documental de Fábio Ventura. Nestes documentos, podemos ter uma visão panorâmica das atividades deste importante personagem da História de São Caetano como cidadão, empresário e vereador por seis legislaturas consecutivas, de 1957 a 1980.

Neste número de *Raízes* iniciaremos a divulgação deste material mostrando Fábio Ventura, o empresário. Vemos nestas imagens dois momentos da Forrageira Brasil, fundada por seu pai, Luiz Ventura na década de 40 do último século. Esta empresa que produzia palha de madeira para embalagens encerrou suas atividades no início da década de 2000.

Fábio Ventura e operários durante a produção e transporte da palha de madeira, década de 1970



Revelando o Passado

A Fundação Pró-Memória iniciou neste ano o projeto Revelando o Passado, com o objetivo de envolver a comunidade sulsancaetanense no aprimoramento da identificação de fotografias que formam o acervo do Centro de Documentação Histórica. (Através de reuniões mensais abertas à participação de pessoas ligadas a diversos setores da cidade: esportes, igrejas, escolas etc.) Além das reuniões, também são promovidas atividades de identificação durante a realização do Governo Bairro a Bairro, projeto da Prefeitura Municipal.

Apresentaremos algumas das fotos identificadas até o momento. Participaram deste trabalho: Antônio Carlos Adolfo, Antônio Donizete do Carmo, Cícero Maria, Genil Del Santi, Ismael Leite Gomes, João Bresciani, João Rodrigues, José Bonifácio de Carvalho, José Gomes de Souza, Márcia Regina Melloni Valle, Mário Porfírio Rodrigues, Mauro Chekin, Neide Figueiredo, Nelson Ap. Colvas, Olga Molinari, Paulo Luís Zucatto, Pedro Datílio, Rita Terezinha Zucatto Rubin, Sandra Cristina Monteiro, Walter Figueira e Therezinha Dario Fiorotti.

Foto: Fundação Pró-Memória



Time do General Motors Esporte Clube no *Estádio dos Eucaliptos* (campo da General Motors), s.d. Da esquerda para a direita, em pé: (?), Gonçalves, Vlade, (?), Primo, Oto e Mário Venelli (técnico). Sentados: (?), (?), Levi, Nheque e Alcino

Antônio Flávio da Silva (Caxambu), técnico de futebol do Clube Gisela, s.d.



Foto: Fundação Pró-Memória



Representantes de São Caetano nos Jogos Abertos do Interior deixam os troféus no Gabinete do prefeito, década de 1970. Da esquerda para a direita: Glenir Santarnecci, Toninho dos Esportes, Rubens Mancini, Dr. Raimundo da Cunha Leite (prefeito), Frederico Corsiurca (Fidu), Jairo e Luiz Poveda

Abertura dos Jogos Abertos do Interior, realizados em São Caetano do Sul, 1964. Vê-se Antônio Santarnecci ao lado do portador da tocha olímpica



Inauguração da Escola Municipal de Línguas Paulo Sérgio Fiorotti, 1990. Da esquerda para a direita: João Tessarini, Leila Dario Foroni, Narciso Dario, Mafalda Dario, Rose M. Fiorotti, Lauro Fiorotti, Terezinha Dario Fiorotti, Avelina Romanelli Tortorello e Luiz Olinto Tortorello (prefeito)

Da esquerda para direita:
chefe Santana (Grupo
Escoteiro João Ramalho),
Hermógenes Walter Braido e
João Anhê, s.d.



Foto: Fundação Pró-Memória



Grupo Escoteiro "*Missão Católica Espanhola*". As garotas em pé eram escoteiras; as sentadas, *lobinhos* (de 07 a 10 anos)

Foto: Fundação Pró-Memória

Participação dos escoteiros no desfile comemorativo ao Sete de Setembro, na Av. Tijuçu. Em primeiro plano, membros do Grupo Escoteiro Itaipu, 1974



Reunião do grupo dos autonomistas com o governador Adhemar de Barros no palácio dos Campos Elíseos, 1947. Da esquerda para direita, em pé: Antônio Lojudice, Carlos Paez, André Malateaux, (?), Antônio Dardes Neto, Mário Porfírio Rodrigues, Sigolo, Walter Thomé, Jacob João Lorenzini, (?), Heitor Bisquolo, Antônio Emídio Oereira de Barros. Sentados: Concetto Constantino, Oswaldo Bisquolo, Bruno Bisquolo, Adhemar de Barros, Alfredo Maluf, Fernando Piva, Orlando Souza e (?)



Foto: Fundação Pró-Memória



Entrega de pão a domicílio na Rua Rafael Correia Sampaio, em frente ao número 1273. Da esquerda para a direita: Abel (padeiro), Eneida Salmozo, Irene Salmozo e João Salmozo em foto de 1963



Membros da Congregação Mariana da Vila São José, década de 1960. Da esquerda para a direita, em pé: Felício Castelli, Nelson Oste, Mário Vieira, Gabriel Oste, Sérgio Oste, Antônio Sérgio de Freitas, José de Souza e Antônio Bertim (Toninho). Sentados: Valdir Segatin, Mário, Otávio Gonçalves Borges, Sr. Artur e Narciso

Angelo Zucatto. Ao fundo, o Morro do Penteadado, atual Bairro do Heliópolis, s.d.





Sérgio Lorenzini e seus pais
Luiz Lorenzini e Santa
Cavana Lorenzini, em foto
da década de 40

Congregação
Mariana da Igreja
Matriz do Bairro
da Fundação, ano
1925





Congregação Mariana da Igreja Matriz do Bairro da Fundação (1924)



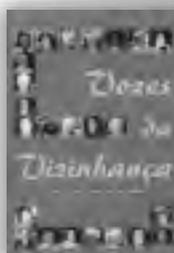
Primeiro encontro de veteranos do grupo amador A Turma (anos 60), em novembro de 1995. Da esquerda para a direita, em pé: Dárcio Martorelli, Marco Antônio Rivani, José Maria Medeiros de Souza, Dário Cavana, João Fernandes, Milton Andrade, Roberto Fraga, Paulo Domingues, Marcelo Rivani, Mário Dal'Mas e Waldemar Gianotti. Sentados: Jayme da Costa Patrão, Yeda (Dedê) Feijão, Ângela Peduto, Ida Peduto, Magali Andrade, José Bonifácio, Vera Carvalho, Zenaide Cavana e Rodrigo Cavana

Revista Raízes



Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul

Livros



Ação educativa



Pesquisa Histórica



Exposições



Museu



Pinacoteca



SEDE ADMINISTRATIVA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
HISTÓRICA

PINACOTECA MUNICIPAL
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Telefones: 4221-9008 ou 4221-7420

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Tel: 4229-1988

SALÃO DE EXPOSIÇÕES I
Avenida Goiás, 600 - térreo

SALÃO DE EXPOSIÇÕES II
Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566

VOCÊ PODE CONHECER
NOSSO SITE!

www.fpm.org.br

História da cidade, história dos bairros,
pontos históricos, fotografias, mapas,
programação de exposições, eventos,
notícias e muito mais!

ISSN 14153173

